



DESDE 8 DE ABRIL DE 2000

# rascunho

259  
Nov. 2021

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

ARTE DA CAPA: JOANA VELOZO





6

**Entrevista**  
Javier Cercas



36

**Os diários de Kafka**  
Tomaz Amorim Izabel



19

**Inquérito**  
Reginaldo Pujol Filho



38

**Poemas inéditos**  
Ivan Junqueira



24

**Paio Literário**  
Edyr Augusto



42

**Vaso pés semente**  
Claudia Lage



**rascunho**  
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.  
CNPJ: 03.797.664/0001-11  
Caixa Postal 18821  
80430-970 / Curitiba - PR

[rascunho@rascunho.com.br](mailto:rascunho@rascunho.com.br)  
 [www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)  
 [twitter.com/@jornalrascunho](https://twitter.com/@jornalrascunho)  
 [facebook.com/jornal.rascunho](https://facebook.com/jornal.rascunho)  
 [instagram.com/jornalrascunho](https://instagram.com/jornalrascunho)  
 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

**EDITOR**

Rogério Pereira

**EDITOR-ASSISTENTE**

Luiz Rebinski

**EDITORA DE POESIA**

Mariana Ianelli

**EDITOR DE FICÇÃO**

Samarone Dias

**DIRETOR DE ARTE**

Alexandre De Mari

**REDAÇÃO**

João Lucas Dusí  
Raissa Micheluzzi

**DESIGN**

Thapcom.com

**IMPRESSÃO**

Press Alternativa

**COLUNISTAS**

Alcir Pécora  
Carola Saavedra  
Eduardo Ferreira  
Fabiane Secches  
João Cezar de Castro Rocha  
Jonatan Silva  
José Castello  
José Castilho  
Luiz Antonio de Assis Brasil  
Maira Lacerda  
Nelson de Oliveira  
Nilma Lacerda  
Noemi Jaffe  
Ozias Filho  
Raimundo Carrero  
Rinaldo de Fernandes  
Rogério Pereira  
Tércia Montenegro  
Wilberth Salgueiro

**COLABORADORES DESTA EDIÇÃO**

André Caramuru Aubert  
Claudia Lage  
Cristiano de Sales  
Daniel Moraes  
Edma de Góis  
Helena Zelic  
Ivan Junqueira  
Júlia de Carvalho Hansen  
Linda Gregg  
Luiz Horácio  
Luiz Rebinski  
Marcelo Torres  
Maurício Melo Júnior  
Paulo Sabino  
Stefania Chiarelli  
Tomaz Amorim Izabel  
Victor Simião  
Wanda Monteiro

**ILUSTRADORES**

Aline Daka  
Carolina Vigna  
Dê Almeida  
Denise Gonçalves  
Fabiano Vianna  
Fabio Abreu  
Fabio Miraglia  
Joana Velozo  
Maira Lacerda  
Oliver Quinto  
Raquel Matsushita  
Thiago Lucas  
Vitor Pascale

**jonatan silva**  
VIDRAÇA

**Gurnah chegando**

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Abdulrazak Gurnah, o tanzaniano Nobel de Literatura deste ano, que permanecia sem editora no Brasil até ser premiado pela Academia Sueca, agora já tem casa por aqui. A Companhia das Letras anunciou que irá publicar quatro livros do escritor em 2022. Como fez com Louise Glück (2020), Svetlana Alexievich (2015), tão logo o nome de Gurnah foi divulgado, a editora correu para adquirir os direitos para publicá-lo no Brasil. Segundo comunicado da Companhia, os títulos previstos são: **Afterlives** (o mais recente), **By the sea** (2001), **Paradise** (1994) e **Desertion** (2005).

**É a Penny Hancock**

E por falar em autores inéditos no Brasil, a inglesa Penny Hancock, finalmente, desembarca por aqui. **Eu nem sei quem você é**, publicado originalmente em 2019, é o primeiro, dos seus quatro romances, a ser vertido para o português. Narrando a história de um conflito entre os filhos de duas amigas inseparáveis, o livro é um drama eletrizante e comovente, que coloca em xeque as noções sobre lealdade e rivalidade. Com tradução de Davi Boaventura, o romance sai pela Dublinense.

**O passado revivido**

Com um enredo que faz o Brasil de séculos passados parecer o país que vemos no noticiário de hoje, **Homens cordiais**, novo romance de Samir Machado de Machado, retoma os personagens de **Homens elegantes**, seu livro anterior, para criar uma narrativa cheia de aventuras e intrigas.

**Cazuza de novo**

O jornalista Luiz Felipe Carneiro, do canal *Alta Fidelidade*, está preparando uma nova biografia sobre o cantor e compositor Cazuza. O livro, que conta com o aval da família do ex-líder do Barão Vermelho, deve ser publicada em 2022. Ainda não há informações sobre a editora que irá encampar o projeto. Carneiro é autor de **Rock in Rio**, sobre a história do maior festival de música do país.

**Luto na tradução**

Na primeira semana de outubro, o Brasil perdeu dois dos seus mais importantes tradutores. Ivo Barroso, responsável por verter para o português obras de Umberto Eco, Edgar Allan Poe, André Gide e Italo Calvino, morreu no dia 5, aos 91 anos. Bernardina da Silveira Pinheiro, autora da segunda tradução em português de **Ulisses**, de James Joyce, morreu aos 99 anos, dois dias depois de Barroso, em 7 de outubro, vítima de pneumonia. Pela tradução do clássico de Joyce, a professora Bernardina recebeu, em 2006, o Prêmio Jabuti.

**Breves**

- Milton Hatoum participa no dia 17, a partir das 18h30, da Festa das Linguagens (Flim), do colégio Medianeira, de Curitiba. O evento é gratuito e online: [colegiomedianeira.g12.br](http://colegiomedianeira.g12.br).
- Marco Severo publica pela Moinhos seu novo livro. **O silêncio daqueles que vencem as guerras** é composto por 19 contos que, apesar de independentes, articulam um fio condutor que pretende levar o leitor a uma viagem no tempo e no espaço.

- A Yellowfante, selo do grupo Autêntica, publicará uma antologia de João Anzanello Carrascoza. **O mínimo imenso** tem organização de Juliana Galvão.

- Sempre favorita ao Nobel, Anne Carson terá seu livro de memórias, **Autobiografia do vermelho**, publicado pela Editora 34.
- Com tradução de Denise Bottmann, a L&PM publica sua edição de **1984**, clássico de George Orwell que entrou em domínio público neste ano.

- Sally Rooney, autora de **Pessoas normais**, recusou a tradução para o hebraico de seu novo romance, **Belo mundo, onde você está**. A razão é o apoio da escritora ao povo palestino.



## eu, o leitor

cartas@rascunho.com.br

### Muita criatividade

Ponto para o *Rascunho* [edição 258], com o tripé criativo, reflexivo e conciso de José Castello e Haron Gamal [resenha *Amores secretos*], motivador da leitura!

**Dilma Bittencourt** • Rio de Janeiro - RJ

### Bela Didion

Caricatura de Joan Didion por Fábio Miraglia, simplesmente um primor [edição 258].

**Aurélio Prieto** • São Paulo - SP

### No Twitter

Um escritor eleito para uma Academia de Letras? Hoje em dia? Absurdo! [sobre a notícia da entrada de Humberto Werneck para a Academia Mineira de Letras]

**Alessandro Dogman**

Adorei. Não leio prefácios porque já topei com *spoilers*, críticas bestas e “enrolation”. Isso quando a pessoa não tenta ser melhor que o autor. [sobre a crônica *Prefácio, posfácio e eufácio, de Ana Elisa Ribeiro*]

**Tinah Lopes**

Mais um escritor africano para conhecer, e da Tanzânia, mais um país para se conhecer. Eu acho que é isso. Essa é a função do prêmio dar visibilidade a quem é capaz de desvendar histórias difíceis que poucos viveram. [sobre a matéria *Abdulrazak Gurnah, da Tanzânia, ganha Nobel de Literatura 2021*]

**Oblomov**

Bela conversa. [sobre o papo entre Carola Saavedra e Joca Reiners Terron na coluna *Conversas flutuantes*]

**Roger Rocha**

Esse texto do Ruffato na abertura da feira de livros de Frankfurt é demolidor! Leitura obrigatória. [sobre o texto *Discurso em Frankfurt, de Luiz Ruffato*]

**Fabio Minervini**

### No Instagram

Aguardar o *Rascunho* impresso é mais emocionante do que esperar carta de amor pelo correio!

**Tatiana Brechani**

Quando o *Rascunho* chega, é sorriso aberto na hora.

**Morgana Kretzmann**

O *Rascunho* é uma carta de amor à cultura literária.

**Bruno Sant'Anna**

### No Facebook

Um pensamento poderoso, este contido no texto [o de que autores africanos exercitam, desde sempre, a “literatura decolonial”]. Tão simples quanto profundo. [sobre o texto *O que esperam os leitores dos escritores africanos?, de João Melo*]

**Cristina Gemmino**

Tanto escritor brasileiro que poderia ser premiado... Dão o prêmio para qualquer desconhecido. [sobre a matéria *Abdulrazak Gurnah, da Tanzânia, ganha Nobel de Literatura 2021*]

**Maximiliano da Rosa**



arte da capa:  
JOANA VELOZO



## eduardo ferreira

TRANSLATO

# POESIA EM TRADUÇÃO

É sempre importante voltar à poesia quando que se fala em tradução literária. Eis aí o suprasumo de tudo o que significa a tradução, de tudo o que envolve essa tarefa sempre tão árdua e espinhosa: traduzir poesia é transportar o formato e transformar os sentidos. Não há como contornar.

Revirando os livros de minha parca biblioteca, deparei-me com a obra *Poesia francesa — Pequena antologia bilíngue*, com organização e tradução de José Jeronymo Rivera. São 55 poemas, de 30 autores, cobrindo a longa extensão de sete séculos de literatura. Entre os nomes mais conhecidos, figuram Victor Hugo, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine e Paul Valéry.

O livro conta com instigante prefácio do poeta e tradutor Anderson Braga Horta, sobre o qual, aliás, vou ater-me aqui. Sobre a obra em si, sobre a tradução de Rivera, deixo que o próprio Braga Horta se exprima: “Passados pelo crivo de seu labor metuculozo, incansável, e apaixonado,

os versos desses notáveis transfundem-se num português que se lhes faz congenial”.

Mas voltando ao prefácio, este começa com uma provocação: por que traduzir poesia? Poderíamos acrescentar: por que traduzir algo que é sabidamente impossível e, mais do que isso, de resultado invariavelmente controverso e imperfeito? Na poesia, será que não seria melhor, para ser desde logo sincero e realista, optar por traduzir apenas o sentido; ou senão, por transportar apenas a forma ou o som, sacrificando de vez o sentido?

Braga Horta assevera, a propósito, que “a cruel e tão bem-achada expressão italiana *traduttore, traditore* não se aplica tão-só aos que se atrevem a traduzir poemas, mas, decerto, a eles melhor do que a ninguém”. E contesta a própria diferenciação que acaba de fazer acima, e que é corriqueira nas reflexões sobre a tradução da poesia: “Em se tratando de poesia, como discernir entre forma e substância, ou conteúdo?”

Em seu prefácio, citando estudiosos da tradução ou com reflexões próprias, Braga Horta toca em pontos nevrálgicos da versão da poesia, lançando luzes sobre algumas das questões fundamentais da matéria. A linguagem é por si só esquivada e ambígua: impossível apreendê-la em todo o sentido. Como expressão maior dessa

característica da linguagem, a poesia se revela especialmente avessa à compreensão cabal e, naturalmente, à tradução.

Diz-nos o autor do prefácio: “Ora, na poesia, em que, o mais das vezes, importa antes o *clima* que a *informação*, a *sugestão* que o *conceito*, e em que a *música* e a *imagem* sobrelevam a *lógica*, é preciso não apenas traduzir (ou verter): é preciso, sobretudo, *recriar*; ou *transcriar*, como querem os irmãos Campos”.

A análise do poeta e tradutor contempla, com felicidade, a essência mesma da versão de versos. O texto não pode nem ser lido, muito menos traduzido, com base apenas na literalidade da palavra. Tem que entrar nesse processo elementos extratextuais, como o clima, a música e a imagem. Elementos, aliás, subjetivos, que vão depender, em boa parte, da circunstância do leitor e do tradutor. Daí a necessidade de recorrer à criação, à invenção, à transcrição.

A tradução de poesia, mais do que qualquer outra, precisa ser um exercício vitalizante. Há que identificar no texto elementos imprevistos ou não facilmente detectáveis numa primeira leitura. A poesia é um texto vazado, esperando o preenchimento que, já na ausência do autor, deverá vir do leitor/tradutor.

Podemos terminar com a resposta à pergunta de Braga Horta que transcrevi acima. Ele mesmo responde: “Pela mesma razão por que se faz poesia”. Nada mais a explicar. 🗨



## rinaldo de fernandes

RODAPÉ

# LAÇOS DE FAMÍLIA E O TEATRO DA HARMONIA PRECÁRIA (1)

O conto *Laços de família*, de Clarice Lispector, se constitui de quatro movimentos básicos. *Primeiro movimento*: A cena do táxi de Catarina com sua mãe, Severina. No momento em que as duas se chocam, é deflagrada a epifania. Catarina passa a refletir sobre sua condição de filha: “[...] sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe”. Se houve “um tempo” em que filha e mãe eram próximas, chegadas uma à outra, que laços agora sustentam a relação de Catarina com Severina? O processo epifâ-

nico instalado, o foco narrativo privilegia e/ou sonda mais detidamente a interioridade de Catarina e passa a revelar o modo como esta percebe a convivência (delicada, precária, melindrosa) com a mãe. *Segundo movimento*: A cena da despedida na estação. Severina já instalada no interior do trem, Catarina observa de repente (soa como uma descoberta) que a mãe está “envelhecida” e tem “os olhos brilhantes”. Severina à janela do trem, admirando-se no espelho, examinando o novo chapéu, e com um “ar excessivamente severo”, diverte Catarina. A filha, neste momento na estação, descobrir que a mãe está envelhecida, que tem olhos brilhantes, que deixa uma expressão severa no modo como se contempla no espelho — isto tudo revela algo fundamental no processo narrativo de Clarice Lispector. É quando o conhe-

cido se torna suspeito. O familiar se torna estranho. O olhar que estranha e/ou cisma é que conduz à epifania, à iluminação a que chega a personagem por meio de indagações e/ou especulações acerca da própria existência, do estar-no-mundo. Ao descobrir uma mãe que lhe é estranha, Catarina deduz: “Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso”. Não se trata de desamor, mas, nos termos da personagem, de um convívio doloroso. Aqui a síntese do que são os laços de família no conto: são laços que podem se esvaziar por força das convenções e, sobretudo, dos fingimentos que camuflam desavenças, modos de sentir e de ser dessemelhantes. Isto já fica configurado no início do conto, com o desconforto de Antônio, marido de Catarina, com a presença, por duas semanas, da sogra na residência do casal. Nesse período, conforme o narrador, genro e sogra “mal se haviam suportado” e “os bons-dias e as boas-tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia [Catarina] querer rir”. Porém, na despedida, a sogra faz esta observação para agradar o genro: “Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um”. Antônio neste momento “aproveita sua gripe para tossir”. É o teatro da harmonia precária. 🗨



pu  
bli  
que!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão  
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu  
livro/ebook**

  
**thapcom**  
design + ideias

 (41) 99933-4883

[www.thapcom.com](http://www.thapcom.com)





**José Castello**

A LITERATURA NA POLTRONA

# O DISFARCE DO CACHORRO

Ilustração: **Denise Gonçalves**

**D**iscórdia, agressões, violência. Onde tudo isso começou? Lendo — como um detetive — uma das cartas de Valter Hugo Mãe a Marcelino Freire, acho que encontro uma pista: “Eu dei de barato tantas coisas sobre a paz que talvez tenha esquecido de estudar corações, o verdadeiro lugar da guerra”. Sim, Mãe está certo. Não é que tudo se inicie dentro de nós, não somos o centro do mundo. Mas, em nosso interior, tudo fermenta e se decide.

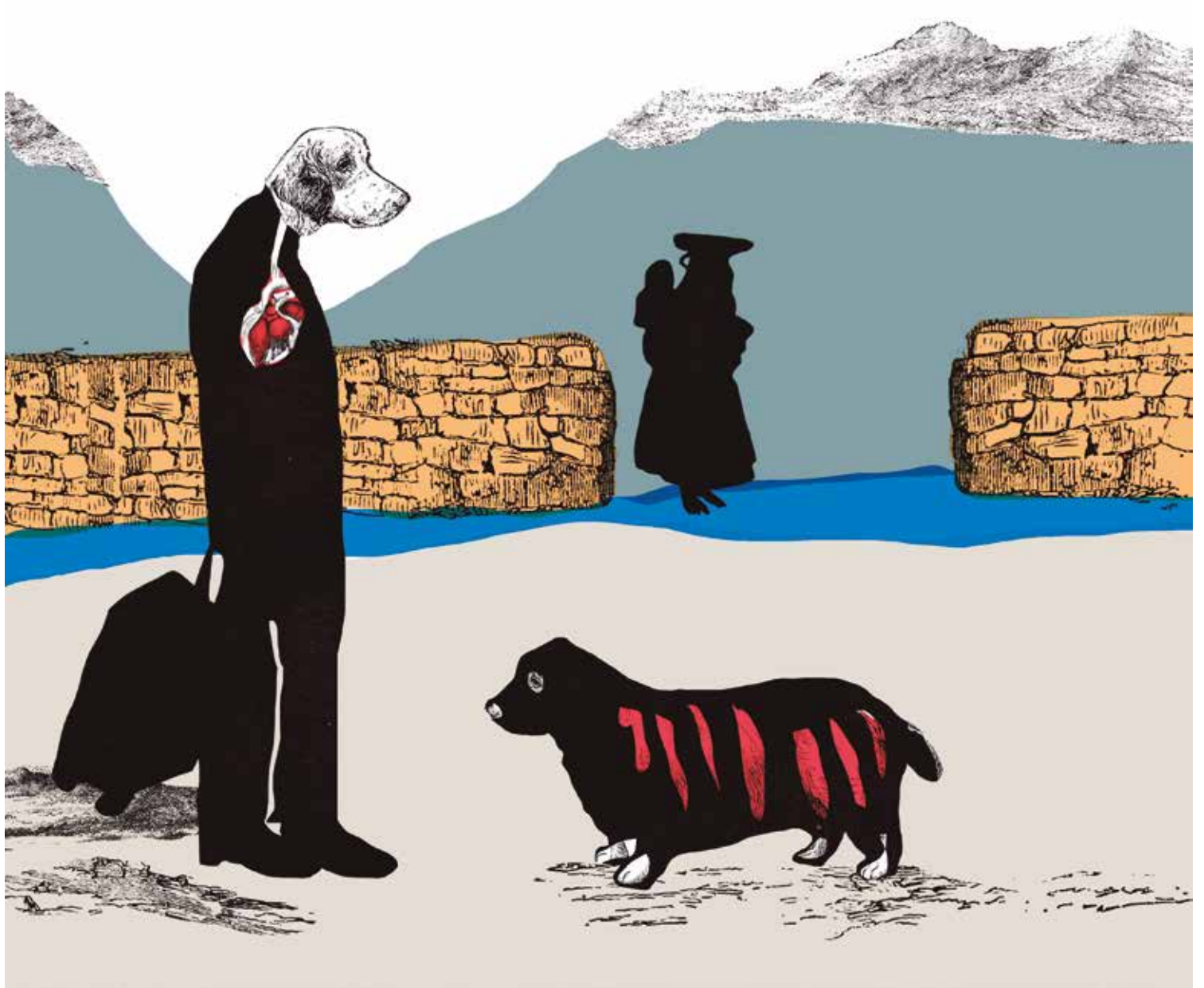
No mês passado, falei aqui de Lucílio, o velho cão do senhor Dirceu. Pois os cachorros continuam a me perseguir. Agora é a imagem de Tambo, um cão leproso que conheci em Puno, no Peru, que me volta. Vale recordar. Chego de Cuzco, onde passei uma semana. Hospedo-me em um hotel diante do Titicaca. Exausto, arrasto minha mala para a recepção. Ainda do lado de fora, deitado sobre um dos degraus, vejo o cachorro.

Grande. Gordo — ou será inchado? O corpo coberto de feridas. Sem se erguer, ele abana o rabo. Meu primeiro impulso é largar a mala para lhe acariciar a cabeça. A visão das feridas — a lepra — me detém. Ainda resmungo: “Lamento muito, meu amigo”. Sei que ele não pode me compreender. Falo comigo mesmo. Lamento por meu medo, que é também prudência. O falso amigo sou eu mesmo.

Não me mexo. Tambo — assim eu o batizei depois, em homenagem a Ollantaytambo, onde estive para uma visita turística — crava seu olhar direto em mim. Sei que me aproprio, um pouco, de Mr. Bones, o cão de Paul Auster, protagonista do romance **Timbuktu**, de 1999. Mas Mr. Bones está bem, quem está à morte é seu dono, o poeta Willy. Aqui é o contrário: é Tambo, o cão, quem agoniza. Porque ele só pode estar morrendo.

Por sorte minha mala não é grande, posso levá-la no colo, sem importunar Tambo. Era a ele, o cachorro, que eu devia abraçar, mas o nojo e a higiene me impedem. Deixando-o para trás, entro na recepção do hotel, cheio de raiva de meus valores humanos. Vergonha de ser humano. Culpa de ter tantos pudores e de tomar tantas precauções. O velho do balcão conserva cabelos negros e espetados, que deviam estar na pele de Tambo. Quando fala, mostra uma língua vermelha e cheia de sangue, que devia estar na boca de Tambo. É um ladrão de cachorros. Que absurdo roubar um cachorro que agoniza.

Pergunta o que desejo. “Quero adotar aquele cão”, eu digo, surpreso com o que digo. “O



que o senhor disse?” Dentro de seu corpete brilhoso, está desconcertado. Acho que vai babar. Acho não: ele baba. De repulsa? De raiva? Talvez me diga que a raiva seja a doença do cão que se deita à entrada do hotel. Ainda me adverte: “O senhor não tropeçou no...” Corto-o. Não quero ouvir o nome falso de Tambo. “Tenho uma reserva e estou com pressa”.

Entrega-me a chave do quarto. “Hotel Libertador”, está escrito. A que libertador se refere? Será Simon Bolívar? O nome é uma advertência: a mim, o viajante sem escrúpulos, cabe libertar aquele cão que sofre. Libertar de quê? De si mesmo. Resgatá-lo. Adotá-lo. Levá-lo comigo de volta para o Brasil. Mas o leitor já percebeu: esse é um papel que eu, embora queira, embora o deseje com um ardor louco, não posso sustentar.

Nem bem cheguei ao hotel e já fracassei. Devo subir a meu quarto, mas antes preciso dar mais uma olhada em Tambo. Para quê? O que espero ver? Não sei. Não afagarei o cachorro. Não tocarei nele. Não lhe darei a comida que deseja, nem o levarei a um veterinário. Existem veterinários em Puno? Na internet, descubro depois uma clínica chamada Señor de los Milagros. Mas como eu carregaria Tambo até seu milagre?

Nenhum taxista aceitará levá-lo. Ninguém do hotel. Estamos presos na escadaria da entrada. Creio que Tambo já não consegue se levantar. Mais um motivo para que eu o adote, penso. Para que eu o leve comigo para o Brasil e lhe dê uma vida digna. Uma morte digna, que seja. Penso isso — mas por que penso isso? Por que esse pensamento, mesmo absurdo e irrealizável, não me abandona?

Chego a meu quarto. Apertado. Escuro. O banheiro é antigo, a torneira pinga. A torneira chora, ou sou eu que choro? Penso então no coração em guerra de que fala Valter Hugo Mãe. Um campo de batalha. Uma luta que não se resolve, seja a solução que eu venha a lhe dar. Não basta fazer, pois a divisão continua. Não há uma solução, mesmo quando a coisa se resolve. A guerra é contínua. Perpétua. É a guerra que leva o coração a se mover.

Procuro o telefone de um consulado. Só há um consulado em Arequipa. Tento. A essa hora, ninguém atende. Poderia ligar para a embaixada, em Lima, mas esbarrarei no mesmo silêncio. Ninguém diz nada. Na escadaria, a essa hora, Tambo ressona. Será que o pisaram? Será que alguma boa alma tomou meu lugar e o ajudou?

Ligo para a recepção e pergunto pelo cachorro. O velho diz: “Está aí há dias. Enrolado que nem um tapete. Não se move”. É um perigo, acentua. Pode morder e transmitir. Transmitir o quê? A raiva. Não penso na doença, mas no sentimento. Quem sente raiva não é Tambo, sou eu. Não, não tenho raiva de Tambo, que nada me fez. Tenho raiva de mim. Quem está doente sou eu. Nada costura as duas metades em guerra de meu coração. Por que desejar a salvação de um cachorro quando tantos humanos morrem em torno dele?

Raiva no meu peito. Agora sou eu que guerreio com meu próprio coração. Quisera não sentir o que sinto. Quisera não sentir. Uma tolice pensar que os sentimentos vêm do coração, não acredito nessas asneiras românticas. Mas de onde vem a raiva? Quem começou a guerra? Quem deu o primeiro tiro?

Volto à portaria. Desço as escadas. Quando salto sobre Tambo, ele me observa com indiferença. Já desistiu de mim, se é que, em algum momento, contou comigo. Um cão não tem esperança, um cão respira. Eu sei que cachorros são carentes. Querem um afago, uma brincadeira. Mas esperança? Sua relação com o tempo, fragmentada e em cacos, não lhes dá tempo para a esperança.

Atravesso a rua e me recosto no muro que margeia o lago. De longe, ainda observo Tambo. Os raros hóspedes desviam, sequer o olham. Uma senhora gorda coloca o lenço sobre o nariz. Nojo: eis o sentimento que Tambo desperta. Mas ele nem sabe disso. Sabe que se sente muito cansado. De quê? Creio que cansado de sua solidão. No entanto, quando homens e mulheres estão sozinhos agora? E eu nem penso nisso. **●**

## entrevista

JAVIER CERCAS

DANIEL MOROZINSKI



# “O sucesso pode destruir um escritor”

O espanhol Javier Cercas acaba de publicar no Brasil o romance policial **Terra Alta**, vencedor do Prêmio Planeta, um dos mais prestigiosos da Europa

LUIZ REBINSKI | CURITIBA - PR



A frase que dá título a esta entrevista não é mera retórica ou simples piscadela ao leitor. O espanhol Javier Cercas viveu “na pele” o que afirma nesta conversa com o *Rascunho*.

Depois de lançar o romance **Soldados de Salamina**, em 2001, livro que foi adaptado ao cinema dois anos mais tarde, Cercas virou um *best-seller* mundial. E aí provou dos sabores e dissabores que a fama proporciona a um escritor até então sem tanta exposição fora de seu país.

“Senti que o sucesso estava me esmagando”, diz. “Acho que é algo bastante comum, o que explica em parte alguns silêncios clamorosos, como o de Salinger ou o de Juan Rulfo (ou o fim de David Foster Wallace).”

Depois que a poeira baixou e Cercas retomou o foco na escrita, sua resposta ao medo de não conseguir mais escrever veio com **A velocidade da luz**, um livro sobre “um escritor muito semelhante a mim que foi completamente destruído pelo sucesso”, diz.

Mas o sucesso voltou a bater à porta do espanhol de 59 anos. Seu mais recente trabalho, **Terra Alta**, ganhou o Prêmio Planeta, uma das principais honrarias literárias da Europa, cujo valor é de 600 mil euros (ou quase R\$ 4 milhões).

Javier Cercas se inspirou no policial anônimo que pôs fim à vida de quatro terroristas islâmicos responsáveis por um ataque à cidade de Barcelona em 2017 para criar o personagem Melchor Marín, protagonista do romance.

No livro, o policial deixa um passado difícil para trás e passa a viver em Terra Alta, um pequeno vilarejo empobrecido e conservador no sul da Catalunha.

Lenda entre os colegas da corporação, Melchor foi transferido para o interior com o objetivo de se proteger de uma possível vingança da célula terrorista que ele ajudou a derrubar. Na vila, Melchor se apaixona por uma bibliotecária e tem uma filha chamada Collete — como a de Jean Valjean, o protagonista de seu romance favorito, **Os miseráveis**, de Victor Hugo.

Cercas faz uma composição extremamente competente entre os labirintos de um romance policial e a profundidade dos grandes dramas psicológicos, em um livro arrebatador.

Além de revelar detalhes da escrita de **Terra Alta**, a seguir o autor comenta assuntos tão díspares (ou nem tanto) quanto Prêmio Nobel, sexo e política.

• **Terra Alta é um romance policial de múltiplas possibilidades de leitura. Há o crime, mas também uma história social cativante do personagem principal, Melchor, e a política como pano de fundo, com os atentados à Catalunha em 2017. Você considera o romance policial um gênero aberto?**

Claro: com o romance poli-

cial você pode fazer o que quiser. Surpreendentemente, ainda há quem pense — principalmente os críticos — que se trata de um gênero menor. Aqueles que pensam assim simplesmente não sabem o que é literatura. Porque na literatura não existem gêneros maiores ou menores, mas formas maiores ou menores — melhores ou piores — de usar os gêneros. Tragédia, um gênero muito antigo, o gênero favorito de Aristóteles, foi escrito por Sófocles, Shakespeare e outros grandes escritores, mas também por muitos outros médiocres. O mesmo acontece com o gênero policial, que é um gênero muito mais recente: Edgar Allan Poe, que o inventou, Borges, Chandler, Sciascia ou Simenon escreveram histórias de detetive, mas também escritores desinteressantes o fizeram. Em última análise, existem apenas dois tipos de livros: bons e ruins. O resto é verborragia. Na realidade, Borges disse que todos os romances são romances policiais, e posso pelo menos dizer que todos os romances de que gosto o são — de **Dom Quixote** até aqui —, e claro que todos os meus livros também são assim, pelo menos no sentido de que em todos há um enigma e alguém que tenta decifrá-lo: afinal, essa é a essência da história de detetive. É verdade que em **Terra Alta** o protagonista é um policial e que na primeira página há um crime que ele deve solucionar, mas não é menos verdade que não me propus a escrever um romance policial; a única coisa que me propus é o que sempre proponho: escrever o melhor romance possível.

• **Você disse que Melchor foi inspirado em um policial real que matou terroristas nos atentados de 2017. Mas ele tem muitas “camadas”, é um ex-delinqüente recuperado que encontrou em *Os miseráveis*, de Victor Hugo, um novo sentido para sua vida. Como a essência de Melchor lhe surgiu?**

Um dia, enquanto caminhava pela rua, me ocorreram duas frases que agora são as duas primeiras frases do segundo capítulo, mas que na verdade são as duas primeiras frases do livro, porque são as primeiras que escrevi. Eles dizem assim: “Seu nome era Melchor porque a primeira vez que sua mãe o viu, recém-saído do ventre e pingando sangue, ela exclamou entre soluços de alegria que ele parecia um rei mago. O nome da mãe dele era Rosário e ela era uma puta”. Nessas duas primeiras frases está contido todo o embrião do livro: Há o “sangue” (ou seja, a violência), os “soluços” (ou seja, o sofrimento), o “júbilo” (ou seja, a alegria), a “prostituta” (ou seja, sexo), etc. Mas, além daquelas duas frases, que são escritas em uma terceira pessoa fria, distante e flaubertiana, ouvi uma música verbal que nunca tinha ouvido antes nos meus livros, a maioria dos quais escritos na primeira pessoa, e também em uma primeira pessoa muito pró-



### Terra Alta

JAVIER CERCAS  
Trad.: Mariana Marcoantonio  
Tusquets  
304 págs.



Quanto ao segredo de um bom romance policial, parece-me que é exatamente o mesmo de qualquer bom romance: oferecer uma visão tão verdadeira e complexa quanto possível da realidade humana.”



A literatura não está separada da realidade, não é algo estranho a ela; pelo contrário: faz parte da realidade. Quem está lendo um bom livro não está fora da realidade; está mais dentro dela do que quem não está lendo. Porque ler é uma forma de viver mais, de forma mais rica, complexa e intensa.”

xima a mim. Foi assim que tudo começou, e também com o personagem Melchor: imediatamente imaginei um jovem violento e moreno, cheio de fúria, dor e desejo de vingança, e comecei a descobrir quem ele era e por que era do jeito que era. Escrevi o romance para isto: para descobrir. Em relação aos ataques terroristas, a certa altura, enquanto eu estava escrevendo o livro e quando já havia entendido que Melchor era um policial, percebi que só ele poderia ter feito o que aquele policial anônimo fez, que em poucos segundos matou quatro jihadistas na orla de Cambrils, em agosto de 2017. E, exatamente porque aquele policial era anônimo, porque sua identidade foi retida por óbvios motivos de segurança, poderia atribuir isso a Melchor.

• **Qual é o grande segredo de um bom romance policial? Você é um leitor do gênero?**

Particularmente, não. Pelo menos não como Borges foi, por exemplo. Conheço os clássicos, conheço a história do gênero, escrevi um livro sobre um autor espanhol (Gonzalo Suárez, romancista e cineasta) que aproveitou as fontes do gênero para construir seus romances e há alguns autores contemporâneos de romances policiais que eu gosto, como Don Winslow. Mas não me considero um leitor de romances policiais. Me considero um leitor, em particular um leitor de romances, e alguns dos bons livros que leio são ou são considerados romances policiais. Gosto de boa literatura e não me importo se é policial ou não. Quanto ao segredo de um bom romance policial, parece-me que é exatamente o mesmo de qualquer bom romance: oferecer uma visão tão verdadeira e complexa quanto possível da realidade humana, proporcionando ao leitor prazer e conhecimento.

• **Seus livros trazem sempre muitas referências a escritores e livros. A literatura é, entre as artes, a que mais se alimenta dela mesma?**

Não sei, acho que não. O que sei é que a literatura sempre consiste em um diálogo com a própria literatura (o mesmo acontece, acho, com o cinema ou com a música). Esse diálogo pode ser explícito ou implícito, mas não há literatura real sem ele. Por outro lado, para mim a literatura não está separada da realidade, não é algo estranho a ela; pelo contrário: faz parte da realidade. Quem está lendo um bom livro não está fora da realidade; está mais dentro dela do que quem não está lendo. Porque ler é uma forma de viver mais, de forma mais rica, complexa e intensa. Por isso, suponho, as referências a escritores e livros em meus romances, que em todo caso não estão ali como tributos ou piscadelas para o leitor, mas simplesmente porque o livro precisa delas — ou pelo menos eu acredito que necessita.

• **Faulkner disse que escreveu *O som e a fúria* para se livrar de um sonho que o perseguia. Como surgem suas histórias? E *Terra Alta*, como lhe ocorreu?**

Meus romances muitas vezes surgem de obsessões, como as de Faulkner (que significava, acredito, livrar-se de um sonho perturbador), ou seja, de perguntas que me coloco sobre coisas que não entendo, e que se tornam uma obsessão. É por isso que acredito que uma das primeiras obrigações de um escritor é ser fiel às suas próprias obsessões: se algo realmente te obceca, por mais absurdo ou insignificante que possa parecer à primeira vista, com certeza há algo importante aí para você; escrever consiste em descobrir o que é essa obsessão e, portanto, livrar-se dela. Outras vezes, meus romances surgem de uma pergunta: “E se...?”. Isso também me parece comum entre os romancistas. Imagino Cervantes se levantando em uma manhã e se perguntando: “E se em vez de ser quem eu sou — um velho escritor fracassado que quando jovem foi um soldado na Itália e depois um prisioneiro em Sevilha —, eu tivesse passado minha vida trancado em uma cidade de La Mancha lendo romances de cavalaria?”. Imagino que uma pergunta como essa esteja na origem de **Dom Quixote** e, claro, uma pergunta semelhante está na de **Terra Alta**.

• **Depois do sucesso mundial de *Soldados de Salamina*, você disse que temia não conseguir mais escrever. Por quê? Por conta das demandas extraliterárias ou pelo medo de não conseguir realizar um novo sucesso?**

Porque senti que o sucesso estava me esmagando. Acho que é algo bastante comum, o que explica em parte alguns silêncios clamorosos, como o de Salinger ou o de Juan Rulfo (ou o fim de David Foster Wallace). O sucesso pode destruir um escritor, especialmente um escritor com tão pouca experiência no mundo literário como eu tinha quando publiquei **Soldados...** Minha resposta a essa situação foi escrever um livro sobre um escritor muito semelhante a mim, completamente destruído pelo sucesso, ou quase na totalidade: **A velocidade da luz**, e é uma espécie de exorcismo e também um exercício de sobrevivência. É o livro mais triste que já escrevi e um dos favoritos de alguns leitores. Se ainda estou escrevendo, devo isso a esse livro.

• ***Soldados de Salamina* traz alguns personagens reais, entre eles você mesmo e o chileno Roberto Bolaño. O quanto seus livros se baseiam em sua experiência pessoal?**

Aqui está um grande mal-entendido. A ficção pura não existe e, se existisse, não teria nenhum interesse ou seria simplesmente ininteligível. A ficção pura é uma invenção daqueles que não sabem o que é ficção; a



JOAN THOMÁS



Somos como catadores, no melhor dos casos como aspiravam os alquimistas, que queriam transformar o ferro em ouro: os melhores escritores transformam injustiças, dores e crises em beleza e sentido.”

ficção sempre parte da realidade, que é seu combustível, e constitui uma transfiguração da realidade que dá um sentido universal ao particular. Isso é ficção. Há quem pense que inventei o recurso de misturar realidade com ficção e personagens históricos com inventados. Também há quem me pergunte — especialmente os jornalistas — se isso é lícito. A resposta é simples: no jornalismo ou na História não é, mas a ficção não tem feito outra coisa desde que existe: ainda hoje não sabemos o que é verdade e o que é ficção ou lenda nas obras de Homero e, claro, de Dante, Cervantes ou Shakespeare, que introduziram inúmeros personagens reais em suas ficções (a começar pelos próprios autores). Claro, tento fazer o que eles fizeram de uma forma diferente, se possível original, seja lá o que isso signifique. Mas o que faço não é essencialmente diferente do que eles fizeram, do que sempre foi feito. Resumindo: a literatura sempre parte da própria experiência.

• **A guerra está presente em algumas de suas histórias, como em *A velocidade da luz* e *Soldados de Salamina*. Por que o assunto lhe atrai como escritor?**

Pela mesma razão que atrai os seres humanos desde que o mundo é mundo, suponho: afinal, a guerra é o primeiro ou um dos primeiros temas da literatura, e provavelmente será o último. Por quê? Talvez porque a guerra coloque uma espécie de lupa sobre o ser humano, para que vejamos neles, de forma hiperbólica — e portanto, com muita clareza — o melhor e o pior que eles têm, e também o vemos em toda a sua complexidade. De resto, o que reaparece continuamente nos meus romances, de formas diferentes, é a guerra civil, que foi para os espanhóis o que foi a Segunda Guerra Mundial para o resto dos europeus (aliás, a guerra civil pode ser vista como o prólogo ou o primeiro ato da Segunda Guerra Mundial, que em muitos países também foi uma guerra civil). E a razão pela qual volto a es-

se assunto é, além do fascínio pela guerra, o fato de que sem guerra civil nada ou quase nada do presente se explica, ou seja, o fato de que, na Espanha, a guerra civil não é passado, mas o início do presente: entendo por presente algo que engloba também o passado — especialmente aquele passado de que ainda há memória e testemunhos, que é aquele que aparece nos meus livros —, porque, nos meus romances — e também na realidade —, o passado não passou completamente, sendo uma dimensão do presente sem a qual o presente se mutila.

• **No Brasil vivemos uma situação que beira o surreal, com a pandemia e os problemas que dela decorrem sendo agravados por ideias sem nexo do presidente da República e seus apoiadores. Aqui, diz-se que está difícil para os escritores concorrerem com a realidade. É um período difícil para um escritor?**

Não acredito que seja mais difícil para um escritor do que para qualquer outra pessoa. Um verdadeiro escritor escreve em qualquer circunstância e em qualquer lugar. Além disso, é bem possível que as circunstâncias difíceis sejam mais produtivas para um escritor do que as fáceis, porque o que é ruim para a vida geralmente é bom para a literatura, e o que é bom para a literatura muitas vezes é ruim para a vida. Quer dizer que, num mundo feliz, a literatura não existiria, pelo menos o romance não existiria (poesia talvez: pouco e muito ruim): os escritores se alimentam do mau, não do bom, nossa matéria-prima são crises, dores, injustiças, etc. Nesse sentido, somos como catadores, no melhor dos casos como aspiravam os alquimistas, que queriam transformar o ferro em ouro: os melhores escritores transformam injustiças, dores e crises em beleza e sentido. E por isso, entre outras razões, contra o que eu acreditava quando era jovem, feliz e sem documentos — como diria García Márquez —, querendo ser um escritor pós-moderno — se possível um escritor pós-moderno norte-americano —, agora acredito que literatura é útil... Enquanto não se propõe a ser útil, claro: se o fizer, torna-se propaganda ou pedagogia, e deixa de ser literatura. E deixa de ser útil.

• **Como foi seu período pandêmico? Acha que haverá uma grande onda de livros de ficção sobre esse assunto?**

Temo que sim. E digo que estou com medo porque, embora a pandemia seja um excelente combustível para a criação — como todas as crises —, não acho que seja um bom assunto. A prova é que nunca o foi: quase não conheço grandes livros que tenham como tema as pandemias, as inúmeras pandemias que sofreram os seres humanos e contra as quais ingenuamente acreditávamos que a ciência e a tecnologia nos tinham protegido. Pense,



por exemplo, na chamada “gripe espanhola”. Matou mais de 50 milhões de pessoas, muito mais do que as vítimas na Primeira Guerra Mundial, mais ou menos as mesmas que foram mortas na Segunda Guerra Mundial. E o fato é que existem inúmeros romances, poemas, filmes, etc., que falam das duas guerras, mas que obra você se lembra que tem como tema a gripe espanhola? Eu, nenhuma: apenas lembro de um verso de T. S. Eliot, alguma alusão em um romance de Virginia Woolf ou Josep Pla, o grande escritor catalão. Nada mais. Para lembrar García Márquez: as pandemias não têm quem as escreva (e seria muito interessante investigar o porquê: talvez porque, ao contrário das guerras, carecem de drama). Quanto à minha vida durante a pandemia, direi uma coisa que pode soar ruim (a verdade muitas vezes soa ruim: é por isso que tantas pessoas preferem mentiras): se a pandemia não tivesse sido uma catástrofe coletiva, teria sido pessoalmente um bônus. A razão é que tenho ficado em tempo integral em casa, sem viajar — viajo muito —, com minha esposa e filho, fazendo o que mais gosto de fazer, que é escrever, ler e pensar na morte da bezerra. E também o fiz com plena consciência, porque, como não sou médico nem nada disso, ficar em casa foi o melhor que pude fazer para ajudar a resolver a catástrofe. Além disso, nenhuma pessoa próxima sofreu da doença. Portanto, não posso reclamar.

• **O que você conhece da literatura brasileira? Quais autores leu?**

Euclides da Cunha, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Jorge Amado, para ficar apenas nos narradores. Não são muitos, mas são todos muito bons. Também conheço alguns romancistas vivos, como Daniel Galera e Michel Laub.

• **Você é um escritor com muitos prêmios. No Brasil, nos ressentimos por não termos um Nobel de Literatura, mesmo com autores excepcionais em nossa história. Que autores brasileiros acha que mereciam a honraria?**

Acredito que se dá muita importância ao Nobel. Os prêmios são muito bons, principalmente quando são para você. Agradeço muito àqueles que me premiaram e procuro não rejeitar nenhuma honraria — a menos que a Ku Klux Klan a conceda —, porque com prêmios é o mesmo que se dá com elogios: quem rejeita um é porque quer dois. Mas um prêmio, por mais importante que seja, não torna você um escritor melhor, não o ajuda a escrever a próxima frase ou torna bom um livro ruim. Há escritores muito bons que receberam o Nobel, mas também escritores muito ruins, e Guimarães Rosa continua um grande escritor com ou sem Prêmio Nobel, assim como Joyce, Proust ou Borges, que também não ganharam o Nobel.



A ficção pura é uma invenção daqueles que não sabem o que é ficção; a ficção sempre parte da realidade, que é seu combustível, e constitui uma transfiguração da realidade que dá um sentido universal ao particular.”



Acredito que uma das primeiras obrigações de um escritor é ser fiel às suas próprias obsessões: se algo realmente te obceca, por mais absurdo ou insignificante que possa parecer à primeira vista, com certeza há algo importante aí para você.”

• **No Brasil, pesquisas mostram que se estão lendo mais livros de ficção durante a pandemia. Acredita que a literatura pode voltar a ter protagonismo na vida das pessoas, como no passado pré-internet?**

Não sei. A literatura alguma vez desempenhou um papel importante na vida das pessoas? De algumas pessoas sim, como Melchor Marín, e de outras não. Antes da internet, lia-se mais do que depois da internet? Duvido muito. Talvez nos pouquíssimos países onde havia muitos leitores, como a França, a Alemanha ou nos países escandinavos, essa ideia contenha um pouco da verdade, mas em países como os nossos, que até pouco tempo atrás apresentavam altos índices de analfabetismo e nunca se leu muito, acho que não é assim. Seja como for, a única coisa que posso dizer é que a literatura é antes de tudo um prazer, como o sexo, mas também é uma forma de conhecimento, tal como o sexo, e é por isso que, quando alguém me diz que não gosta de ler, a primeira coisa que me ocorre é oferecer minhas condolências, ou acompanhá-lo no sentimento, como faria com quem me diz que não gosta de sexo.

• **Você parece ser um autor bastante obceca-do pela literatura. Alguma vez já se sentiu farto dos livros?**

Não, assim como nunca me cansei de sexo.

• **Quais são seus planos para o futuro breve?**

Sobreviver. Escrever. Sobreviver escrevendo. **Terra Alta** faz parte de uma tetralogia que no final certamente se chamará *Terra Alta* e que consiste em quatro livros que podem ser lidos de forma independente, mas que acabarão constituindo um romance único e longo, tão longo ou mais longo que **Os miseráveis** (o livro-fetichado de Melchor Marín): a segunda parte, intitulada **Independência**, já foi publicada na Espanha e na América Latina (também na Itália), e a terceira será publicada no próximo ano. 📖

DANIEL MORDZINSKI







# O SONHO E O ROMANCE

1.

Na cabeça de muitos escritores, o novo romance é um sonho. Todas as possibilidades estão postas, o mundo é nosso, e esse é o melhor momento do processo. É quando as ideias germinam numa nuvem de possibilidades. Esse romance não apenas será o melhor do escritor, mas o melhor romance da literatura de sua cidade, do país e das literaturas do Ocidente e Oriente. Esse romance conquistará o Nobel. Quem acompanha por décadas as trajetórias de jovens autores, jamais terá visto algum desses dizer, cabeça baixa, que iria começar a escrever um romance medíocre e, muito menos, ruim.

2.

Esse quadro, meio cômico, meio sério, significa um fenômeno que tem dois lados. Por um, pode significar o desejo da fama. Essa doença infantil dos iniciantes — sorry, Lênin —, faz grandes estragos e já devastou carreiras em seus incícios, o que é uma pena. Pensassem em êxito, isto é, o sentimento da realização de um bom livro, sofreriam menos, ou, no mínimo, o sofrimento estaria circunscrito a uma instância remediável. Por outro lado, e aqui pensamos em escritores com alguma trajetória, o fenômeno pode ser entendido como um anseio de crescente competência, quer-se dizer: cada romance deve ser melhor do que o outro. Nada mais deprimente quando o leitor elogia um romance e diz, na seqüência, que “o anterior era melhor”, ou ainda — supremo insulto! — que “o primeiro é o melhor de todos”: eis aí o desespero do autor por uma vida jogada ao lixo.

3.

Qualquer dos casos do parágrafo anterior é assunto extraliterário, e deve ser considerado em outros âmbitos, como o da psicologia ou da psicanálise: abre-se, portanto, o largo caminho para a exacerbação das neuroses e suas consequências, como o alcoolismo de Scott Fitzgerald ou o suicídio de Hemingway — sendo que, quanto a este último, nem o Nobel foi alívio. O escritor é um ser humano como qualquer outro; a diferença é que essa humanidade é-lhe exigida mais do que às outras pessoas.

4.

Retornando ao estritamente literário, se isso é possível, temos de pensar no degrau seguinte ao sonho, que vem a ser a concreta escrita do romance. Entre es-

ses dois momentos, a estrada não é fácil nem curta, pois leva a uma série de operações mentais e experiências de natureza emocional. As operações mentais implicam algo muito além do simples “como vou começar?”, mas nos remetem à previsão do que vai acontecer no romance; é preciso ter uma mínima ideia do que queremos escrever, mas quanto mais concreta se torna essa ideia, mais garantimos seu êxito. Essa previsão é mais acentuada quando se trata da personagem. Ela não pode ser improvisada, para não se tornar inconsistente — e eis aí mais um limite que nos impomos a bem da verossimilhança, não apenas da personagem, mas da própria história. Quanto ao emocional, logo será visto.

5.

E quanto ao tempo: quando se passa a história? É na época contemporânea? É num tempo passado? Quanto dura a história? Uma semana, um mês, dez anos? E quanto ao espaço, onde ocorrerá a trama? O sonho se vai estrangulando cada vez mais.

6.

Outra dúvida: a focalização: primeira ou terceira pessoa? Se primeira, é a própria personagem central quem fala, como Paulo Honório, de **São Bernardo**? É uma personagem coadjuvante, como Adso de Melk, em **O nome da rosa**? Ou é uma pessoa muito próxima do autor, como nos casos da combalida autoficção? E se for em terceira pessoa, será uma personagem vista externamente, ou a ação passará na sua interioridade?

7.

Qual o gênero da história? Intimista, histórico, social, alegórico? Qual o tom da história? De humor, cínico, desconfiado?

8.

A cada decisão o escritor vai acordando um pouco do sonho, mas cada vez mais se aproxima do objeto concreto, que é seu livro, enfim. Não é um bom sentimento; em alguns casos, leva à paralisia criativa: melhor, quem sabe, ficar apenas no sonho, e a quem nunca terá acesso? Por essas e outras razões há escritores que não escrevem, como descrito no curioso e divertido livro do catalão Vila-Matas, **Bartleby e companhia**. Não querem nem começar, pois terão de abrir mão da delícia de entregar-se às mil possibilidades de seu romance ainda em forma de nuvem.

Ilustração: Raquel Matsushita



9.

Há os que seguem adiante. Já sabem que o prazo final não é garantido, e é possível que seu romance não venha a ser aquilo que foi previsto nos momentos de euforia. Talvez seja um romance apenas bom, que não vai desonrar a carreira nem fazer feio comparado aos livros alheios. É o que se pode chamar de choque de realidade. Isso pode levar ao abandono desse texto, deixando para o próximo a realização do sonho. Aqui é possível intentar uma analogia com o que diz Contardo Calligaris acerca do amor:

*Talvez a gente se apaixone e se separe sobretudo conforme o ritmo do antigo e inesgotável conflito interno entre nossas aspirações de navegador solitário e nossa nostalgia de uma fusão na qual, enfim, poderíamos descansar de vez.*

10.

Há os que terminam o romance, e não sendo um escritor amador — para estes tudo é festa —, terá muitas dúvidas em dá-lo por pronto, pois sempre faltará alguma coisa a ser escrita, a ser melhorada, e quanto mais se mexe nele, mais o desconforto aumenta. Assim, antes de enviar à editora, postergações, até que, por fim, fecha os olhos e segue para a fase semifinal que é o “send”.

11.

Agora sim, o final de tudo. O sonho tornou-se uma série de folhas de papel costuradas e coladas, com uma capa que o escritor não gosta, e uma contracapa com um banal código de barras. Na livraria, ele ainda traz um deselegante e indigno valor em reais. O escritor

pode pensar, desolado, em como se aviltou todo seu grandioso projeto, como tudo ficou mesquinho e cotidiano, como o sonho se apenou no seu propósito de transformador de todas as literaturas.

12.

Para quem está no início, o melhor é não cair nessa teia de equívocos que só pode levar a funestas considerações sobre a própria existência da vida. Antes de tudo, é preciso julgar-se competente para escrever aquele romance; depois, confiar no seu instinto e seu conhecimento, deixando de lado as especulações delirantes sobre o futuro daquele livro sequer escrito. Ele será o que for, com perdão pelo pensamento circular. Mesmo as escolhas prévias, referidas acima, longe de limitarem um sonho, podem se transformar em belos e empolgantes exercícios de técnica literária. O sonho? Bom, ele pode ser destinado a fins outros, àqueles que nos podem deixar verdadeiramente felizes e solidários.

Nota: e quanto tudo isso envolve o leitor, eis o tema da próxima coluna. ●



# O canto das sereias isoladas

Em livro de estreia, a venezuelana **María Elena Morán** testa a forma romanesca na construção de uma narrativa sobre o sofrimento psíquico

EDMA DE GÓIS | SALVADOR - BA

Se fosse um filme, **Os continentes de dentro** teria barulho de mar, vento e maresia borrando as lentes da narradora. Teria também trechos silenciosos, interrompidos por *frames*, cuja tensão iria variar a depender do humor das personagens no momento narrado. Algumas destas, aliás, seriam uma espécie de eco desse mar que separa os habitantes dos Continentes de Fora e os de Dentro e que se configura em si mesmo um elemento de força do romance. Porém, porque munido apenas de palavras, o livro de estreia da venezuelana — radicada no Brasil — María Elena Morán esgarça as possibilidades do gênero para criar efeitos de sentidos que ultrapassam a noção de especificidade do que consideramos literário. Dois sinais dessa tentativa da expansão da forma são a ficcionalização da prática da anotação, manchando os limites do real e do ficcional, e os caminhos interpretativos que se abrem a partir de uma seleção primorosa de citações com nomes como Gabriel García Márquez, Robert Louis Stevenson e Ernest Hemingway.

Tendo o mar como extensão da narrativa, **Os continentes de dentro** conta a história de Sofia, uma mulher jovem privada da companhia da avó Aída Rojo, diagnosticada como louca e enviada a um hospício na Ilha de Salos para tratamento, com o consentimento do marido Ignacio e da filha Taís. O estopim para a decisão familiar, ainda segundo a família da narradora, foi Aída ter tentado matar a neta afogada, acreditando que a menina era uma Sereia (assim, grafada pela personagem com letra maiúscula). Aída e a neta Sereia são sujeitos “de Dentro”, em oposição aos “de Fora” que tentam regular o mundo, regular inclusive os “de Dentro”, esses tais seres especiais que fazem o elo entre o mundo material e sensível, criaturas “de outros mundos”. Aída é também uma personagem que nunca anda sozinha, está sempre acompanhada de Ino, uma voz que a ajuda a tomar decisões e a enfrentar aqueles que duvidam da sua sanidade. “Ela diz que isso que tenho experimentado se chama ‘escuta ativa’. É um talento que escassas pessoas têm e que todo mundo inveja”, justifica em uma das primeiras anotações feitas

para a neta. Os capítulos do livro intercalam as vozes potenciais do conflito no romance, Sofia e Aída.

Inconformada com a história a que teve acesso, Sofia viaja até esse lugar misterioso, onde espera encontrar algum rastro da avó ou uma narrativa mais convincente sobre o afastamento de Aída. Como bem recupera Luiz Antonio de Assis Brasil, no prefácio da obra, a Ilha de Salos metaforiza o Barco dos Loucos, imagem medieval para a qual eram deslocadas as pessoas em sofrimento psíquico, evitando assim a contaminação dos sujeitos “sãos”. Os manicômios, tais como o que recebe Aída e outras mulheres na Ilha, seriam uma versão moderna do Barco, ao mesmo tempo que denota um gigantesco atraso no entendimento da situação clínica dessas pessoas, porque se assemelham em muitos casos a verdadeiras prisões.

Sofia adota uma nova identidade para se aproximar daquele lugar e, ao chegar à Ilha de Salos, se depara com um local que abriga um hospício abandonado, sem registro de médicos ou qualquer outro tipo de controle institucional. Largadas à própria sorte, as mulheres que moram na Ilha sobrevivem em um regime autogestado por elas mesmas e, em grande parte do romance, isso bem parece dar certo. Elas sabem que já não são mais acompanhadas por ninguém e muitas vivem resilientes no espaço em que é possível viver a realidade “de Dentro”, com regras próprias e uma espécie de consciência de que o motivo que as levou àquele lugar não as levará de volta para suas vidas de origem — uma viagem sem retorno. As regras do lugar, no entanto, relevam aos poucos um ambiente violento e distante do que Sofia desconfiava a respeito do lugar, das outras mulheres, dos poucos homens da narrativa e da própria avó.

O esforço de construção das personagens é percebido pelas diferenças entre elas, na sugestão de que embora todas estejam na mesma situação de isolamento do mundo, cada uma provavelmente sofre de um problema psíquico específico. E embora María Elena não adentre a discussão sobre medicalização ou aborde quadros clínicos, ela arrisca ao construir variações comportamentais entre elas e até mesmo em uma mesma personagem, caso de Aída que ora parece estar medicada, ora não. É assim, mais do que um mapa geográfico da Ilha de Salos, o que aliás existe no belo projeto gráfico da editora Zouk com ilustrações de Maria Williane, María Elena faz um mapa de perfis abandonados em decorrência de um sofrimento psíquico e seus enfrentamentos quando se tornam uma comunidade majoritariamente feminina, sendo cada personagem um mundo inteiro a ser descoberto. Adela, Rita, Alcira, Herminia e Charito são algumas dessas mulheres que se aproximam do que acontece na vida fora da literatura, cada uma ganhando tons a partir da dicção impressa ao longo do romance. E nesse ponto, em que a literatura atravessa a borda da realidade, uma referência incontornável para os leitores é o diário **Hospício é Deus** (escrito em 1959 e lançado em 1965), no qual a escritora Maura Lopes Cançado conta sua experiência em hospícios em Minas Gerais e Rio de Janeiro.

## Outros modos de narrar

O esgarçamento do gênero romanesco não se limita apenas à forma, à escolha dos diferentes tipos de linguagem (anotação, narração em primeira pessoa, diário), aos lampejos da experiência de Morán como roteirista, nos dando um romance com cara de adaptação para o cinema. É o que podemos observar na maneira como isso transborda para os espaços criados dentro do livro (a ilha, o hospício, os arredores, o mar), assim como da comunidade de mulheres imaginada na narrativa.

Como bem aposta a crítica argentina Florencia Garramuño, na obra em que discute a *inespecificidade* do contemporâneo, bem como as ideias de *pertencimento* e *autonomia*, **Frutos estranhos** (2014), os experimentos literários e, podemos dizer de um modo mais amplo, artísticos, que implodem suas formas por dentro, questionam a lógica de pertencimento, operam a partir do inespecífico, acenando em último grau para a sugestão de novos imaginários para as comunidades. “(...) mas o que me parece mais importante, e que aparece nessa implosão do específico no interior de uma mesma linguagem estética, é o modo como esses cruzamentos de fronteiras e essa aposta no inespecífico podem ser pensados como práticas do não pertencimento que propiciam imagens de comunidades expandidas”, resume a crítica. Ou seja, o gênero abre mão em certa medida do que lhe especifica ao mesmo tempo em que, do ponto de vista temático, também implode uma tradição de narração sobre determinados sujeitos sociais.

Aqui, é pertinente pensar como os modos de contar sobre personagens em sofrimento psíquico são renovados na experiência de Morán. Escrito em língua portuguesa, mas com certa dicção venezuelana que parece querer imprimir uma marca autoral, além das inúmeras referências em espanhol, o romance híbrido não se prende a um lugar, a uma geografia venezuelana ou brasileira, faz questão de não fixar uma localização. Ao mesmo passo, a autoria transfere a maior parte da narrativa para a voz de personagens ditas “loucas”, dando-lhes voz, fazendo com que elas mesmas falem em discurso direto ou nas anotações da avó Aída.

Guia para a busca de Sofia e também para os leitores da obra de Morán, as anotações da avó dispararam o senso de suspense e mistério do livro, seja pela dicção de Aída, já comentada anteriormente, referindo-se diretamente à neta e alertando que os “de Fora” não tentarão negociar a verdade dos fatos, para todos os efeitos, a avó sofre de alguma perturbação e é um perigo para todos, seja porque as anotações são feitas em livros, em alguns casos nas bordas dos capítulos, outras vezes em todo o miolo, restando a capa para proteção insuspeita que garantirá o segredo entre avó e neta.

Todos os livros utilizados como esconderijo por Aída de algum modo referenciam o mar; **Relato de um naufrago**, **O velho e o mar**, **La isla de Robinson**, **A vida nas ilhas**, **Billy Mudd**, **Marilheiro**, **Relatos de mares do sul** e **Volta ao mar**, escrito pelo pai da autora, Rodolfo José Morán, nos anos 1980. E porque nada em uma obra pode ser lido impunemente, a epígrafe de Alejandra Pizarnik, não à toa uma poeta afeita a diários, diz: “explicar com palavras de este mundo que partiu de mí um baco llevándome”. **Os continentes de dentro** é desses livros que nos obriga a outras leituras, tantos são os detalhes de sua construção que hipnotizam, tal e qual o canto das sereias, que nos fixam e do qual dificilmente conseguimos nos libertar. ❶



## Os continentes de dentro

MARÍA ELENA MORÁN  
Zouk  
238 págs.



## A AUTORA

### MARÍA ELENA MORÁN

Nasceu em Maracaibo (Venezuela), em 1985. É formada em Comunicação Social na Universidad del Zulia e em roteiro na EICTBV, de Cuba. Fez mestrado em Escrita Criativa na PUC-RS, onde cursa atualmente o doutorado na mesma área. **Os continentes de dentro** é seu romance de estreia.

## TRECHO

### Os continentes de dentro

*Para minha mãe, qualquer discussão podia e seria explicada através da diabólica, onipresente e genética tendência familiar à turbulência psíquica. A doutora Sandra, psiquiatra e não clínica-geral, era nossa médica de cabeceira, aquela cujo número de telefone você coloca entre os números de emergência colados com um ímã na porta da geladeira.*

# 21 anos DE literatura

- +MODERNO
- +DIGITAL
- +DINÂMICO
- +CONTEÚDO
- +LITERATURA



**Novo site**



**Assinaturas digitais**



**Conteúdo exclusivo**



**Notícias diárias**



**Edição impressa com 48 páginas**



**Novos colunistas**



**Crônicas diárias**

**R\$ 7,90**

MENSAIS

- acesso ilimitado ao conteúdo digital
- + **ACESSO ÀS EDIÇÕES IMPRESSAS NO SITE**

**R\$ 12,90**

MENSAIS

- acesso ilimitado ao conteúdo digital
- + **EDIÇÃO IMPRESSA EM CASA**

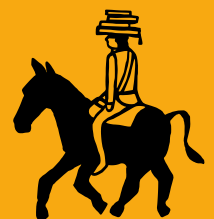
**R\$ 139,90**

ANUAIS

- acesso ilimitado ao conteúdo digital
- + **EDIÇÃO IMPRESSA DURANTE 1 ANO**



[rascunho.com.br](http://rascunho.com.br)



**rascunho**

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL






**noemi jaffe**

GARUPA

# AGORA TUDO MUDOU

**D**evo ter assistido a cerca de 500 filmes durante a quarentena, desde março de 2020. Começou por causa de um curso sobre Fellini que meu marido estava fazendo e precisamos assistir a quase toda sua obra, o que nos motivou a acabar vendo a obra completa. Daí a querer ver a filmografia completa de Antonioni, Visconti, Bergman, Tarkovsky, todo o cinema novo, foi um passo, ou melhor, vários. Quase todas as noites, à exceção dos dias em que dou aula, a casa gira em torno de um filme: qual vamos ver, onde está passando, que horas começamos, o que vamos comer junto.

E assim meu corpo, meu verbo e minha imaginação foram se habituando ao tempo e às imagens do cinema. Posso dizer, hoje, acabando o mundo que acabou, que o cinema foi uma das coisas que me ajudaram a manter a vivacidade, a energia e a esperança. Nunca tinha sido muito apreciadora, a não ser pelas histórias, pelo roteiro. Raramente saía de um filme comentando a fotografia, que nunca soube muito bem o que significava. Mas agora tudo mudou. Sei ver os cortes, as técnicas, imagino o cineasta e os câmeras filmando as cenas e os atores representando; sustento muitos minutos parados filmando uma mão inútil e adoro sobretudo as inutilidades; meu tempo de expectativa para a próxima cena se alargou demais e se estendeu para a vida, que agora conta com mais paciência e silêncio. Não faço mais questão de um roteiro claro, reconheço os tipos de luz, me questiono sobre como tal ou tal passagem pode ter sido filmada e comparo cineastas, épocas e estilos. Como Antonioni filmaria *Persona*? Como Glauber pensaria essa cena de Fellini? Também assisto a documentários ecológicos, políticos, artísticos e salve o Mubi, o Stremio, o Vimeo e conexões esdrúxulas antes impensáveis.

Posso dizer sem medo que o cinema qualificou meu olhar sobre, do e pelo mundo, fazendo com que as coisas mais aparentemente ínfimas ganhem contornos de particularidade e beleza. Isso faz com que pouca coisa possa ser considerada sem graça, desde um rodo até um rio poluído. Ao mesmo tempo, as formas combinatórias das montagens cinematográficas — ideogramáticas, misturando tempos e espaços, dando nexos ao sem nexos — criam



Ilustração: Oliver Quinto

novos nexos também na vida cotidiana e vejo lógica entre a tornozeira da ginástica e o rabo da cachorra, além de compreender melhor como alguns traumas do passado interferem em algumas ações cotidianas. Me apaixono por algumas personagens e atrizes (Cabíria, claro, e Gelsomina, mas também Monica Vitti, Helena Ignez, Miou-Miou...) e me pego fingindo que sou uma delas ou várias misturadas.

Agnès Varda, de cineasta idealizada que era, se tornou mais íntima minha e hoje sei distinguir, na sua obra, filmes menores, uma personalidade mais problemática, o que não diminui em nada meu afeto por ela e por seus filmes. Mas aprendi que os filmes de Chris Marker a influenciaram muito e que, por vezes, alguns recursos deste último superam os dela em profundidade. Ingmar Bergman tem uma obra genial e desigual, com algumas comédias, por exemplo, que deixam bastante a desejar. E como lidar com o fato de ele ter sido nazista convicto aos 20 anos? Me apaixonei tanto por Tarkovsky que assisti a todos os filmes dele, além de documentários a respeito, um livro de Geoff Dyer sobre *Stalker* e o livro do próprio Tarkovsky, **Escul-**

**pir o tempo**, pois é exatamente isso o que ele faz.

Vendo os filmes de Joaquim Pedro de Andrade, Ruy Guerra, Nelson Pereira dos Santos e Paulo César Saraceni, entre outros, tomei coragem de assistir a todo o Glauber Rocha, que sempre me enchia de medo: será que vou gostar, entender? Orson Welles, junto com Glauber, era outro que me ameaçava com sua Rosebud incompreensível, e foi outro que processei com espanto e alegria. Ufa! Assisti e ufa!, entendi e gostei.

Isso tudo sem falar nos muitos cineastas desconhecidos para mim, como os incríveis Alice Rohrwacher, Kelly Reichardt e Guillaume Brac, todos descobertos no Mubi e que se tornaram amigos íntimos da família de dois que mora aqui em casa.

Mas e os antigos? John Ford, Howard Hawks, John Huston, nos Estados Unidos, e Fritz Lang, Jean Renoir, Frank Capra na Europa, além de ter morrido de rir com Buster Keaton, rir de chorar, de me dobrar e ficar com dor de barriga.

Sei que falo como uma neófito, uma louca entusiasmada, como se nunca tivesse visto filmes na vida antes da quarentena. Mas é assim que me sinto. Já não consi-

go mais ver filmes medianos, perdi a paciência para séries ruins e, pasmem, acho que não me tornei uma chata eruditoide, embora o texto talvez o faça parecer. Não. Me tornei mais livre e com um olhar mais tolerante para o fim do mundo em que estamos metidos.

Isso quer dizer que o bom cinema é panaceia? Em certa medida, sim. Uma panaceia para a mediocridade, para a forma morna e cansada de olhar e pensar o que está acontecendo e a vida pessoal também.

O cinema, com sua particularidade de tempo em movimento, de montagens e cortes, de aproximação detalhada do rosto e dos detalhes, sua maximização dos afetos e as infinitas potencialidades que oferece em termos de tratamento da luz e do espaço, consegue nos transportar, talvez como nenhuma outra arte, para dentro de novos mundos, fora e dentro de cada um. É um transporte que, se nos insere em outras realidades, nos devolve com mais energia para a nossa e, de qualquer modo, nos faz compreender melhor que, entre a realidade assim chamada “real” e as outras, a separação é sempre menos clara do que nosso pragmatismo chão quer nos fazer acreditar. **🎬**





**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

# A LEITURA NA CASA DO AVÔ

O ato da leitura dos jornais diários pelo meu avô paterno começava com um exercício de arquitetada montagem geométrica. Todos os dias, invariavelmente. Na varanda de sua casa podíamos vê-lo receber o jornal no portão, subir as escadas da pequena varanda, abrir totalmente os cadernos do periódico e remontá-lo em seguida, dobrando verticalmente cada página em duas ou três grandes colunas conforme o caderno de assuntos e sua diagramação gráfica. O resultado era quase um origami de grandes ângulos retos que compunham uma nova peça impressa que, como uma espécie de acordeom, se desdobrava harmoniosamente.

O avô alisava aquela dobradura com a firmeza de suas mãos fortes de homem do campo, mas com inusitado carinho, como se celebrasse por ganhar todos os dias aquele presente de palavras, que traziam à pequena cidade de 15 mil habitantes do interior de São Paulo nos anos 1950/1960, sua comunicação e identidade com o restante do mundo.

Eram tempos outros, pré-história recentíssima da rapidez imediatista da TV, da internet, do celular, dos *smartphones*, das redes sociais. O jornal diário trazia a notícia mais recente, e embora competindo com o rádio na comunicação das novidades, acrescentava densos comentários analíticos e autorais. E havia os cadernos variados, principalmente o cultural, onde nos informávamos e líamos críticas do que se passava no seletíssimo e exclusivo mundo das artes e da cultura no país e no mundo. O diário de certa forma inseria uma pequena faixa da população brasileira daquela época no mundo que realmente decidia e vivia a vida da República, centrada na elite econômica e intelectual nos grandes e poderosos centros metropolitanos do país.

Ler e ter acesso à informação era também uma atividade para poucos, voltada apenas para aqueles que podiam comprar o jornal diário e que também fossem alfabetizados, em uma população, à época, com 50% de analfabetos. Também era um hábito restrito aos que conseguiram construir um interesse pessoal ou familiar em ler a “palavramundo”.

O destino me proporcionou essa excepcionalidade no país da desigualdade: a de ter uma família leitora. E esse grande detalhe fez toda a diferença. Tive mãe leitora de literatura e de história e geografia, professora que era dessas ciências, e tive pai que, como o seu progenitor, lia jornais diariamente e cometia algumas vezes



Ilustração: Vitor Pascale

suas incursões por histórias épicas da pequena biblioteca de minha mãe.

Assim cresci meus primeiros anos a observar e a absorver esse gosto pela palavra escrita, tendo-a e descobrindo-a no cotidiano de uma vida marcada pela rotina morosa da vida de uma pequena cidade interiorana nos anos 1950 e 1960 do século 20. Sem saber, minha família foi mediadora de leitura e me formou como leitor.

Mas nada me fascinava mais que meu avô e sua engenhosa arquitetura para ler com prazer a palavra. Talvez dele tenha sido a fagulha que me fez compreender, muito mais tarde, que ler é um ato de vida, de construção dos sentidos, de dar significado às coisas, a nós mesmos e às relações humanas. Uma arquitetura. E tudo isso, para mim, começou na casa do avô, onde a leitura era um ato diário de construção.

Veza ou outra essas lembranças me assaltam quando leio artigos ou livros alertando de diversas formas aos governos e às sociedades civis a necessidade de se formar leitores e, ainda, de que essa formação aconteça desde os primeiros meses de vida intrauterina. Alguns textos são bússolas permanentes quando reflito sobre essa

evidência, hoje tão negada e vilipendiada pelas autoridades responsáveis pela educação no Brasil no desgoverno inominável que vivemos.

No vasto campo das pessoas que se engajam na formação de leitores, como profissionais ou voluntários, sempre soa forte o célebre e referencial texto de Paulo Freire, **A importância do ato de ler** (São Paulo: Editora Cortez, 2011). Nesse texto que beira a poesia, mas que é prenhe de uma aguda análise e observação da constituição do “ato de ler”, o mestre “re-vive”, “re-cria”, sua própria trajetória desde o “momento em que ainda não lia a palavra”. E, ao revisitar-se na sua mais tenra infância, nos dá o traçado de como a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, porque ao se referir ao seu pequeno mundo, no seu pequeno espaço referencial, ele demonstra como seu olhar e ações descobriam e assimilavam “os textos”, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto”. Sua experimentação, ao engatilhar pela casa e entrar em contato com os objetos do seu mundo, experiência de toda criança, aumentava sua capacidade de perceber e o seu percebido se materializava em sinais que ele ia aprendendo nas relações com seus pais e parentes. A experiência de compreensão do seu mundo o levou com suavidade à leitura da palavra: “A decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular”. Já nos primeiros argumentos de seu texto, Freire demonstra a absoluta relevância da experimentação, do contato íntimo com o contexto enquanto pura materialidade tangível da criança e como esse conjunto vital se elevará no contato com a leitura da palavra. E, ainda mais, como essa leitura adquirida, construída, a da palavra, precisa seguir se relacionando com a contínua leitura do mundo, numa retroalimentação ao infinito.

Ao me lembrar das leituras na casa do avô e reler Paulo Freire reviver-se no seu texto, reflito com temor e certa angústia o terrível alerta dos pesquisadores da neurociência que nos demonstram, com judiciosos raciocínios e experimentos científicos, o quanto as novas gerações estão sendo prejudicadas pelo intenso bombardeamento de novas tecnologias que estão sendo guiadas, não por suas inúmeras virtudes, mas por suas igualmente inúmeras possibilidades de fomentar a circulação comercial de bens e serviços e a manutenção de cérebros frouxos, subservientes, incapazes do pensamento crítico, apenas consumidores de um mundo uberizado.

É aterradora a leitura de textos e livros, como o de Maryanne Wolf, **O cérebro no mundo digital: Os desafios da leitura na nossa era** (São Paulo: Editora Contexto, 2019). Em texto contundente, ela demonstra como os efeitos graves do mundo digital sem controle — e o acúmulo de informações que bombardeia a todos, inclusive a infância — tornam impossível o que chama de “leitura profunda”, principal responsável pelo surgimento de cidadãos capazes de exercer sua capacidade crítica. A profusão de inúmeras telas sobrepostas e incessantes determina a forma como lemos e dificulta a cognição processada pelo cérebro, impedindo a leitura aprofundada, reflexiva, formadora de um pensamento autônomo.

A questão é ainda mais grave quando entendemos o alerta da autora de que não devemos oferecer “nenhuma tela” nos primeiros anos de vida, e apenas a partir dos 4 anos é que se pode começar a adquirir algumas competências digitais. A interação com a linguagem acontece na primeira infância com a linguagem dos livros impressos ao escutarem a fala, os fonemas, os sons das línguas paternas. A leitura para os bebês, e não as telas frenéticas de aplicativos, é que pode fornecer a eles as condições de virem a serem leitores profundos, no futuro, das palavras em suporte impresso ou digital. Ao nosso redor dificilmente deixaremos de ver inúmeras crianças na primeira infância grudados às telas de pais não leitores. E isso é desesperador para o futuro, conforme nos alerta Wolf.

Em um país em que a política pública de educação retrocede a ponto de a literatura voltar a ser apenas um suporte à alfabetização, como se denota pelo agora PNLD-Literário, que substituiu o bem-sucedido PNBE, tocar nesse assunto soa como disparate de quem pensa que conhecimento é algo imprescindível para o desenvolvimento sustentável.

É preciso agir para que as políticas públicas possam reverter, em escala, o presente que está desconstruindo o futuro. Novas tecnologias devem sempre ser saudadas entusiasticamente, mas o seu uso, como todo instrumento, precisa ser adequado e subordinado ao desenvolvimento humano em todas as suas dimensões. 🗣️



# Isso é muito Black Mirror

**O deus das avencas**, de Daniel Galera, reúne três novelas nas quais prevalecem a desconfiança em relação ao futuro e a angústia por um presente condenado

VICTOR SIMIÃO | MARINGÁ - PR

Três novelas compõem **O deus das avencas**, livro mais recente de Daniel Galera. Cada uma a seu modo toca em temas como futuro, medo e incertezas. O mundo está condenado, parecem-nos dizer as histórias reunidas pelo autor. Independentemente do que aconteça com qualquer um de nós, com qualquer um dos personagens, nada ou pouco poderá ser feito. Aceitemos.

A novela *O deus das avencas* abre o volume. Na história, o casal Lucas e Manuela espera o filho que há de nascer próximo à eleição presidencial no Brasil. Embora não diga, tudo indica que é o pleito de 2018 que elegeram você-sabe-quem. Entre outras marcações temporais que auxiliam o leitor há o “Ele não”. Soou-me interessante a escolha em não dar nome ao candidato. Mais que um recurso literário, pareceu-me, mesmo, um ato de resistência. Tudo é político.

O narrador, em terceira pessoa, constrói uma angústia generalizada a partir da vida do casal. Ambos ligados às ciências humanas — ele, jornalista; ela, professora de literatura —, decidiram fazer do apartamento um casulo, uma proteção contra o mundo. Além disso, a criança deverá nascer numa espécie de parto humanizado. Há pouco contato com o exterior — como se lá fora não fosse um local ideal. A aflição que perpassa a narrativa também é percebida nos dois personagens. Eles pouco falam, é mais o narrador quem nos conta o que cada um deles vive e vive até ali. A sensação é que, a partir da descrição de Galera, somos pressionados pelo tempo, pelo espaço do apartamento, pelo medo do futuro, talvez emulando o que sentem Lucas e Manuela.

A melancolia também dá as caras na novela de abertura, e isso toca quem viveu os anos recentes. A certa altura, Manuela, quando vai ao hospital, encontra-se por acaso com um grupo de pessoas que quer mudar a escolha de quem pensa em votar em você-sabe-quem. Essa cena carrega algo de poético, mas também de cômico. São jovens festivos em meio a um mundo que se perde, achando que vão mudar alguma coisa. Na prática, quem mudará algo, ou melhor, terá a vida mudada, é a mulher, pois terá um fi-



MARCO ANTONIO FILHO

## O AUTOR

### DANIEL GALERA

Nasceu em São Paulo (SP), em 1979. Participou do pioneiro fanzine eletrônico *CardosoOnline*, no final dos anos 1990, e publicou os livros **Meia-noite e vinte** (2016), **Barba ensopada de sangue** (2012) e **Até o dia em que o cão morreu** (2007), entre outros. Vive em Porto Alegre (RS).

lho. O restante, a descrição da cena nos dá a entender, é mais uma tentativa fugaz de apreender o que é impossível. Em certo sentido, esse encontro entre grupos diferentes, entre aquilo que estava interno (o casal no apartamento) e o externo (os jovens) foi a busca por um alívio, por algum gozo. Um gozo que não chegará.

### Eu, robô

*Tôquio*, narrada em primeira pessoa, é a segunda novela e se passa por volta de 2050 — em um mundo depois do fim. A história acompanha a saga de um protagonista não nominado que ainda busca se adaptar à realidade, ao planeta diferente. A sociedade agora vive numa relação entre humanos e objetos inanimados que podem ser humanos (pós-humanos?). Entre plantações criadas em apartamentos e uma São Paulo poluída, há uma busca constante por algo: a memória, o passado, o perdão. (Alou, *Black Mirror*, é você?)

Foi na capital japonesa que o narrador e a então namorada, Cristal, encontraram-se com a mãe do protagonista. A descrição desse momento é um dos pontos altos da narrativa, com um debate de ideias relativas ao dinheiro, à tecnologia, à luta de classes e à relação mãe x filho. É como se, nessa dialética envolvendo polos completamente opostos, residisse o último resquício de humanidade em uma vida sem os humanos, sem a forma que conhecemos em 2021.

A mãe do protagonista, aliás, uma empresária bem-sucedida, agia mais como máquina do que qualquer outra coisa — mesmo sendo pessoa. À la *coachs* que imaginam que a vida é apenas metas e objetivos, esse tipo de gente é, de certa forma, desumanizada. Noto, por conseguinte, que essa personagem com um quê futurista nos soa como um espelho. É no tempo presente que parte da sociedade funciona como máquina.

A “Associação de Pesquisas e Práticas em Pós-humanidades” também é um dos destaques dessa novela. Nela, pessoas buscam conexões com quem já morreu por meio de objetos inanimados que carregam. E isso, por si só, daria horas e mais horas de um debate que vai do tecnológico, passa pelo religioso e se entrelaça com o afetivo. Confesso ter sentido um pouco de estranheza nos momentos registrados nesse local, mas tudo bem. A arte tem disso.

### Peste do sangue

Finalizando o livro, *Bugônias* apresenta um novo ambiente, o Organismo, e a relação entre as pessoas que vivem ali. Tal qual no livro **Geórgicas**, de Virgílio, as abelhas estão presentes na novela. Por meio delas, surge o necromel, uma mistura entre mel e nutrientes que elas extraem da carcaça dos seres humanos que morrem de forma natural. Das três narrativas, talvez essa tenha sido a que mais me impactou.

O Organismo tem regras próprias. Ali estão jovens e velhos; é uma espécie de nova sociedade, um recomeço. O objetivo é se manter isolado e, se possível, com poucas recordações do mundo passado — algo que leva a disputas de narrativas e poder. A Velha, por exemplo, não quer que haja história sobre o que já foi vivo; Alfredo, por sua vez, pensa o contrário. E é em meio a isso que Chama, a personagem que nos conduz, vive.

A doença do momento é a peste do sangue, podendo ser evitada apenas por meio do consumo do necromel. A comunidade parece viver bem, até que um dia chega um astronauta e vira todo o jogo. O que era verdade absoluta perde a referência. Não há certezas que não possam ser colocadas em xeque, e a novela nos prova isso.

### Que mundo é esse?

Vale um registro quanto à carreira de Daniel Galera. Se na época do zine *CardosoOnline*, lá para o final dos anos 1990, e dos primeiros livros, no início dos 2000, a preocupação do autor envolvia mais sexo e bebidas — e não há nada de ruim nisso —, ao longo dos últimos anos a perspectiva dele mudou. **Meia-noite e vinte**, livro anterior ao **O deus das avencas**, apresenta um grupo de amigos que, em meio aos protestos de 2013, enxergam o mundo com a descrença de quem perdeu as esperanças.

Também quem acompanha o Twitter do autor, ou mesmo já assistiu alguma mesa literária com ele, sabe como a mudança climática



### O deus das avencas

DANIEL GALERA  
Companhia das Letras  
247 págs.

## TRECHO

### O deus das avencas

*Que a diferença entre estar vivo e não estar vivo é um pouco como sonhar sabendo que está sonhando e de repente acordar e não ter certeza se ainda está sonhando ou não. Que é só a nossa versão humana da transformação de uma coisa em outra, que é o funcionamento constante de todas as coisas em nossa volta.*

e os problemas resultantes disso se tornaram uma espécie de obsessão para Galera. O volume de novelas, parece-me, é o resultado dessa fase.

O Galera de **O deus das avencas** se firma como um autor maduro, que evolui livro após livro. Os personagens têm lastro no presente, mesmo quando apontam para outro momento. É o jornalista que faz freelance, é a professora que decidiu não discutir com o pai por causa da política, é o fim dos alimentos como conhecemos, é a necessidade de novas interações com o meio ambiente. Pode assustar no começo, mas vale finalizar as três novelas.

Por último, mas não menos importante, registro, mesmo que de passagem, que tem havido na literatura contemporânea brasileira uma maior preocupação com temas como futuro, morte e meio ambiente. De cabeça, lembro-me de dois outros livros: **Velhos demais para morrer**, de Vinicius Mariano Neves, que resenhei na edição de abril de 2021 do **Rascunho**, e **A extinção das abelhas**, de Natalia Borges Polessio. Que mundo é esse em que vivemos? Talvez não saibamos exatamente, mas a ficção, de alguma forma, busca dar essa resposta ou ao menos ampliar as possibilidades de questionamentos. **📖**

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

# paioi LITERÁRIO



palco de grandes ideias

## 10<sup>a</sup> temporada



04/novembro

15h30

**Patrícia  
Melo**



DISPONÍVEL  
NO YOUTUBE

**Julián  
Fuks**



DISPONÍVEL  
NO YOUTUBE

**Marília  
Garcia**



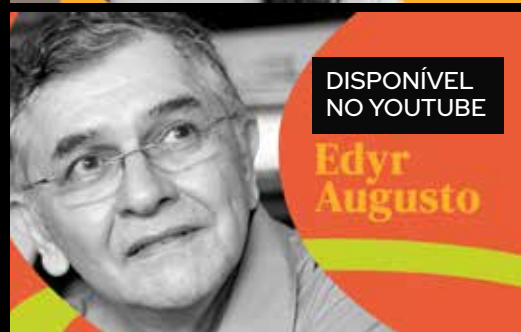
DISPONÍVEL  
NO YOUTUBE

**Paulo  
Scott**



DISPONÍVEL  
NO YOUTUBE

**Veronica  
Stigger**



DISPONÍVEL  
NO YOUTUBE

**Edyr  
Augusto**



07/dezembro

19h30

**Cida  
Pedrosa**

Acompanhe no canal do  YouTube do Paioi Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

[paioliterario.com.br](http://paioliterario.com.br)



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO







**wilberth salgueiro**

SOB A PELE DAS PALAVRAS

# PARA LER UM POEMA, USE O GOOGLE TRANSLATOR, DE DANIELLE MAGALHÃES

*nunca tive muita paciência  
para ler versos em língua estrangeira  
não traduzidos para o português  
afinal sou brasileira e falar português  
já é estar um tanto exilada no mundo  
sou poeta e doutora e me sinto exilada  
a cada vez que leio um verso não traduzido  
sou brasileira poeta e doutora e não sei  
falar francês alemão grego ou inglês  
sou poeta e doutora enquanto  
brasileira  
não me sinto nem um pouco constrangida  
por não saber francês alemão grego ou inglês  
então apenas não leio  
porque usar o google translator  
como ferramenta indispensável  
para ler um poema  
é até viável mas  
prefiro não  
prefiro a generosidade  
da tradução  
que poderia vir em uma nota de rodapé  
mas os poetas preferem não  
então eu não leio não  
pulo a linha  
e continuo no verso mais próximo  
que fala a minha língua  
e antes que me acusem  
de anti-intelectual  
ou xenófoba  
eu advirto que não  
não sou contra os idiomas  
não sou contra a erudição  
não sou contra estrangeiros  
não sou contra as línguas  
todas faladas no poema  
sou apenas sua leitora  
brasileira  
que gostaria de ler  
o seu poema  
sou apenas uma brasileira  
que gostaria de ler  
todas essas línguas  
com a sua ajuda  
para não me sentir tão  
distante  
de você  
e do restante  
do mundo*

Esse poema de Danielle Magalhães se encontra em seu recentíssimo livro **Vingar** (2021). Ainda está para ser elaborada, salvo engano, uma “história literária da vingança”. Nessa história, o drama *Gota d’água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, que aparece como epígrafe no livro de Danielle, há de ganhar destaque. De imediato, vem também à tona o final do célebre conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis: a escrava Arminda — aprisionada por Cândido Neves, em busca de recompensa financeira para salvar o próprio filho da Roda dos Enjeitados — aborta, e o comentário do caçador de escravos e escravas arremata a tragédia: “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração”. O filho (preto) do mais desvalido morre, não vinga, para que o outro desvalido (branco) sobreviva. Na pena de Machado, a ambivalência se junta à cruel ironia, quando nos damos conta de que o verbo “vingar” aqui é usado no sentido de “resistir vivo”, como se diz, por exemplo, de um ovo. (Não à toa, ao nome Neves, de Cândido, se conecta o também alvo nome da mãe Clara: ovo, cla-

ra, neve — eis o “vingar”, resistir, intransitivo; parente, mas distinto, do reflexivo “vingar-se” de alguém, castigá-lo.)

No livro de Danielle, desde o título, mais do que uma projetada vingança, o vingar(-se) é protagonista ativo, urgente, categórico. Tatiana Pequeno diz, na orelha, feito um tapa: “É preciso, desse modo, vingar a mãe, vingar as matriarcas, vingar as mulheres, vingar os esquecidos, vingar os matáveis, vingar os queimados, vingar aqueles que fomos golpeados na cabeça, nas vísceras, no coração”. Vingar Arminda, o filho de Arminda, o coração de Arminda e seu filho. Em sua tese de doutorado, *Ir ao que queima: no verso, o amor, no verso, o horror — Ensaio sobre o verso e sobre alguma poesia brasileira contemporânea* (UFRJ, 2020), Danielle desenvolve teoricamente esse conceito de vingar/vingança, a partir de análises de poemas da própria Tatiana Pequeno, de Bruna Mitrano e de Valeska Torres. Há — sinal de vitalidade e impacto da obra — uma crescente fortuna crítica acerca de **Vingar** e das violências ali expostas, desrecalcadas, denunciadas. Leiam-se os textos, consistentes e cúmplices, de Laura Navarro, Martha Alkimin e Simone Brantes, que oferecem densas e delicadas reflexões em torno de problemas éticos, existenciais, estéticos e filosóficos que atravessam o livro.

Aqui no poema, até se poderia dizer que também ocorre uma violência, pois há brutais e camufladas formas de manifestação da violência, desde aquela patrocinada pelo Estado (que deveria nos proteger) até os mais mezinhos casos do cotidiano (brigas de trânsito, de bar e de casal), passando por toda espécie de preconceito, *bullying*, racismo, homofobia, misoginia e pelas catástrofes da miséria, da desigualdade, da exclusão. Porque *Para ler um poema* diz de uma situação estranha e rara: uma “brasileira poeta e doutora” faz um poema para dizer, com indisfarçável ironia em tom de sinceridade, do bem que a tradução de um poema (ou de versos de um poema) possibilita, ao permitir que se amplie o acesso a seu teor. Noutras palavras, de dentro de um meio em que transitam poetas e doutores, e doutores em literatura, que lidam com língua e linguagem, a poeta doutora manda o papo reto, espanta: “nunca tive muita paciência/ para ler versos em língua estrangeira/ não traduzidos para o português/ afinal sou brasileira e falar portu-

guês/ já é estar um tanto exilada no mundo/ sou poeta e doutora e me sinto exilada/ a cada vez que leio um verso não traduzido”. Nem o poema de Daniella nem este ensaio se postam como “anti-intelectuais ou xenófobos”, muito menos contra “os idiomas, a erudição, estrangeiros, as línguas”. Trata-se de querer algo que o poema ou verso não traduzido dificulta: afeto, proximidade, pertencimento, solidariedade, comunhão, troca, generosidade, carinho, transparência, interesse pelo outro. Sentimentos e valores, ademais, raros — sobretudo em tempos tão tristes e estúpidos como os que testemunhamos.

Já o primeiro poema, *Quando o céu cair*, de seu primeiro livro, **Quando o céu cair** (2018), ambos — homônimos — belíssimos, traz, sob a veste de turista aprendiz e militante, questão similar. Na cena, a poeta se encontra numa praça da parte ocidental da Alemanha “onde havia muitas mulheres sírias”. Em certo momento, “uma das mulheres percebeu talvez/ ela não é alemã e veio/ falar comigo em inglês/ perguntando se eu sabia falar/ inglês eu disse mais ou menos/ o que na verdade/ foi resposta nenhuma/ então ela pegou um papelzinho e começou a ler/ a mesma pergunta/ em várias línguas/ que eu nem sabia/ que existiam/ sempre a mesma/ pergunta (...)”. Em *Quando o céu cair*, a dificuldade de comunicação — de tradução! — entre as mulheres do Brasil e da Síria antecipa, por estratégia metonímica, o gravíssimo problema da migração: “os imigrantes estão morrendo/ entre a ásia e a europa/ os imigrantes entre/ a áfrica e a europa imigrantes/ entre a américa e/ a américa (...)”. Se a poeta pudesse entender a pergunta em alguma das “várias línguas”, quem sabe o problema *daquela* mulher síria fosse atenuado, mas não o problema das *muitas mulheres sírias* nem dos *imigrantes* do mundo. Se houvesse a tradução, outro acontecimento se faria, e se faria diferente a cena da praça e do poema. Entender para transformar.

Imaginem, com licença lúdico-poética, que aquela moça síria tivesse lançado mão do Google translator, para entender os cinco versos iniciais do poema de Danielle: “lam yakun ladaya alkathir min alsabr/ liqira’at alayat bilughat ’ajnabia/ lam tutarjim ’iilaa albur-tughalia/ baed kuli shay’ ana baraziliun wa’atahadath albur-tughalia/ yatimu bialfiel nafyuhum ’iilaa ha-

din ma fi alealam”. Com um toque, o Translator oferece ao estranho estrangeiro o paraíso artificial do sentido e pacifica a vontade do leitor de iludir-se quanto ao que diz a fulana ou beltrana na misteriosa língua. O mundo, contudo, não se deixa traduzir assim de modo tão confortável. O verso não traduzido, ou abduzido pelo Translator, não vinga.

Por isso a brasileira, doutora e poeta prefere não, lembrando o *Bartleby* de Melville. Melhor não. Melhor que o próprio poema se dê pleno, que o verso em francês alemão grego ou inglês se desvele em português. Não importa, repita-se, que venha em rodapé a versão do verso. O que a leitora não quer é entrar no jogo do constrangimento de ter que saber ou não saber tal ou qual língua, ou entrar no jogo de ter que fingir que sabe qual ou tal língua, ou entrar no jogo de ter que recorrer à imediata máquina-de-traduzir. Ler um poema é como dançar — com leveza, sem assédio.

O poema *Para ler um poema, use o Google translator* destoa, até certo ponto, da pegada explícita e radicalmente política, engajada, feminista, combativa, vingante do livro em geral, livro que, em versos, revira a história contemporânea, sem receio ou pudor de hipócritas tabus, e para tanto encara de frente o inimigo-mor de qualquer poeta (para não dizer de qualquer pessoa): o estereótipo. O estereótipo é o fácil, o falso, o cômodo, a aparência, o viável — o Google Translator. O estereótipo é sentir-se constrangido “por não saber francês alemão grego ou inglês”. O estereótipo é evitar o conflito, disfarçar a postura, fingir que sabe. Se não tem a tradução, “que poderia vir em uma nota de rodapé”, e não se quer o recurso a um tradutor instantâneo (hostil a sutilezas), a leitora prefere — sobretudo: diz, assume, torna público, sem subterfúgios ou poeira sob o tapete — pular a linha, ir à língua. É da língua que se alimenta o monstro do estereótipo. Por isso a poeta, ladina, desconfia do tradutor automático. Por isso a leitora, exilada, deseja a generosidade da tradução. Por isso a doutora brasileira, sem xenofobia, com tese em poesia, sabe a língua que lusa.

Destoa, mas nem tanto, porque em *Para ler um poema, use o Google translator* Danielle também se vinga, tomando o expediente do verso/poema não traduzido, se vinga de certa poesia contemporânea descompromissada do social, indiferente ao leitor, mais preocupada com o próprio umbigo e com malabarismos verbais, com lascas de arrogância, de que resultam em geral melodramas herméticos numa redoma de efeitos. O uso de tal expediente, por si só, obviamente não faz do poema um vilão, nem do poeta um cancelado. Não se trata de patrulha, lugar-comum de um limite estreito. Mas, para um livro forte, à flor da pele, feito **Vingar**, coração e razão na ponta da lança, qualquer palavra conta. Qualquer vacilo contra (contra o verso, contra o “restante do mundo”), pode ser a gota d’água. Para ler **Vingar**, não use artifício, use arte físsil: não é preciso nem pular linha, pois, sem enganosa candura, todos os versos vingam. **📖**



# inquérito

REGINALDO PUJOL FILHO

## ALGUM INCÔMODO NA CABEÇA

O gaúcho Reginaldo Pujol Filho começou a escrever seu primeiro livro aos 5 ou 6 anos, por mais que não lembre da experiência. Ao longo da adolescência, frequentou oficinas de criação literária — sem ainda se preocupar com a veiculação de seu trabalho autoral. “Demorei a associar o desejo de escrever a ser escritor”, explica o autor de **Não, não é bem isso** (2019), para quem o porquê de escrever segue como uma pergunta em aberto. Essa dúvida, de certa forma, conversa com sua produção experimental, sempre obcecada com novas possibilidades. O romance **Só faltou o título** (2015) e os livros de contos **Azar do personagem** (2015) e **Quero ser Reginaldo Pujol Filho** (2010) são suas outras publicações.

### • Quando se deu conta de que queria ser escritor?

É curioso pensar sobre “querer ser escritor”. Me faz perguntar o que é ser escritor: escrever? Escrever com consciência estética, conceitual? Publicar? Nunca chego a uma resposta. Sempre gostei de ler, escrever e inventar histórias. Minha irmã me falou de um livrinho, **O supercão**, que tentei escrever ao 5, 6 anos (não lembro disso). Demorei a associar o desejo de escrever a ser escritor. Na adolescência, sem pensar nesses termos, fiz oficina literária por anos. Só pelos 25 anos, graças ao escritor e professor Charles Kiefer, que “ser escritor” (no senso comum: escrever, publicar, dar a ler) surgiu.

### • Quais são suas manias e obsessões literárias?

Para escrever, poucas: ter algo para beber (café, chá, vinho, cerveja). Escrevo cercado de livros — que estou lendo, quero ler, acho que podem animar o que estou trabalhando. Tenho escrito à mão. Mas se trabalho direto no teclado, gosto de ter papel e caneta, faço rabiscos, notas, desenhos, não sei explicar, mas ajuda. Detesto muita luz. Uma lampadinha basta. Faz tempo que deixo o telefone em outra peça da casa. No que escrevo, a voz narrativa é uma das principais obsessões. A forma e seus variados sentidos (estruturais, mancha gráfica, diagramação) também. E fugir de mim, tentar não me repetir. Talvez seja a obsessão mais doída, gera autocensura, policiamento interno. Como leitor, sou obcecado por Gonçalo M. Tavares, Verissimo, Sergio Sant’Anna, pela primeira página do **Dom Quixote**. Pelo que me estranha, confunde, não sei o nome. Anoto quando leio, risco páginas, escrevo na guarda do livro, na folha de guarda. E leio mais de um livro por vez. Sempre uma narrativa longa, algo de poesia, um ou dois livros de contos e algo de ensaio.

### • Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Estar lendo é imprescindível. Mas não tenho algo que precise me acompanhar dia a dia. Revisito livros. **O senhor Henri**, de Gonçalo M. Tavares, seguro, li mais de dez vezes. Mas não consigo dizer um livro só.

### • Se pudesse recomendar um livro ao presidente Jair Bolsonaro, qual seria?

Difícil recomendar para quem detesta tudo o que se refere ao livro, é incapaz de sutileza, ler entrelinhas, construir relações empáticas e imaginar qualquer coisa fora do seu mundinho triste e



deprimente. Indicar para ele uma lista telefônica ou o **Dom Quixote** daria praticamente no mesmo. Mas vamos lá: já que esse sujeito não tem a menor capacidade de aprendizado subjetivo, emocional, e ele só olha para o umbigo, seria **Ubu Rei** (Alfred Jarry) ou **A cidade, o inquisidor e os ordinários** (Carlos de Britto e Melo): talvez ele se identifique com os personagens que dão título e se divirta um pouco.

### • Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Não estar com demasiados problemas da realidade miúda na cabeça (difícil), estar capaz de criar sensação de silêncio (em casa, num café, aeroporto, estar cercado de ruídos que não falem comigo, palavras que não me fazem sentido). Ter tempo: demoro para começar a escrever, rondo o texto por meia hora, uma hora às vezes. Telefone, e-mail, o mais longe possível. Algo para beber. E algum incômodo na cabeça (um tema, forma, frase, cena).

### • Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Não são muito diferentes das de escrita. Mas leio nas mais diversas condições não ideais. Adoro ônibus, pegar começo da linha, conseguir sentar e ter 40, 50 minutos para ler. Me ocorre agora: viajar sozinho (os deslocamentos) é uma condição ideal de leitura. O parêntese entre uma cidade e outra é garantia de que a realidade, o cotidiano, não surgirão no meio da página.

### • O que considera um dia de trabalho produtivo?

Não tenho metas de páginas, palavras. Escrever também acontece muito fora da página, no pensamento, no rabisco lateral. Então um dia produtivo pode ser o de umas duas páginas com ritmo. Mas pode ser o dia em que uma dúvida se desfaz finalmente,

destrava parte do processo. E, raridade, sobrar tempo para ler sem obrigação à tarde.

### • O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Se é prazer e não produtividade, acho inigualável a sensação de escrever sem parar por 30 minutos, uma hora, quem sabe mais, num encadeamento insano, como se alguém estivesse ditando um texto no meu ouvido. Terminar uma página, um texto assim, é desembarcar de outro planeta. Fico desorientado, alheado. Sinto um cansaço físico. E é bom. É como a dor e o torpor de um atleta depois de uma prova, um jogo, de alta concentração.

### • Qual o maior inimigo de um escritor?

Acho que é a cabeça do escritor e os infinitos inimigozinhos que ela cria: urgências mediócras que atrasam a escrita, motivos para não começar, vaidadezinhas sobre o que vão pensar do que nem foi escrito, esquecer do porquê começamos a escrever.

### • O que mais lhe incomoda no meio literário?

Talvez a falta de uma de ideia compreensão de ecossistema literário. Tão comum ver editora que não gosta de livreria porque é mais negócio vender direto; escritor que se autopublica porque fatura mais; livreria que dá calote em editora; falta de relação com bibliotecas; autor que alardeia promoção do livro na Amazon (quando ela está fazendo *dumping* e quebrando livrerias e editoras e buscando que todo mundo publique individualmente na plataforma dela). Isso tem a ver com a debilidade do sistema como um todo no Brasil — e que não tem perspectivas de melhora no curto prazo. Mas é um salve-se quem puder, farinha-pouca-meu-pirão-primeiro, como se a cultura do

livro pudesse ser forte sem pontos de culto (as livrerias). Como se o livro para acontecer dependesse do gênio do autor, e a editora fosse atravessadora; como se não fizessemos parte do mesmo problema.

### • Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Ithalo Furtado (Parnaíba); Renata Wolff, Fernanda Bastos e Luiz Maurício Azevedo (Porto Alegre); André Cúnico Volpato (Curitiba); Ricardo Adolfo (Portugal); Lucas Litrento (Maceió); Campos de Carvalho e Manoel Carlos Karam já recebem, mas merecem mais atenção.

### • Um livro imprescindível e um descartável.

Imagino — não li — que os do Olavo de Carvalho, do Rodrigo Constantino, devam ser intelectualmente descartabilíssimos. Quem sabe, no futuro, essas baboseiras sirvam para (além de não esquecer do buraco em que nos metemos) criar personagens absurdos, cômicos por sua idiotice? Para construir vozes de alguns personagens, já fui ler blogues hediondos, caixas de comentários das mais sórdidas. Sei lá. Um livro imprescindível? Quase sempre me agarro ao **Dom Quixote**. Mas há tantos: os de hoje pelas vozes que trazem, os para minha vida de leitor, de escritor...

### • Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

O mais do mesmo, o requentamento (e não reelaboração) de fórmulas, linguagens, modos de olhar, narrar, refletir. Se o livro não me estranha, deixa curioso, incomoda, e me permite sacar o que será logo a partida, a leitura vira protocolo.

### • Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Nenhum.



# Uma paisagem sonora da dor

**Os vivos !?! e os mortos**, de Fernando Monteiro, documenta poeticamente os terrores da Ditadura Militar, um dos momentos mais cruéis da história do Brasil

CRISTIANO DE SALES | CURITIBA - PR

A literatura pode ter um implacável modo de acontecer. Quando enfrenta feridas insuportáveis, gangrenando ainda, cortes finos, rasgos largos, hipotermia, ossos quebrados, carnes violadas, queimadas, asfixiadas e enterradas, ela, a literatura, pode ainda impelir pela estesia, nunca pela anestesia, algum pensamento que nos comova, apesar do horror.

**Os vivos !?! e os mortos** parece ser um desses casos. Os poemas deste artista recifense abordam o terror da Casa dos Mortos, uma locação na serra fluminense usada por agentes do Centro de Informações do Exército para torturar e matar pessoas durante a ditadura militar no Brasil, na década de 1970.

O peso dessa história faz com que as escolhas poéticas de Monteiro se entrelacem com algumas soluções editoriais não muito comuns. Destaque para as páginas negras com fontes brancas e para o anexo documental jornalístico ao fim do conjunto de seis poemas. Mas, indiscutivelmente, o ponto alto das soluções visuais deste poema-documentário são as ilustrações de Chico Díaz. Elas alargam a espessura do horror, por meio de montagens plásticas que nos esfolam nas paredes imundas e assustadoras desse capítulo tenebroso da nossa história. As imagens gritam na capa, intercalam os poemas e findam o livro compondo uma brutal paisagem sonora da dor.

A opção pelos versos prosaicos e pela linguagem direta, quase documental, revela sensibilidade e inteligência argutas, dado que o tema não convida a lirismos. Ao contrário, em princípio, o tema silencia qualquer sobrevida poética.

De narrativo encontramos passagens como,

*para quem foi levado  
portão adentro da fossa humana  
por arrastões, cabelos  
e golpes até o esgoto  
— há esgotos e esgotos,  
falo do esgoto que pode ser  
levantado  
[e foi]  
naquela rua...*

O tom de relato, comum aos documentários, se adensa na opção narrativa de quem se coloca, evidentemente, do outro lado da história narrada para alinhar o artifício poético com o desejo de inventa-

riar e não deixar esquecer mais esse exercício de morte promovido por uma instituição brasileira.

No que toca a expressão mais direta e documental, temos versos como “ARTHUR BARBOSA/ NÚMERO 668/ BAIRRO DE CAXAMBU, PETR...”. A frieza dos versos, além de se inscrever como se fora documento, coaduna com a frieza dos algozes, agentes do Exército Brasileiro.

## Ecoss no presente

Apesar da explícita datação e do endereço histórico, a dialética do horror de Fernando Monteiro encontra ecos, ou melhor, correspondência no país em que vivemos hoje, sob um governo de ódio:

*dos carros dos facínoras matando  
o primeiro,  
o segundo,  
a terceira,  
a quarta,  
a quinta...  
o trigésimo...  
no primeiro regime de ódio  
que nos governou  
(agora, o segundo nos governa).*

E nessa mesma sugestão de dialética entre os governos de morte, o poeta não deixa esquecer a (ir)responsabilidade de uma eleição. O derradeiro poema do livro explora a ambiguidade da palavra urna, onde se deposita o voto que pode eleger os governos de morte, e que também remete aos recipientes fúnebres onde se depositam restos mortais.

A partir do confronto com esse poema, não podemos deixar de pensar em um ponto bastante devastado da nossa história presente: se lá, no tempo da Casa da Morte, o governo facínora tomou o poder na mão grande, por meio do golpe de 1964, aqui, no contemporâneo governo das 560 mil mortes (por enquanto), a escolha foi, em princípio, democrática.

## Dias apagados

Muito se fala da morte nos poemas de Monteiro, não poderia ser de outra forma. E quando se fala dos vivos, instaura-se uma dúvida, anunciada já no título do livro, ou seja, **vivos !?!**. A interrogação é digna da provocação que geralmente a arte nos coloca. Estamos realmente vivos? A experiência estética, já sugerimos acima, comove para que não sucumbamos à anestesia. De modo semelhante, apesar de toda a dureza do livro, no momento de maior expressão lírica, a meu ver, o poeta parece reagir à própria dúvida do título:

*o ânimo que resta  
quanto a nós, nesta hora,  
parece ser de recuo  
e recusa de morrer para escapar  
de viver apenas e tão somente  
por nada  
ou quase nada  
na espuma dos dias apagados.*

O AUTOR

FERNANDO MONTEIRO

Nasceu no Recife (PE), em 1949. É escritor, poeta e cineasta. Estreou em poesia ainda nos anos de 1970. Ganhou prêmios pela produção literária tanto em verso quanto em prosa. É autor, entre outros, de **Aspades, ETs, etc.**, **Armada América** e **A múmia do rosto dourado do Rio de Janeiro**. Em 2017, foi o autor homenageado da Bienal Internacional de Literatura de Pernambuco.



**Os vivos !?! e os mortos**

FERNANDO MONTEIRO  
Sol Negro  
60 págs.

Ainda no registro da estesia, Monteiro nos faz lembrar o saudoso crítico e professor Alfredo Bosi. Foi com este que aprendemos que, contrário à sentença de Theodor Adorno, a poesia nasce, sim, da perplexidade, do horror. Lição muito bem incorporada por Monteiro:

*não, Theodor, não se tornou  
“impossível”  
escrever versos para os vivos  
que não estejam mortos.*

Não a despeito da dureza do livro, mas, ao contrário, justamente por conta dela, o conjunto de poemas sobre a Casa da Morte termina num discreto tom de otimismo para a vida possível. Eu só problematizaria uma questão com o autor desse importante livro: será que temos que escrever apenas para os vivos que não estejam mortos? Ou a potência da poesia, conforme a percepção de Bosi e do próprio Monteiro, não faz também surgirem coisas em meio à anestesia, já que surgem da perplexidade? Dito de outra maneira, a poesia não poderia também romper o estado zumbi em que se encontram muitas insensibilidades hipócritas a que chamamos sociedade, ou mesmo vizinhos?

Não são perguntas retóricas. O tom interrogativo vem do simples e direto fato de eu não saber. Mas a complexidade da afirmação de Bosi, e do próprio poeta documentando a Casa da Morte, está em ver na poesia uma potência que surge do ermo das cinzas do horror. Sendo assim, não seria o caso de vermos no acontecimento poético alguma esperança de comção no seio do ódio social que nos cerca? Se sim, então os versos também são fagulhas ígneas para os vivos que estão mortos.

Enfim, **Os vivos !?! e os mortos** é livro incômodo porque muito bem feito. É livro necessário que, embora grite, impele o leitor a certa quietude ao fim. **👊**

## • Qual foi o canto mais inusitado de onde tirou inspiração?

Por acreditar que tudo é matéria da literatura e da arte, acho difícil pensar em canto inusitado. Lembro de momentos. Comecei mentalmente um conto debaixo da marquise do centro municipal de cultura, protegido da chuva, esperando uma carona. Outro foi num caderninho, no ônibus, ao ver um vigia em frente a uma mostra de decoração.

## • Quando a inspiração não vem...

Olho anotações antigas, folheio-leio livros ao redor, faço rabiscos, desenhos aleatórios, anoto frases, vou lavar uma louça, saio na rua (saudade disso), abro bem os ouvidos e roubo conversas alheias, gestos, movimentos.

## • Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Já foi o Calvino, para saber da sexta proposta para o novo milênio. Mas a Elvira Vigna, com quem estive rapidamente num evento e não cheguei a ter chance de sentar e conversar, é uma tristeza que ficou. Ouvir o modo dela de olhar para livros, o país, a arte.

## • O que é um bom leitor?

Cada um lê como quer e pode. Diria que no Brasil ler literatura, questões críticas, já é resistência, é ser de algum modo bom leitor. Mas gosto da ideia do Barthes, que coloca aqui toscamente: a linguagem que gera linguagem, ou seja, leitura que não é só entendimento — mensagem, resumo do lido. O leitor (seguindo com Barthes) que lê levantando a cabeça de tempos em tempos, acometido por ideias, perguntas, reflexões. Leitura que escreve nos espaços que o texto deixa, nas perguntas que o livro provoca. Uma leitura que descobre textos que o autor não sabia que ali estavam, porém estavam. É um modo porque gera conversa, faz os livros seguirem, renascerem. Mas, sobretudo, bom leitor, boa leitora lê com autonomia: lê como quer e sabe que está lendo assim.

## • O que te dá medo?

O Brasil.

## • O que te faz feliz?

Agora, em especial, a Rosa, minha filhinha recém-chegada. Felicidade a cada gesto, fralda, arroto, olhar.

## • Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Certeza de não querer me repetir. Dúvida: se consigo.

## • Qual a sua maior preocupação ao escrever?

A resposta anterior meio que respondeu essa, né?

## • A literatura tem alguma obrigação?

Não ter obrigação.

## • Qual o limite da ficção?

A imaginação do autor, da autora. Eticamente, das responsabilidades que cada um está disposto a assumir pelo que escreve.

## • Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Até um rio, até uma árvore, uma abelha. São eles que mandam, só falta a gente obedecer.

## • O que você espera da eternidade?

Que não seja longa demais. **👊**

# rascunho recomenda



DIVULGAÇÃO

Após estreiar na não ficção com **Desterros** (2017) e praticar a forma breve com **Rachaduras** (2019), finalista do Prêmio Jabuti, a psiquiatra e escritora paulistana lança seu primeiro romance. Em **Copo vazio**, mulheres abandonadas estão no centro da história, em uma manobra que acena para personagens como Medeia e Dido. Na narrativa de Natalia, Mirela é uma mulher inteligente e bem-sucedida que se apaixona por Pedro. Se inicialmente o que ela experimenta é a “felicidade insuportável”, como definiria Clarice Lispector, o que se sucede é um desmoronamento emocional, no que as dúvidas tomam conta da protagonista. “A mera tentativa de entender como chegou até aquele instante, de olhar em volta — as prateleiras, o carrinho com as duas caixas de sabão em pó, a música de fundo do supermercado: a realidade —, deixará evidente que o ar está espesso porque terá passado a existir. A presença daquele homem”, diz um trecho da obra.



## Copo vazio

NATALIA TIMERMAN  
Todavia  
144 págs.



## O espalhador de passarinhos

HUMBERTO WERNECK  
Arquipélago  
176 págs.

É um bom ano para o escritor nascido em Belo Horizonte: além de ter sido eleito para ocupar a Cadeira 5 da Academia Mineira de Letras, seu primeiro livro de crônicas ganhou reedição. Nos 54 textos de **O espalhador de passarinhos**, publicado originalmente em 2010, Werneck cria um conjunto permeado por personagens reais: sua própria família, amigos e colegas de profissão e figuras célebres com quem teve contato. No texto de introdução à nova edição, ele anota que as narrativas precisaram passar por alguns reparos, em um exercício que Otto Lara Resende chamava de “despiorar” o texto. “Algumas crônicas pediam para cair fora, no mínimo por se terem tornado anacrônicas, enquanto outras se fundiam de maneira natural — ao mesmo tempo em que para as sobreviventes se buscava um ordenamento capaz de proporcionar ao eventual leitor uma viagem menos pedregosa, facilitada também por um visual convidativo”, explica o autor de **O santo sujo** (2008) e **O desatino da rapaziada** (1992), entre outros livros.



## Poemas de amor

SELEÇÃO E ORG.: WALMIR AYALA  
Nova Fronteira  
224 págs.

Outro livro importante volta a circular nas prateleiras brasileiras. Na antologia **Poemas de amor**, organizada por Walmir Ayala (1933-1991) no final da década de 1980, o gaúcho reuniu versos que tratam de diferentes maneiras um dos sentimentos mais complexos do ser humano. Para dar conta dessa tarefa difícil, a obra — cuja nova edição ficou aos cuidados de André Seffrin, que adicionou poetas contemporâneos à seleta — reúne nomes como Camões, Shakespeare, Goethe, Castro Alves, Baudelaire, García Lorca, Florbela Espanca, Maria Carpi, Luci Collin e Mário de Andrade. “Infelizmente não li todos os poemas de amor escritos no mundo, nem sequer os que foram escritos no Brasil, para me arvorar perfeito antologista da matéria”, anotou Ayala no prefácio original à seleta, escrito em 1989. “Mas recolhi, aqui e ali, momentos da lírica amorosa que me impressionaram.” Já para esclarecer o funcionamento de seu próprio trabalho, Seffrin anota: “Daquela distante primeira edição a esta de agora, procurei manter fidelidade ao projeto original”.

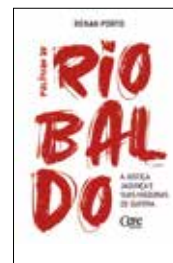
Dez anos após o lançamento original, um dos livros mais relevantes da literatura LGBTQIA+ nacional ganha reedição. A história, adaptada para o cinema por Marcelo Laffitte em 2010, acompanha o relacionamento improvável entre a travesti Madonna e a motogirl lésbica Elvis, tendo como cenário uma Copacabana tão charmosa quanto violenta. “Em tempos tão sombrios, Biajoni reafirma sua ousadia de vanguarda: foi um dos primeiros a fazer literatura gay no Brasil”, anota Raphael Montes sobre a obra.



## Elvis & Madonna: uma novela lilás

LUIZ BIAJONI  
Bazar do Tempo  
180 págs.

Em livro que nasceu de uma dissertação de pós-graduação em Direito, o autor baiano analisa o clássico **Grande sertão: veredas**, de João Guimarães Rosa, sob a lente do conceito de justiça. “O romance de Rosa me permitiu explorar uma justiça da perspectiva nômade e anárquica dos jagunços em oposição a uma justiça do estado, dos juízes e dos tribunais”, explica Porto, que visitou no trabalho de diversos filósofos e críticos literários para dar corpo à obra.



## Políticas de Riobaldo: a justiça jagunça e suas máquinas de guerra

RENAN PORTO  
Cepe  
132 págs.

O segundo volume da coleção iniciada com **O vazio não está nem quando é silêncio** (2020) traz 17 autoras que têm em comum o fato de viverem ou terem vivido na cidade de Leme, em São Paulo. “Sim, este é um livro de resistência. Resistência e luta. O simples fato de ser escrito exclusivamente por mulheres já evidencia esse lugar na cena editorial”, explica o texto de apresentação da editora. Aline Archangelo, Gisele Santos Fernandes, Kuca Magalhães, Meire Contieri e Thaís Alves são algumas das autoras que compõem a obra.



## Farol, ancoradouro, oásis e sal: vozes femininas na literatura

ORG.: BEL PAROLIM  
Mireveja  
144 págs.

Em seu novo livro de poemas, o professor mineiro reúne versos escritos durante uma das maiores crises sanitárias da História. O conjunto, nascido de uma “tentativa de reorganizar a vida em função da pandemia”, conforme o autor explica em entrevista ao portal da Universidade Federal de Alfenas, passa por temas como amor, política, religião e a própria poesia. Além disso, em uma obra marcada pela ironia, Eloésio Paulo recupera episódios verídicos e imaginários de sua infância.



## O amor é um assunto imbecil & outros poemas taquigráficos

ELOÉSIO PAULO  
Dubolso  
96 págs.

Negritude, pobreza, sincretismo religioso e gravidez indesejada são alguns temas do romance de estreia da autora mineira, formada em medicina e radicada em São Paulo. A obra, que acompanha quatro gerações de mulheres, tem na figura de Dora seu fio condutor. A personagem, mãe de uma recém-nascida que vai estudar enfermagem em São Paulo, retorna à Bahia — já diplomada — e precisa se reconectar com as mulheres de sua família, em especial com a filha que não via há 12 anos.



## Gameleira-branca

SOFIA AROEIRA  
Jandaira  
176 págs.



## alcir pécora

CONVERSA, ESCUTA

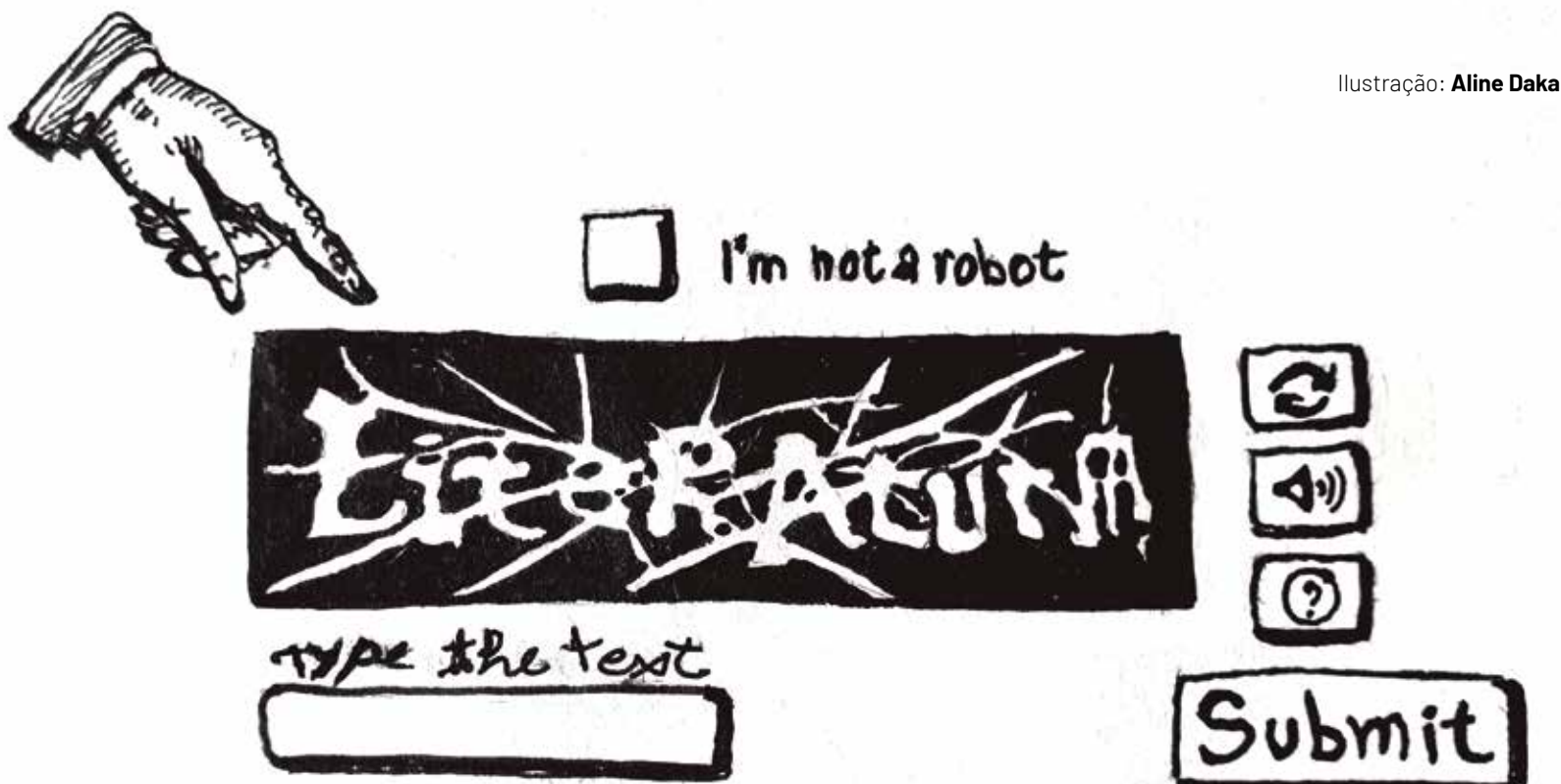


Ilustração: Aline Daka

# A CENTRALIDADE ACHADA E PERDIDA DA LITERATURA

A ideia da literatura como centro — seja das práticas artísticas, seja dos estudos nas áreas de humanidades — é recente. De fato, surge apenas no século 19; nos séculos anteriores, a filosofia e as ciências, assim como, antes delas, a religião e a teologia, ocupam o centro das preocupações sociais e intelectuais. Sendo recente, o protagonismo literário não chegou a durar muito mais do que um século. Hoje, quando alardeado, funciona sobretudo como fórmula burocrática de humanismos esvaziados ou declaração edulcorada de gosto individual (“eu amo literatura”), não como discurso de reconhecimento efetivo de um *status* constitutivo de determinada sociedade.

O tema da centralidade da literatura foi discutido, entre outros, pelo acadêmico inglês Bill Readings, autor de **The university in ruins** (Cambridge, Harvard University Press, 1996), de que há uma ótima tradução portuguesa (“**A universidade em ruínas**”), publicada pela editora Angelus Novus, de Coimbra, em 2003. A meu ver, é livro imprescindível para a compreensão do funcionamento contemporâneo da literatura, conquanto o autor, precocemente falecido, sequer tenha lhe dado um acabamento definitivo. De maneira particularmente elucidativa, ele demonstra a articulação entre a literatura e a formação do Estado-Nação moderno, no âmbito dos currículos

da Universidades anglo-saxãs — o que se transfere facilmente para o ambiente universitário mundial, uma vez que aquelas fornecem o seu modelo hegemônico.

Assim, Readings mostra que apenas quando se tratava de fornecer um modelo de organização social diverso daquele do *ancien régime*, associado a valores aristocráticos como região de origem, práticas consuetudinárias, linhagens, ofícios, e, enfim, relações estamentais e doutrinas religiosas, é que a noção de literatura ganha um impulso inédito até então. Isto porque, foi da literatura, mais do que qualquer outra área do conhecimento, que se esperou a evidência de um sentimento “nacional” que estava sendo gerado como natureza e instinto, que, por sua vez, operavam como fundamento ontológico de um projeto político consciente.

Ou seja, apenas prestando-se ao papel de laboratório de fabricação dessa nova comunidade nacional, cuja existência não podia ser senão largamente “imaginária”, para usar o termo consagrado por Benedict Anderson, a literatura alcançou estatuto social estratégico. Tornou-se, por assim dizer, cúmplice privilegiada de uma invenção que ainda tateava experimentalmente a sua base material e histórica.

O principal formulador dessa conjunção historicamente bem-sucedida de literatura, universidade e sentimento nacional foi, sem dúvida, John Henry

Newman, o célebre Cardeal Newman, cujo livro **The idea of University**, de 1858, é crucial no debate internacional sobre a concepção moderna da instituição universitária. A sua proposição básica é a de que a literatura é disciplina decisiva para produzir o sentimento de pertença entre as pessoas que constituem uma nação. Nenhum documento ou fato histórico produziria essa liga afetiva de forma tão eficaz como a ficção o poderia fazer.

A pensar nesses termos, portanto, a centralidade da literatura é diretamente dependente tanto da relevância e expansão da instituição universitária dentro da sociedade, como das condições históricas que favorecem narrativas fundadas na ideia de Estado-Nação. Ou, dito de outra maneira, a literatura ganha projeção e ascendência sobre as demais áreas de conhecimento quando se torna o lugar privilegiado de onde emana uma espécie de épica nacional.

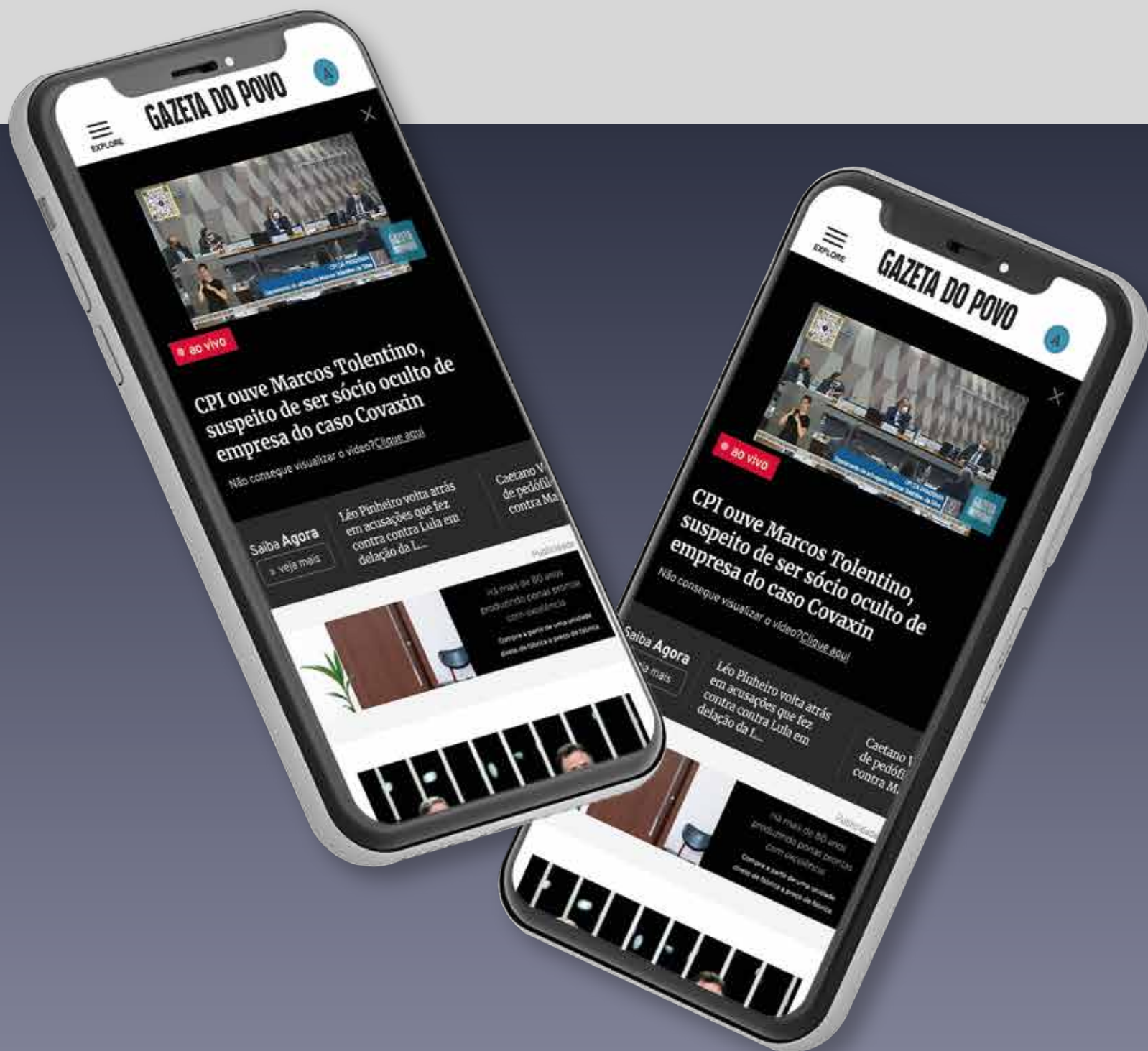
É exatamente no interior do nexos Universidade-Estado-Nação, pensada pelo Cardeal Newman, que acontece a grande reversão do cânone intelectual vigente até então. Nas palavras de Readings: “Plato’s *Ion* has been reversed, and it’s literature that can train the cast of mind required to understand all other sciences and professions” (op. cit., p. 76) [O *ion* de Platão foi revertido e é a literatura que pode agora exercitar o repertório mental necessário para compreender todas as outras ciências e profissões].

Com isso em mente, é possível compreender o grande protagonismo assumido pelos historiadores universitários da literatura nos dois últimos séculos, pois são eles os operadores dessa concepção de literatura integrada, avaliada e submetida à constituição de um corpo nacional coeso, orgânico e autônomo. Por isso, no Brasil, vai-se falar da “nossa” literatura, como se se falasse de algo natural em todos os que aqui nasceram, e do qual participassem todos, de forma equânime, de uma mesma aspiração de soberania política e de destinação histórica.

Nem é preciso dar exemplos: é notório que as mais influentes histórias da Literatura Brasileira — assim mesmo, no singular e em maiúscula, para exalar substância —, são exatamente aquelas articuladas no âmbito de uma teleologia nacionalista na qual o escritor é tanto maior quanto mais se inscreve a serviço da construção de uma nacionalidade independente. À perfeita imagem do projeto de Newman, as histórias literárias aplicaram-se a estabelecer vínculos entre a constituição do Estado, o sentimento coletivo de nacionalidade, a formação espiritual e intelectual de cada indivíduo e a literatura, a qual, aqui, surge recoberta de um estatuto grave de missão, ainda quando pensada em termos laicos.

A questão, entretanto, é que não apenas o Brasil, mas o mundo, vive há tempos uma crise da questão nacional. A globalização e o neoliberalismo, que tornou rotineira a circulação internacional do capital, minou a soberania material dos Estados nacionais e obviamente não deixaria de abalar a densidade espiritual da missão literária. Esse é talvez o fenômeno mundial mais conhecido e vivido pelos contemporâneos, a par do assalto da tecnologia virtual, que é o seu grande condutor. Por isso, de um modo ou de outro, a antes onipresente ideia do Estado-Nação acabou desnaturalizada como fulcro da história dos povos e, por consequência, como orientação da história literária, tal como se consolidara nos séculos 19 e 20.

Isto posto, a questão literária atual revela-se uma verdadeira encruzilhada de contradições. Diante da quebra da hegemonia do Estado nacional, o que mais poderá sedimentar historicamente algum protagonismo da literatura? Mas essa sedimentação, qualquer que seja, não se fará sempre à custa de curvá-la diante de uma missão edificante, em termos coletivos ou individuais? Pior, não implicará em tentar produzir uma épica da globalização ou, quem sabe, do neoliberalismo? Não será um preço alto demais valorizá-la justamente por aquilo que a sobredetermina e domestica? E será que, por outro lado, a ruína do seu protagonismo não poderia ser uma bem-vinda abertura para si mesma e para as suas práticas mais radicais e desestabilizadoras? Não é fácil responder positivamente a quaisquer dessas questões, mas ao menos negativamente a uma delas é muito fácil: nada seria mais regressivo e reacionário do que imaginar o Estado-Nação reduzido à Pátria-Amada — o que, aliás, dispensa completamente qualquer literatura além da que rasteja nos panfletos fundamentalistas do fim do mundo. ●



ASSINE  
GAZETA  
DO POVO

OFERTA  
R\$ **4,50**  
DEPOIS  
R\$ 21,90  
POR 3 MESES



**APROVEITE!**



★ **nelson de oliveira**  
SIMETRIAS DISSONANTES

# KILLING THE OLIVEYRAS

A advogada Valentina Soares Oliveyra, oitenta e nove anos, parda, hétero, leonina, filiada ao MDB, foi enforcada na garagem de sua casa de campo em Teresópolis. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da novela **Mar paraguayo**, de Wilson Bueno. E um bilhete que dizia: “Em terra de cego quem tem um olho é rei”.

A atriz Sonia Freitas Oliveyra, sessenta anos, branca, bissexual, libriana, filiada ao PT, foi golpeada na cabeça em seu trailer, durante as filmagens de um drama histórico. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da miscelânea **Jornal Dobrabil**, de Glauco Mattoso. E um bilhete que dizia: “Pimenta nos olhos dos outros é refresco”.

O ex-deputado federal Davi Gomes Oliveyra, setenta e quatro anos, pardo, hétero, ariano, filiado ao PSDB, foi asfixiado com um saco plástico no quarto de um motel em Brasília. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Até que a brisa da manhã necrose teu sistema**, de Ricardo Celestino. E um bilhete que dizia: “Quem pode pode, quem não pode se sacode”.

A cantora Alice Rodrigues Oliveyra, vinte e um anos, negra, hétero, ariana, filiada ao PP, foi apunhalada no coração, numa praia deserta do litoral caruarinense. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Santa Clara Poltergeist**, de Fausto Fawcett. E um bilhete que dizia: “O que não tem remédio remediado está”.

O pediatra Lucas Santana Oliveyra, quarenta e sete anos, amarelo, assexual, geminiano, filiado ao PDT, inalou o monóxido de carbono do aquecedor a gás de seu quarto, num hotel da região portuária de Belém. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Outra inquisição**, de Uilson Pereira. E um bilhete que dizia: “Gato escaldado tem medo de água fria”.

A cardiologista Manuela Martins Oliveyra, cinquenta e nove anos, negra, *queer*, libriana, filiada ao PTB, foi guilhotinada em praça pública, de madrugada, sem testemunhas, longe das câmeras de segurança. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Adaptação do funcionário Ruam**, de Mauro Chaves. E um bilhete que dizia: “Melhor prevenir do que remediar”.

A faxineira Amanda Machado Oliveyra, quarenta anos, indígena, assexual, sagitariana, filiada ao DEM, foi esmagada por um armário de aço cheio de pe-

ças eletrônicas enquanto ajudava numa mudança. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da novela **O mez da gripe**, de Valêncio Xavier. E um bilhete que dizia: “Depois da tempestade vem a bonança”.

A gerente de vendas Laura Barbosa Oliveyra, trinta e sete anos, amarela, hétero, capricorniana, filiada ao PL, foi empurrada da cobertura do centro comercial onde trabalhava, em Porto Alegre. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **PanAmérica**, de José Agrippino de Paula. E um bilhete que dizia: “Quem não tem cão caça com gato”.

O engenheiro de produção Miguel Lopes Oliveyra, cinquenta e três anos, indígena, *queer*, capricorniano, filiado ao PSB, levou uma machadada entre as omoplatas depois da aula de natação, no vestiário do clube. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Zero**, de Ignácio de Loyola Brandão. E um bilhete que dizia: “Deus escreve certo por linhas tortas”.

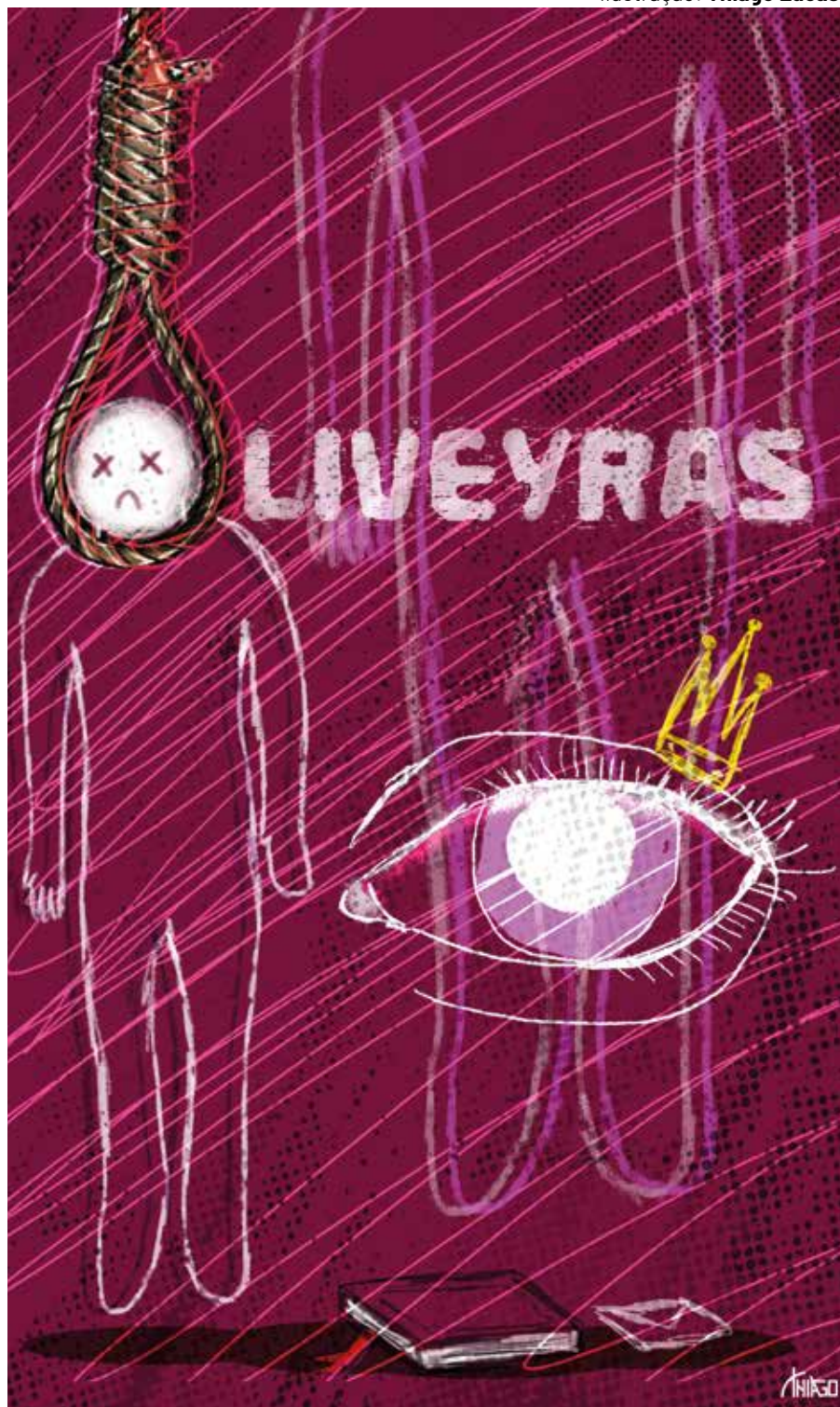
A redatora publicitária Isadora Alves Oliveyra, vinte e dois anos, branca, lésbica, leonina, filiada ao Republicanos, foi afogada na banheira de sua casa, no subúrbio de Belo Horizonte. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Catatau**, de Paulo Leminski. E um bilhete que dizia: “Para bom entendedor, meia palavra basta”.

A jornalista Lorena Lima Oliveyra, trinta e um anos, indígena, hétero, canceriana, filiada ao Cidadania, foi baleada no coração enquanto caminhava no parque Ibirapuera. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da coletânea de contos **Festa na usina nuclear**, de Rafael Sperling. E um bilhete que dizia: “A pressa é inimiga da perfeição”.

O bailarino Francisco Ferreira Oliveyra, sessenta e três anos, negro, gay, geminiano, filiado ao PSC, foi estrangulado em seu apartamento, na região central de Manaus. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da coletânea de ficções-ensaios **Galáxias**, de Haroldo de Campos. E um bilhete que dizia: “Águas passadas não movem moinho”.

O cenógrafo César Mendes Oliveyra, cinquenta anos, branco, hétero, taurino, filiado ao PCdoB, recebeu uma descarga elétrica quando tocou na maçaneta da porta de casa, num condomínio nobre de Salvador. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Papéis de Maria Dias: memórias pósteras**, de

Ilustração: **Thiago Lucas**



Luci Collin. E um bilhete que dizia: “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”.

A ex-governadora Iracema Teixeira Oliveyra, sessenta e um anos, negra, *queer*, virginiana, filiada ao Podemos, foi empurrada de um penhasco, no Parque Nacional da Chapada Diamantina. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da coletânea de contos **Necrológio**, de Victor Giudice. E um bilhete que dizia: “Cão que ladra não morde”.

O cineasta Gabriel Pereira Oliveyra, quarenta e cinco anos, branco, gay, sagitariano, filiado ao PSD, foi envenenado durante um jantar na Cinemateca Brasileira oferecido às celebridades do cinema nacional. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **O peso do pássaro morto**, de Aline Bei. E um bilhete que dizia: “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”.

O empreiteiro Carlos Marques Oliveyra, trinta anos, pardo, gay, pisciano, filiado ao PV, foi garroteado enquanto dirigia para o trabalho no dia de seu aniversário. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Água viva**, de Clarice Lispector. E um bilhete que dizia: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”.

O professor de biologia Arthur Carvalho Oliveyra, quarenta e

quatro anos, branco, bissexual, virginiano, filiado ao Patriota, foi decapitado com uma katana enquanto fazia compras num supermercado no Guarujá. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **Sexo**, de André Sant’Anna. E um bilhete que dizia: “À noite todos os gatos são pardos”.

A bibliotecária Sofia Almeida Oliveyra, vinte e sete anos, branca, lésbica, canceriana, filiada ao Solidariedade, teve o tórax explodido por uma granada enquanto fazia uma trilha no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **O natimorto**, de Lourenço Mutarelli. E um bilhete que dizia: “Quem semeia vento colhe tempestade”.

O ex-vereador Ubirajara Cardoso Oliveyra, cinquenta e nove anos, negro, assexual, escorpiano, filiado ao PSOL, foi dilacerado por três cães ferozes enquanto se exercitava no calçadão de Copacabana. Ao lado dos restos do corpo foi encontrado um exemplar da coletânea **O rosto da memória**, de ficções de Decio Pignatari. E um bilhete que dizia: “De médico e de louco todo mundo tem um pouco”.

O zelador Heitor Ribeiro Oliveyra, vinte e cinco anos, negro, bissexual, aquariano, filiado ao Avante, foi atropelado por uma van no estacionamento de um shopping, em Fortaleza. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar da novela **Mnemomáquina**, de Ronaldo Bressane. E um bilhete que dizia: “Nem tudo que reluz é ouro”.

A corretora de imóveis Heloisa Nunes Oliveyra, vinte e seis anos, amarela, lésbica, escorpiana, filiada ao PMN, foi empurrada no poço do elevador do hospital onde a mãe estava internada, em Cuiabá. Ao lado do corpo foi encontrado um exemplar do romance **O mamaluco voador**, de Luiz Roberto Guedes. E um bilhete que dizia: “De grão em grão, a galinha enche o papo”. ●



MINISTÉRIO  
DO TURISMO  
APRESENTA

**paioL**  
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



# Edyr Augusto

O jornalista e romancista paraense Edyr Augusto foi o quinto convidado 10ª temporada do **Paiol Literário** — projeto realizado pelo **Rascunho**, com patrocínio do Itaú, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Neste ano, os encontros acontecem online, com transmissão pelo Youtube, e todo conteúdo também fica disponível no site do projeto.

Edyr Augusto nasceu em Belém (PA), em 1954. Jornalista, escritor e radialista, estreou na literatura com a publicação de **Os éguas**, em 1998. Ainda na narrativa de fôlego, lançou **Belhell** (2020), **Pssica** (2015), **Selva concreta** (2014), **Casa de caba** (2004) e **Moscow** (2001). Transitou pelo conto com **Um sol para cada um** (2008). Sua prosa está traduzida na França, onde ganhou o Prêmio Caméléon, oferecido pela Universidade de Lyon, e na Inglaterra.

Realizado desde 2006, o Paiol Literário já recebeu 76 escritores. O próximo bate-papo acontece em 4 de novembro, excepcionalmente às 15h30, com participação da romancista Patrícia Melo. A medição dos encontros é do jornalista e escritor Rogério Pereira, editor do **Rascunho**.

## • Luz no fim do túnel

Literatura é vida. É uma exigência dos seres humanos, porque é por meio dela que conhecemos outros mundos. Que passamos a escrever melhor, falar melhor. E passamos, também, a vivenciar emoções que nem sempre temos — ou até teremos, quem sabe? Mas a literatura ilumina nossa inteligência. Ilumina nossas vidas e nos leva adiante. A literatura, diria, é essencial para o ser humano. Essencial mesmo.

## • Berço literário

Eu não tinha como fugir da literatura. Meu avô foi uma figura muito importante no Pará. Além de ser o fundador da primeira emissora de rádio da Amazônia, ele também escreveu livros em vários gêneros. Foi jornalista. Meu pai e minha mãe também escreveram livros. Meu irmão escreve livros. Uma tia minha, poeta, ficou muito famosa. As primeiras histórias que conheci foram as de “capa e espada”. Meu avô tinha uma grande biblioteca, li toda a coleção — **Robin Hood**, aquelas coisas todas. Isso formou minha imaginação.

## • Zé Lins e Euclides

Quando estava no colégio, um professor escolheu livros importantes e dividiu para a turma ler. Caiu para mim **Menino de engenho**, do José Lins do Rego. Fui pedir dinheiro a minha mãe para comprar a obra, e ela disse: “Veja se o seu avô não tem esse livro”. Ele tinha e me emprestou. Quando abri, tinha uma dedicatória do Zé Lins para ele — o que me fez me sentir muito feliz. Esse livro foi muito importante, primeiro por me fazer travar contato com a literatura brasileira. A história é sobre um garoto que passava da infância para a adolescência, o que era meu caso na época, então a escrita dele me cati-



REPRODUÇÃO/ YOUTUBE



“Hoje em dia, a definição de um político no Brasil é simplesmente um bandido.”

vou. Tanto que li outros, **Banguê**, **Fogo morto**. Isso tudo me levou direto para a literatura brasileira. Já aos 14 anos, tive a audácia de ler **Os sertões**, do Euclides da Cunha. Lembro que pulei *A terra e O homem*, fui direto para *A luta*. Aquilo me lembrava os livros de “capa e espada”. Não parei de ler. E comecei a formar minha ideia de como escrever por meio dos cronistas e contistas dos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo — meu pai, jornalista, trazia os impressos para casa. Nelson Rodrigues, os mineiros, todos aqueles nomes importantes da crônica.

## • Primeiro ato

Minha primeira manifestação, digamos assim, foi uma peça de teatro que escrevi aos 16 anos. É meu único texto regionalista, que surgiu a partir da lenda do boto — muito forte na Amazônia. Meu irmão mais novo tocava violão e, naquela época, a ópera rock — *Jesus Cristo Superstar* e outras — estava em voga. A androginia também estava muito na moda. Imagina só, androginia em Belém do Pará! Não era como hoje, que todos estão amando todo mundo. Para nós, a androginia era algo ligado à alegrias, às cores, enfim. Pegamos o boto como o grande galanteador, o grande galá e tal, e resolvemos fazer uma peça chamada *O boto andrógino*. Nós revertíamos a questão: o boto, na verdade, era gay. Meu irmão desistiu no meio do caminho, foi ser pintor, e eu resolvi continuar escrevendo.

## • Encantamento

A peça foi encenada com o título *Foi boto, sinhá!*, com músic-

cas do Waldemar Henriques, um grande maestro da Amazônia. Eu tinha 18, 19 anos, e a peça ficou sete anos em cartaz. Perdi a vergonha na cara, talvez seja a palavra, o encabulamento. Me lembro de ter ido ao Teatro da Paz, que é o maior que temos aqui — uma réplica, em tamanho menor, do Scala de Milão. Quando a peça ia começar havia um tambor de carimbó tocando naquele teatro operístico, ressoava que é uma beleza. É como se dissesse a mim mesmo: “Este é o lugar que quero”. A partir dali, o assunto tomou meu dia a dia. Eu também já começava a trabalhar como jornalista, de modo que essa coisa da escrita, de ter à minha frente um teclado, passou a ser algo constante.

## • Segundo ato

O que me deixou muito empolgado foi poder contar histórias. Quando escrevi essa primeira peça, por exemplo: ver o resultado disso, as pessoas falando. Me encheu de empolgação. Percebi que podia criar alguma coisa, tanto que meu segundo trabalho foi outra audácia realmente grande. Houve uma revolta aqui em Belém, em 1835, a única revolta que aconteceu no Brasil e que o povo tomou o poder, chamada Cabanagem. Li no jornal que ia se completar 150 anos dessa revolta, teve uma cobertura grande de imprensa, então tive a ideia de escrever uma peça. É um assunto até hoje ainda muito discutido no Estado, e não me dei conta das coisas que cercavam o assunto. Escrevi. Foi de um resultado magnífico em termos de público e crítica.

## • Poesia marginal

Tomei contato com o que chamavam de “poesia marginal” nos anos 1970, começo dos 1980. Eu viajava, ia até o Rio de Janeiro, São Paulo, assistia a peças de teatro. Comecei a procurar nas livrarias autores como Chacal, Leminski, Alice Ruiz. Escrevi alguns

poemas e, naturalmente, mostrei para meu grupo de amigos. Acharam que eu devia lançar um livro. E lancei **Navio dos cabeludos** — com esse tipo de poesia que trabalha grafismos, ilustrações, tentando alguma coisa nesse sentido. E assim me mantive por algum tempo.

## • Audiopoemas

Acho que lancei até hoje uns cinco livros com poemas nessa mesma linha, sendo que nesse ínterim também publiquei duas fitas com audiopoemas. Trabalhei em rádio a vida inteira, lidando com áudio, então lancei fitas. Não posso dizer que declamava os poemas, eram quase interpretados. Lancei duas dessas, uma se chamava *Mr. Bentley* e a outra, *Óleo*, porque faz a língua passear no céu da boca.

## • Radionovela

Segui escrevendo para o teatro e surgiu a ideia de reunir o trabalho em livro. Lancei um com dez peças. Comecei a publicar em jornal algumas crônicas. O tempo vai passando. Um dia, meu irmão mais velho — que na época era diretor da Rádio Cultura do Pará — me disse que estavam pensando em voltar com as radionovelas — que, aqui no Pará, fizeram muito sucesso. A emissora que era da minha família, a Rádio Clube do Pará, foi autorizada pela Rádio Nacional a ter seu próprio *casting* de atores de rádio. Aí, meu irmão perguntou se eu não tinha alguma ideia. Disse a ele que — naquela época, no começo dos anos 1990 — uma peça de teatro para rádio devia conter muitos sons. Esses sons eletrônicos, que hoje tomam conta da vida da gente, começavam a surgir. Achava que haveria uma cena de crime e as pistas iniciais estariam numa secretaria eletrônica, que era uma novidade. Ele disse: “Vamos ver”. Mas não aconteceu nada.

## • Os éguas

Nisso da radionovela, comecei a escrever meu primeiro



próximo encontro  
**04/novembro**  
**15h30**  
**Patrícia Melo**

livro, **Os éguas**. Começa exatamente com a cena de um crime. Fui construindo a história e percebendo que era quase como um romance — foi se desenrolando na minha frente. A cada dia escrevia um capítulo, pensava no que ia fazer, e fui adiante. Quando escrevo um livro, não sei como vai acabar. Não sei como é a metade. Tenho as primeiras cenas e vivo com aqueles personagens que crio. Passo a viver com aquilo, desenvolvendo a trama toda.

#### • “Problema”

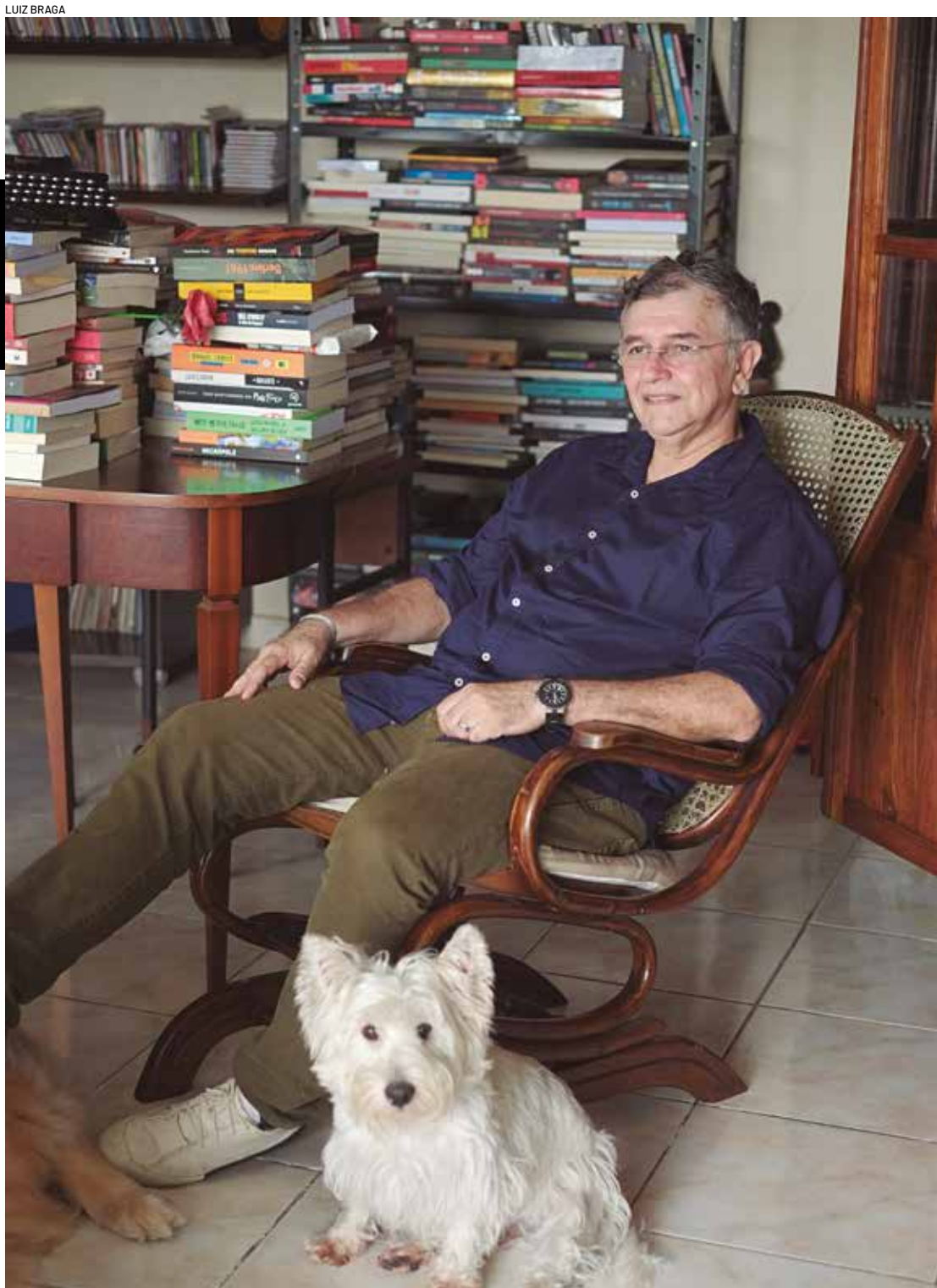
Houve um problema quando o livro foi lançado. Acho que foi a Livraria Cultural que ligou para a Boitempo — minha editora até hoje — e disse que havia um erro grave na capa: devia ser **As éguas**, e não **Os éguas**. O livro precisava ser recolhido. Isso me levou a algo que havia pensado: colocar como título palavras que fossem interessantes e diferentes, para chamar atenção para a cultura da minha região. Uso algumas palavras do que nós chamamos de Nheengatu, o idioma dos índios daqui, que é um ramo do Tupi-Guarani. Muitas palavras do Nheengatu fazem parte do nosso dia a dia. Essa foi minha grande loteria. Meu grande prêmio.

#### • Editora fiel

Eu tinha dificuldades de arranjar uma editora aqui em Belém. Li no jornal que uma chamada Boitempo, da Ivana Jinkings, havia ganhado um Prêmio Jabuti. Mandei uma carta para ela na época — nem me lembro se já havia e-mail, provavelmente sim —, ela me respondeu dizendo que era uma editora pequena, que estava fazendo muitos biscoitos finos, mas que lia o livro. Mandei. Quinze anos depois, ela me disse que ficou com medo de ter gostado do livro por ser paraense também, então mostrou a mais cinco amigos paulistas. Eles deram aval para o lançamento. Não só lancei meu primeiro livro pela Boitempo, como estou lá até hoje. Essa amiga, Ivana, apostou em mim. Apostou na minha carreira. Apostou nos livros. E eu saí lançando, alguns com dificuldade de se impor, dificuldade de receber críticas no mercado maior (Sul-Sudeste).

#### • Moscow

Nunca planejei nada. Essa que é a verdade. **Os éguas** saiu, recebeu duas ou três linhas no *Journal da Tarde*, de São Paulo, que não existe mais. Aqui em Belém, como sou jornalista, os colegas deram algum embalo. Eu estava empolgado. Comecei a escrever — era uma diversão — dois romances ao mesmo tempo, para ver o que fazia. No meio desse



processo, li uma notícia no jornal a respeito de dois jovens delinquentes tocando o terror na Ilha de Mosqueiro, que fica a 40 minutos de Belém e durante muitos anos foi vista como uma cidade mágica, um paraíso de classe média. Isso me deu ideia de escrever um livro. Quis fazer outro exercício: escrever na primeira pessoa. Deixei os dois romances de lado e passei a escrever o **Moscow**, meu segundo livro. Esse foi um problema, porque na França saiu com o mesmo título e algumas pessoas poderiam achar que fosse sobre espionagem ou qualquer coisa assim. Não se trata disso. O livro foi publicado pela Boitempo e tive grande sorte. Alguns amigos escritores, que estavam sempre ali na Mercearia da Vila Madalena [em São Paulo], pegaram ele e saíram pelo mundo dizendo que era muito bom. Marcelo Mirisola, Marcelino Freire, Ronaldo Bressane, Luiz Ruffato: eles saíram dizendo que o livro era muito bom, e isso me abriu espaço em jornais do Rio e São Paulo, coisa que ainda não tinha acontecido comigo.

#### • Na Inglaterra

Adiante, alguns livros depois, a Boitempo começou a participar da feira de Frankfurt para a venda de direitos autorais. Tive um livro — **Casa de caba** — vendido para a Inglaterra, lançado como **Hornets' nest**. Estive lá com o rapaz que traduziu. Ele era jornalista também, um sul-africano criado em Moçambique que es-



A literatura, diria, é essencial para o ser humano. Essencial mesmo.”

crevia no *Financial Times*. Falava português. Mas, para traduzir o livro, precisou adquirir videocassetes de filmes pornográficos brasileiros para escutar os palavrões, decifrar e tal. Lançou lá, na Inglaterra, e não aconteceu nada.

#### • Premiado na França

No ano seguinte, dois livros meus — **Os éguas** e **Moscow** — foram vendidos para a editora Asphalte, da França, que é de duas moças sensacionais, Claire e Estelle. Em seguida, recebo a notícia que a Universidade de Lyon me deu o Prêmio Caméléon, que anualmente escolhe quatro ou cinco autores que tenham sido traduzidos para o francês. Claro que livro não me tem gol, é muito subjetivo, mas a verdade é que ganhei concorrendo com grandes escritores do Sul e Sudeste — muito conhecidos, sou fã de vários. Viajei para receber. Você chega lá e vem o reitor, num auditório com muita gente, todo mundo falando sobre o livro.

#### • Ponto de virada

Ao mesmo tempo, na época, já estava lançando o **Pssica** — meu penúltimo livro publicado aqui no Brasil. Foi quando começa a acontecer algo que não dá para fugir muito. Começaram a dizer: “O cara ganhou um prêmio na França, vai ver que é bom”. Porque tem aquele monte de livro que chega nas mãos dos resenhistas, livros das maiores editoras, grandes e famosas, livros maravilhosos, e tem o meu livro ali embaixo, da Boitempo. O sujeito olha pra um lado e pro outro e vai nos mais famosos. Mas aí pegaram meu livro e comecei a ter direito a páginas em jornal, a dar entrevistas, viajar. Fiz um circuito com o Leonardo Padura, ali pe-

lo Nordeste, apresentando a obra. Você começa a ficar mais conhecido. Quer dizer, primeiro você tem que ser conhecido lá fora para alguém te achar aqui.

#### • Parede de gelo

Existe uma espécie de muro — sabe a série *Game of Thrones*, que tinha uma parede de gelo? Parece que há um muro enorme entre nós que moramos aqui em cima, no Norte, e a grande mídia que fica no Sul e Sudeste. É difícil de pular isso. É difícil de furar esse bloqueio. As pessoas não conhecem nada fora dessa região. Para mim foi muito difícil, mas consegui. Tive a sorte de conseguir chegar, auxiliado por esses escritores amigos e pela Boitempo, que apoiou todos meus lançamentos, seguidamente. Hoje, já tenho três livros vendidos para o cinema, por exemplo. E os livros começam a ser melhor recebidos. Você já conta com uma audiência melhor. No lançamento do meu último livro, **Belhell**, que aconteceu em fevereiro ou março do ano passado, pouco antes da pandemia chegar e quebrar tudo, lembro de receber meus amigos escritores. Eu dizia a eles: “Eu que sou fã de vocês”. E feliz por eles também gostarem do meu trabalho. As coisas começam a acontecer.

#### • Efervescência

Há uma cena literária bastante efervescente em Belém. Nós temos escritores regionalistas, jovens escrevendo terror, alguns já com editoras nacionais lançando suas obras, livros de fantasia, ficção científica. Todos muito jovens. É como se fosse: “Vamos fazer. Se ninguém olhar, a gente faz de qualquer maneira”. Há pequenas editoras aqui, e alguns já conseguiram contratos nacionais, lançando especificamente nessa área que, sobretudo, a garotada gosta muito, a de terror e fantasia. Há uma moça daqui que ganhou um prêmio que eu e alguns escritores inventamos. Ela escreve fantasia. Fui conversar com ela e ouvi: “Minha influência é Harry Potter”. Disse a ela: “Acho interessante isso. Se você, no próximo livro, escrever sobre o que nós chamamos de Encantarias do Marajó, acho que vai tornar sua literatura única”.

#### • Segredo literário

Esse parece ser um dos segredos da minha literatura — não que seja segredo, porque é o que se deve fazer: utilizar Belém, minha cidade, como cenário. E quero trazer todos para conhecer a cidade. Veja bem, nós humanos, o que somos? Desejo, ódio, paixão, amor, romance, inveja. Somos todos iguais. O que muda é a maneira de contar, e no caso o cenário.



### • Encontro cultural

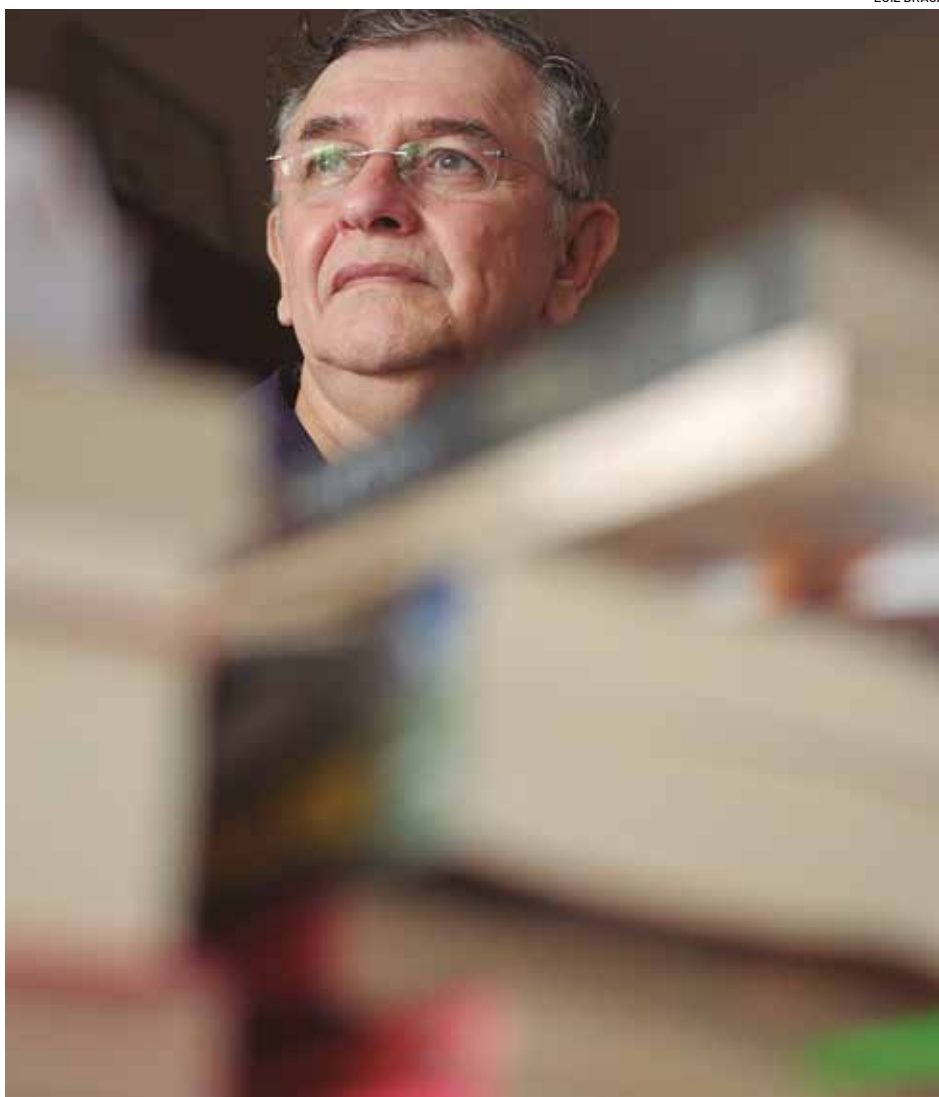
Uma vez estava na Bretanha participando de um evento. Subi ao palco com a Patrícia Melo e o Luiz Ruffato. Haviam 800 pessoas para nos ouvir e era a primeira vez que eu tomava parte de uma coisa assim. Os dois dando show, falando de Brasil, Bahia, Rio de Janeiro. Percebi que eu não tinha discurso. Naquela hora, no pânico, encontrei um: disse a eles que eu vinha de um mundo diferente. Meu mundo era a maior floresta tropical do mundo e havia sido fincada em cima dessa floresta uma outra, de concreto, e que havia uma perplexidade entre o homem que sai do meio do verde e o que pisa na floresta de concreto. O encontro dessas duas culturas motivava, e motiva, minha escrita.

### • Noção de mundo

Moro no centro da cidade. Estou acostumado a sair. De certa maneira, o entorno me protege. Meu trabalho ficava a 300 metros da minha casa, então ia andando. Todos os dias, quando saía para trabalhar, falava com prostituta, traficante, *pimp*, viciado, gente que toma conta de carro, engraxate, vendedores. A cada um deles eu dava uma pequena atenção, porque me interessava ouvi-los. Eles falavam. Ouvindo-os, percebia a cadência da voz, as gírias. Os centros das cidades funcionam como uma espécie de ímã, atraindo pessoas das mais variadas queixas e necessidades. Essas pessoas não têm um porvir, acordam e não sabem se vão almoçar. Vivem um dia de cada vez. Você chega junto e oferece um ouvido, elas vêm, você dá um presentinho, dá um dinheirinho para comprar uma coisa, uma camisa, para tomar o que eles chamam de “goró”. E, assim, vai formando uma espécie de cinturão de segurança. O contato com essas pessoas dá uma noção maravilhosa de mundo. Quando você vai escrever, entra nesse ambiente. Eu, assim faço. A impressão que tenho é que, quando estou escrevendo, essas pessoas estão atrás mim, perfiladas, me cutucando, pedindo para eu não esquecer de determinada coisa.

### • Público-alvo

Escrevo um capítulo por dia, geralmente, e depois passo o resto do tempo com aquilo na cabeça, me tomando, me levando para o que vem em seguida. É como se eu vivesse com os personagens, todo aquele trajeto a ser percorrido, que eu também não sei como vai terminar. Quando uso palavras bem nossas daqui, pontuo aqui e ali de tal forma que a pessoa que esteja lendo fora de Belém não se pergunte o que eu quis dizer, porque de certa maneira conduzo o texto para que ela entenda. Sempre digo que meu primeiro público é o da minha cidade. Quero que essas pessoas leiam e se encontrem nas ruas, saibam onde tudo está acontecendo. E, para quem mora fora da cidade, quero oferecer um cenário diferente.



LUIZ BRAGA

Acompanhe no canal do YouTube do Paiol Literário



### • Trabalho do tradutor

Dei muita sorte. O tradutor de todos meus romances na Asphalte, o Diniz Galhos, é um francês filho de portugueses. Ele também escreve livros, mas percebeu que podia trabalhar como tradutor. Chegou na casa dos pais e disse: “De hoje em diante, só se fala português nessa casa”. Dessa maneira, teve um contato ainda maior com a língua e se tornou tradutor. Nos primeiros livros, nós trabalhávamos muito por e-mail, para que eu pudesse explicar para ele algumas coisas. Aqui, por exemplo, “pipa” é “papagaio” e eles cortam com “linha de cerol”. Quando eles cortam bem rente à união da linha com o papagaio, chamam de cortar no “gasgo”. Eu tinha que explicar o que é o gasgo. Mas, aos poucos, ele já não pede tantas informações. Ele é muito bom.

### • Obra original

O livro só é essencialmente o livro quando lido no original. Quando é traduzido sempre tem uma visão do outro, do tradutor. Mas ele [Diniz Galhos] faz o trabalho de uma maneira maravilhosa, excelente. Tenho ido à França trabalhar por esses livros e nunca recebi uma pergunta quanto ao significado das palavras. Pelo contrário, eles são até muito atentos. Sabem o nome do meu ca-

chorro. É uma coisa maravilhosa, porque leram o livro antes de te entrevistar. E são perguntas muito interessantes. Tenho sorte.

### • Violência literária

O brasileiro era o homem cordial, né? Antigamente. Hoje, vemos essa violência que está todos os dias na mídia. Nosso país tem muitos problemas, sobretudo de educação e cultura. Isso forma pessoas com menos civilidade, menos argumentos para refletir. Não digo nem ter argumentos para convencer os outros, mas para refletir sobre seus próprios atos. Obter suas próprias respostas, que seja. Isso nos agride muito. Uma moça que estava na plateia da Balada Literária [em São Paulo], quando participei do evento, me disse que tinha a impressão de que o fato de eu ser jornalista fazia com que meus livros fossem quase que como uma denúncia. Tive de concordar um pouco. Tenho influência do nosso Rubem Fonseca, evidente que tenho, todos nós temos, e também tenho do Bret Easton Ellis, todos esses grandes escritores.

### • Denúncia?

Quando comecei a escrever romances, optei por ser bastante cru — não só nas cenas de violência, nas de sexo também. Acho que optei por essa direção como uma evolução natural da minha escrita, que está apenas anunciada n’**Os éguas**. No **Moscow**, ela já vem mais clara — uma concisão muito grande, ausência de grandes descrições de local, como se eu quisesse trazer o leitor como cúmplice para que ele acompanhe a história comigo. Gosto das cenas de violência com o tamanho certo, com a violência certa. E aí vai a questão: será que é denúncia? Tipo: “Não faça isso. Olha como isso é absurdo”. Acho que uma coisa levou à outra.

### • Sem culpa

A minha ideia do **Moscow** é que, você vê, pai e mãe trabalham fora. Eles chegam em casa muito cansados, veem televisão, novela ou o jogo de futebol, e o garoto cresce sem essa mediação de assuntos em casa. Ele forma um grupo de garotos na esquina, e esses garotos, por suas opiniões diversas, acabam formando uma moral deles. O que eles acreditam que devem ou não fazer, isso ou aquilo. Em **Moscow**, eles tinham um grupo e o grupo fazia o que queria — comete violências sem culpa. Quer uma coisa, vai e toma. Aquela velha história: se vejo na televisão, esses garotos todos com tênis importados, camisas maravilhosas, por que não posso ter? Vou lá e tomo. Então essa questão da violência está ali, no livro, bastante forte.

### • Belhell

Tenho uma curiosidade literária a respeito de matadores, criminosos. No meu último livro, **Belhell**, há um médico. Conheço médicos. E esses médicos, por diversos motivos, até por uma educação deficiente, eles se tornam grandes profissionais, mas pessoas com pouca civilidade, poucos argumentos para autorreflexão. São pessoas que, fora dos consultórios, das salas de cirurgia, não têm um hobby. Elas têm uma convivência ruim ou difícil com a família, porque não têm muito o que conversar. Pensei nesse médico, que é um intensivista, trabalha em plantões gigantescos e difíceis, sob muita pressão, e num deles ele solta essa pressão. Na madrugada, pede uma licença rápida para fazer um lanche e mata mendigos ou pessoas solitárias que estão nas ruas abandonadas. Descrevo o ato todo. É como se eu investigasse, dentro dele, o que o move. Por que ele joga fora aquela adrenalina toda cometendo um ato de tanta gravidade? Nos meus livros, realmente, há muita violência. Infelizmente, o Brasil hoje está assim. Minha cidade é muito violenta, por exemplo.

### • Diversão

Escrevo meus livros para me divertir. Vivo a escrita, quando estou trabalhando, e me sinto a melhor pessoa do mundo. Alguém me perguntou como eu dormia depois de escrever uma cena escabrosa, de assassinato e tal. Disse que dormia feliz da vida — não pela cena em si, mas por ter a escrito bem. Algo que me satisfaz. Escrevo para mim. Escrevo porque acho bom. Segundo ponto, escrevo para as pessoas que moram na minha cidade, que eu gostaria que lessem mais.

### • Belém profunda

Os franceses dizem que quebro o cristal de uma Amazônia hedonista ou de um Éden. Disse uma vez para eles que, apesar de viver no meio dessa floresta de concreto, tenho tudo que eles têm. Vejo o campeonato francês, o Neymar jogando com o Messi, Mbappé, vejo tudo. A cidade sofre dos mesmos problemas que o mundo inteiro está sofrendo, geralmente ligados à educação e cultura, e que se refletem na falta de emprego. Belém é uma cidade que, até os anos 1960, tinha 1 milhão de habitantes. Antigamente, no início do século 20, havia 40 consulados devido à enorme troca de mercadorias com a Europa. Isso vai adiante quando, de repente, são descobertas as grandes riquezas aqui, as minas, isso tudo. Há uma grande corrida do ouro na Amazônia, Serra Pelada. Noventa e nove por cento dessas pessoas que foram para lá, achando que iam ficar ricas, ficaram mais pobres ainda. Elas acabaram fazendo um cinturão de pobreza em volta da cidade, que não consegue oferecer um porvir. E mais a falta de educação, de cultura, postos de trabalho — tudo isso faz com que tenha violência.



### • Tráfico

Aqui, na nossa região, temos uma capilaridade enorme de rios. Os rios são nossas ruas. A quantidade de tráfico que chega — seja da Colômbia, seja da Bolívia — por meio dos rios, em pequenos portos, e que são transportados daqui seja para o Suriname, Estados Unidos e principalmente Holanda, é gigantesca. As drogas passam e deixam por aqui apenas o lixo, que é consumido por pobres. A violência cresce e atinge todo mundo, mas ainda há quem fique muito rico com esse tráfico todo.

### • Recepção da obra

Já fui menos recebido [como escritor] em Belém. Atualmente, por todo esse percurso, a situação está bem melhor. Tenho uma amiga que nunca leu o **Moscow**, por exemplo, porque não consegue. Por conta da violência que está embutida. A maioria dos meus amigos me pergunta: “Esse personagem não é o sicrano?”. Preciso dizer que não, porque os personagens são todos uma soma. Um outro me disse: “Você não tem medo de ser morto, de alguém se vingar?”. Não. Até porque eles também não leem, felizmente. Mas meu trabalho é recebido assim. Tenho frequentado muitas salas de alunos de Letras das universidades e sou bem-recebido. O que me incomoda muitas vezes, nesses alunos de Letras, é que você sempre tem que chegar e dizer: “Muito prazer. Sou Edyr Augusto, escritor”. São alunos de Letras, que deveriam me conhecer muito bem, porque deveria ser o assunto preferido deles, mas ainda temos que enfrentar essa preferência por grandes autores... Nós temos três grandes livrarias na cidade, a Saraiva (que não está muito bem), uma chamada Leitura (vai muito bem, e tem alguns dos meus livros) e a Fox, uma local, que vende todos os escritores de Belém e tal. Aí, você começa a ter uma receptividade, alguém que te para na rua e pergunta quando vai sair outro livro. Você começa a ser mais bem-recebido. Mas eu deveria entrar nessa Saraiva ou nessa Leitura e ser saudado, porque sou um escritor com 16 ou 17 livros. Mas não. Ainda há muito dar-me por ser reconhecido na minha cidade.

### • Ensino frágil

O projeto de educação brasileiro é muito fragilizado. Me lembro uma vez: um menino me contou que a irmã vinha passando de ano sem saber ler, ela decorava para ir passando. Perguntei à professora: “Por que permitiu que ela passasse?”. Tem uma coisa de hoje que é para não reprovar esses alunos. E ela disse: “Você prefere que eu reprove e ela não volte nunca mais para a escola?”. São perguntas difíceis de responder. É uma situação tão difícil. Acredito que só a educação e a cultura vão levantar nosso país. Veja, por exemplo, que nós temos umas três gerações perdidas no Brasil. Digo isso porque a educação, de uns 30 anos para cá, ou 25, caiu muito. Caiu completamente. Você tem hoje jovens que não sabem nada, se voltam para o telefone celular e ali desenvolvem a vida com um pequeno grupo, inventando termos para cá, para lá. Os que se interessam por ler notícias leem só os *highlights*,



LUIZ BRAGA



Nosso país tem muitos problemas, sobretudo de educação e cultura. Isso forma pessoas com menos civilidade, menos argumentos para refletir.”

quer dizer, você não quer ler um artigo inteiro para obter argumentos — seja para uma autorreflexão, seja para discutir com outras pessoas. Nós temos um problema sério de educação. Leio sempre uma moça chamada Claudia Costin, acho que escreve na *Folha de S. Paulo*, falando a respeito do novo método que está sendo aos poucos implantado, o de alunos poderem escolher especificamente ramos da educação aos quais querem se dedicar. Acho que isso pode ser interessante. Mas temos uma questão que acontece agora, neste instante. Você tem na sala de aula um professor que chega cansado, mal pago, mal-informado porque mal pago, e a única arma que ele tem é uma lousa e um giz. Atrás dele tem um grupo de alunos, cada um com seu celular. Essa competição é terrível. É perdida. Me pergunto o que fazer. Não tenho uma resposta.

### • Amazônia real

Por pessoas daqui, confesso que nunca recebi críticas por não retratar a Amazônia como um paraíso. Talvez porque nossa realidade nos é esfregada na cara o tempo todo. Agora, é preciso compreender também que existe uma beleza brutal nessa cidade. Na natureza. Em visitar o Marajó, que tem seu lado terrível e outro que é realmente Éden. Lembro uma viagem que fiz: tem campos gigantes, lindos. Lembro de estar no centro desse campo, parado, escutando a natureza — o silêncio, o vento. Raras vezes me senti tão bem na vida. Tem uma coisa linda nesse lugar que precisa ser vista. Mas, infelizmente, há o outro lado — que é forte. Como descrevo sobretudo para meus conterrâneos, para os que moram em Belém, no Estado do Pará, não recebo críticas. Ninguém nunca me disse: “Tu pesas muito a mão. Não é bem assim”. Talvez um dono de agência de turismo ache isso, né? “Para com isso, você tá atrapalhando meus pacotes.”

### • Eleições decisivas

A impressão que me dá é que estamos perto de um precipício. Nós teremos essas eleições, em

2022, que me parecem um ponto de decisão para o próprio país. O que aconteceu depois da redemocratização foi que nós viemos num crescendo de maus hábitos. Hoje em dia, a definição de um político no Brasil é simplesmente um bandido. Claro que nem todos são, mas a verdade é essa. Você fala de político: “É um ladrão”. É o que todo mundo diz. Essa questão se espalhou por todo o país. Você acha a corrupção, a má fama do político nas menores áreas, nos municípios, capitais, estados, em Brasília, como se tivesse virado um antro onde as pessoas mais mal-intencionadas se reúnem para fazer de tudo. Tivemos uma decepção causada pelo PT. Ao longo do tempo, mostrou-se um partido progressista, que defendia as causas certas, mas decepcionou muitas pessoas. Talvez mostrando que não havia diferença entre ele e os outros. Havia os mesmos problemas de corrupção. Aí, você tem a ascensão de um presidente que aproveitou um vácuo, um momento que nem ele sabia que talvez pudesse existir. Temos, hoje em dia, essa questão polarizada...

### • Polarização 1

Sábado passado houve uma manifestação aqui, acho que contra Bolsonaro. Naquele horário fui visitar um amigo que morava próximo à manifestação. Ela já havia terminado, e na porta de um prédio tinha um síndico aborrecidíssimo porque, de lá, haviam sido lançados balões cheios d'água nas pessoas que estavam na passeata. Fico me perguntando se daqui para 2022, mais do que balões de água, o que será jogado?

### • Polarização 2

Como jornalista, fui criado para ouvir e ler tudo — de to-

dos os lados, para depois criar uma opinião. Claro que nenhum desses dois lados me completa, me atende. Muitas pessoas estão aguardando o que seria uma terceira via, ou outras alternativas que não só essas duas, já testadas e desaprovadas. Desaprovada por mim, digamos, isso é muito pessoal. Não me sinto contemplado por nenhuma. Veja, com esses problemas de educação e cultura, essa massa ignara que caminha de maneira insana, sem pensar em nada. O grupo localizado no meio dessas duas pontas está sem saber como reagir. Acho que 2022 é uma questão muito séria para todos nós no Brasil.

### • Leitor vulgar

Sou um leitor vulgar. Gosto de tudo. Diariamente, leio todos os jornais que posso, algumas outras publicações de internet, gosto muito de música. Neste instante estou lendo **A trégua**, do Mario Benedetti, mas acabei de ler o último da Ana Paula Maia [**De cada quinhentos uma alma**]. Acho ela uma das maiores escritoras brasileiras da atualidade, me agrada muito. Às vezes, leio livros mais antigos. O Luis Fernando Verissimo disse que compramos livros que jamais conseguiremos ler. Às vezes faço uma escala, leio um novo e outro que já estava na estante. Você tem ainda jogo de futebol na TV, fica querendo assistir a todos, algumas séries. Também escrevo para teatro. Minha mulher é atriz, nós temos o Grupo Cuíra. Atualmente, ela está ensaiando um texto que adaptei sobre uma prostituta que era muito badalada, atendia só os tops quando a cidade de Tucuruí foi invadida, mas depois, quando foram embora, ela caiu. Dramatizei essa vida. Tenho mais duas peças escritas, que vão começar a ser ensaiadas, e estamos trabalhando já com outros amigos em uma chamada *Entre quatro paredes*, do Jean-Paul Sartre, na qual contém a famosa frase: “O inferno são os outros”. Trabalho muito, graças a Deus, e tenho já em mente a primeira página do próximo livro. Estou esperando aquele momento certo, há um clique e vou pra cima. Quando começo a escrever, vivo aquilo até terminar.

### • Ápice da escrita

Livros são como filhos. Meu pai dizia, com cinco filhos: “Lido com cada um de forma diferente, porque cada um tem seu próprio jeito”. Muitas pessoas dizem, curiosamente, que meu melhor livro é o primeiro. Outros dizem que é o segundo, **Moscow**. Tenho escutado muito as pessoas falando sobre **Pssica**. Talvez o **Pssica** seja o ápice da minha escrita, do meu amadurecimento, da maneira que conduzo tudo. Inclusive, não tenho medo do livro seguinte. Escrevi o **Belhell**, mas às vésperas do lançamento me perguntei se iam gostar. Será que um crítico vai dizer que Edyr Augusto não consegue repetir o mesmo sucesso? Graças a Deus, foi muito bem-recebido. Mas acho que o **Pssica** é o ápice em termo de escrita. Se tivesse que recomendar algum, seria ele. 🗣️

# O espírito carioca sobre outras paragens

Narrativas de **Álvaro Marins** utilizam formas variadas para captar a essência de um povo bonachão que, apesar dos pesares, consegue quase ser desinfeliz

MAURÍCIO MELO JÚNIOR | BRASÍLIA - DF

É possível falar em uma crônica eminentemente carioca? Esta se confunde com sua contística irmã? De certa forma, sim. Ela teria nascido no decorrer do século 19, a partir de 1808, quando o Rio de Janeiro se consolida como centro do poder e a imprensa ganha dimensão e importância. Neste espaço surgem os escritos de Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida, amadurecidos nos romances urbanos de José de Alencar, nas narrativas de Machado de Assis, Lima Barreto e de autores menos difundidos, como Carmen Dolores e Júlia Lopes de Almeida, chegando aos escritores contemporâneos, como Carlos Heitor Cony e o ficcionista Ruy Castro.

Em linhas gerais esta crônica fala de personagens que vivem em torno do poder, mas não o detém. São arrivistas sonhando com ascensão social, poderosos empobrecidos, belas coquetes que se vendem, artistas que vivem de expedientes, malandros em geral à sombra de barões endinheirados que bancam a convivência com o belo e o fútil.

No livro **Suíte carioca e outros contos esquisitos**, Álvaro Marins segue esta tradição, daí seus contos não serem tão esquisitos, do ponto de vista estranho, quanto sugerem. “Tenho pra mim que Álvaro Marins foi atrás do sentido mais profundo da palavra, aquele que se liga ao verbo latino *exquiro*, ou seja, ‘procurar com paciência; investigar’,” alerta Alberto Mussa na orelha.

São esquisitos também pelo sentido lato do termo que contempla algo raro, difícil de encontrar. É a raridade vem da linguagem. Há um requinte realista em suas palavras. Fugindo do coloquialismo tão em voga, que algumas vezes descamba para o empobrecimento linguístico, sobretudo quando tenta reviver o falar prosaico das comunidades, Marins opta por um classicismo suave:

*Estranhamente, talvez em razão de algum involuntário sentimento de culpa pela situação de*

*Marga, procurava atendê-la nas suas necessidades básicas. Mais presente era o assustador medo da solidão que o acometera nos últimos anos.*

## Espírito bonachão

O livro se enfeixa com uma novela e nove contos. A novela *Suíte carioca* é certamente o melhor retrato da crônica da cidade. Dois personagens, que por caminhos diversos e tipicamente cariocas tentam viver uma eterna juventude nababesca à beira-mar, são obrigados a mitigarem uma pobre velhice juntos e solitários num pequeno e soturno apartamento da Rua das Laranjeiras.

Como se vê, mais que os cenários cariocas, como a Praça Tiradentes que nomeia um dos contos, é o espírito da gente da cidade que o autor privilegia. Os contos se desenham em outros cenários, numa “conhecida cidade média do nosso imenso país”, ou outras épocas, como no texto onde conta de Pero de Covilhã, um hábil conhecedor de línguas estrangeiras, “foi essa habilidade, aliás, que lhe permitiu aproximar-se, anos depois, da corte do Rei Afonso V”.

No entanto, mesmo adotando tantos descaminhos por épocas e cenários, sobrevive em cada texto o espírito do carioca bonachão e quase desinfeliz em seu final de jornada.

## Formas variadas

Na verdade, estamos diante de um livro de leitor. Álvaro estudou literatura e deixa esse conhecimento percorrer seu texto. Não dando lições teóricas, mas passeando por formas variadas de escritas e fazendo constantes referências a escritores criados, como Valdomiro Pinto Rocha, ou que viveram de fato, como Jorge Luis Borges, ou mesmo apresentando o narrador como escritor. Em qualquer dessas atitudes, no entanto, trabalha o encantamento criativo da literatura, afinal, como ele mesmo diz, “escritores têm essa má fama [de mentiroso], não de todo injustificada, ainda que a

maioria prime por contar a verdade dos fatos.”

Este conhecimento permite ainda optar, de maneira segura, por experimentos e visitas a várias linguagens literárias. *Caderneta escolar* se conta como um boletim de um estudante de 1937. *Dois biografias de Valdomiro Pinto Rocha* é trabalhado como uma resenha literária, bem formal aliás, publicada em um certo *Planeta Pernambuco*. *A discípula*, como *De volta a Japiabaçu*, se desenvolvem como conversas descontraídas. O fundamental é que este experimentalismo tem suas razões e não busca reinventar o óbvio. São estruturas montadas num lirismo agradável que querem, e conseguem, contar bem uma boa história, sem buscar sentidos ou explicações.

## Tradição carioca

Voltamos ao ponto inicial desta resenha. Estamos diante de um livro inserido na mais clássica tradição da narrativa carioca, um estilo que se equilibra entre a crônica e o conto, onde o humor se torna elemento imprescindível. Neste caso ele surge com sutilezas:

*Obrigado — agradeceu Carlos, colocando cuidadosamente o par de chinelos, a carteira, a camisa e os óculos, tudo arrumadinho, nessa ordem, aos pés de Marga. Por cima de tudo, seu relógio Seyko.*

Inicialmente o leitor pode até pensar que Álvaro Marins escreveu o país sonhado pelo pessoal da bossa nova, um Rio de Janeiro em festa de sol, sal e sul, com mãos se descobrindo em todo azul, um ambiente que afinal não se realizou em sua plenitude. Ao contrário, estamos mesmo é diante de um realista incorrigível, e muito criativo. Assim o Rio e os outros ambientes que descreve são também marcados por violências, chacinas e outras mazelas. No entanto, nada disso recai sobre o desgastado discurso maniqueísta de heróis e bandidos. Os personagens deste **Suíte carioca** são reais, por mais ficcionais que sejam. Vale muito a pena conhecer essa gente e suas aventuras esquisitas. 🗨



## Suíte carioca e outros contos esquisitos

ÁLVARO MARINS  
Graphia  
176 págs.



## O AUTOR

### ÁLVARO MARINS

É doutor em Teoria da Literatura e pesquisador e editor no Museu Histórico Nacional. Estreou na ficção com os contos de **A mulher do fuzileiro e outras quase histórias** (2016). Na área teórica, lançou **Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira** (2002). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

## TRECHO

### Suíte carioca e outros contos esquisitos

*O mesmo se dá agora em relação ao autor de Casa antiga, Retrato da caserna, Pele de pêssego e tantos outros que fizeram estrondoso sucesso no final da década de 1960 e ao longo de toda a década de 1970, mas que são desconhecidos do leitor contemporâneo. A dedicada biógrafa busca em todo o tipo de fonte aquilo que determinaria com rigor a trajetória pessoal de Pinto Rocha, eliminando de todo, de seu horizonte, de seu raio de pesquisa, qualquer referência ao boêmio, ao mulhereço, ao bêbado, ao grosseirão, ao encenqueiro que, em alguma medida, o foi aquele em que, na época, as más línguas puseram a alcunha pouco lisonjeira de “Vavá do pinto roxo”.*



**tércia montenegro**

TUDO É NARRATIVA

# CARNE E AREIA

Alan Pauls, autor de  
A vida descalço

DIVULGAÇÃO

Uma escapada em direção a uma praia deserta, para recompor as energias e ânimos, fez com que eu lembrasse os textos de Alan Pauls. Algumas passagens de **A vida descalço** me puseram em discordância completa, sobretudo quando — fotografando miríades prateadas no solo monazítico — eu constatava como qualquer território pode ser heterogêneo e rico. Pauls comenta no livro:

*Espaço imberbe e liso, atravessado por dobras, mas livre de dobramentos, a praia é um lugar franco, transparente, aberto ao céu (...). Tudo está ali desdobrado, explícito, o que se vê é o que existe. Estamos no império do visível; não há fundos falsos onde se esconder nem margens para segredos. Os enigmas não cabem na lógica da praia.*

Ora, mesmo que não se considere a parte líquida (com seus subterrâneos inacessíveis, cheios de imprevisibilidades) como parte da *praia*, mesmo com essa concessão deturpada, que suprime boa parte da definição deste tipo de lugar, ainda assim o largo território de areia teria uma “condição hipervisível” apenas por um efeito superficial. Quem se detivesse a examinar uma faixa mínima, em sua composição multifacetada de grãos, texturas, elementos químicos envolvidos no amálgama farinhoso desse mundo, logo mudaria de opinião.

Entretanto, relendo **A vida descalço**, entendi a perspectiva de Alan Pauls. Uma divertida passagem do livro serviu de esclarecimento. Trata-se de um momento em que o autor denuncia a idealização das praias como espaços sexuais. Tomando para análise uma célebre cena do filme *A um passo da eternidade*, Pauls afirma:

*Nunca deixo de pensar na desconsideração da areia molhada, dura como uma tábuas, provavelmente minada de bivalves invejosos, tão proteica e múltipla que cinco segundos mais tarde, quando o diretor Fred Zinnemann decidir cortar a tomada, já terá se transformado numa legião de cristaisinhos insuportáveis e fará das suas nas virilhas de Burt Lancaster e Deborah Kerr (...); penso na contribuição do mar, capaz de atrapalhar com sua onda mais tímida o mais entusiasta acasalamento humano; penso no efeito irritante do sal nos olhos (...). Esfregar-se com outro corpo na areia, agarrar-se atrás da cortina no vestiário de uma barraca, acabar nus no refluxo das águas: as proezas mais clássicas do erotismo de praia são para mim, além de inverossímeis, exemplos perfeitos de tudo o que “não pode ser” o prazer: desconforto, aspereza, hostilidade, interferência.*

Páginas adiante, endossa:

*Não suporto a areia como leito sexual, e ninguém ignora, por mais que os hidrolatras esperneiem, que a água, principalmente a do mar, dificulta qualquer tipo de fricção erótica; só um louco se atreveria a fornicar com o sol cravado no meio do céu e só uma vítima do lirismo publicitário dos anos 70 apregoaria as benesses de uma escaramuça amorosa ao entardecer.*

Deixando de lado as preferências do autor para o enlace afetivo (inclusive porque o valor literário nunca se fixa em curiosidades que podem ou não ser realmente confessionais), concordamos com o fato de que “o cruzamento entre a areia e a carne é longo e complexo” — e justamente neste ponto elaboramos uma hipótese.

Alan Pauls é conhecido por desenvolver um balé frasal ao estilo de Proust ou Lobo Antunes, artistas para quem a sintaxe vira espacialidade vasta, elástica. A sua propensão para sinuosidades entra em atrito com a paisagem nua e tão homogênea (aparentemente) de uma praia. Entregar-se ao olhar sem disfarces, sem mistérios, é um ponto negativo para a pulsão erótica — que se manifesta, vale recordar, não somente através do sexo. Trabalhar com muitas camadas, para Pauls, desperta o seu interesse libidinoso-escritural, e é por isso que, tratando diretamente da potência erótica da praia, ele admite que ela é possível, sim, “desde que entendamos a praia como o que deve ficar fora do quadro para tornar-se erótico e o erotismo como lógica labiríntica” (grifo nosso).

Mas os amplos cenários — mesmo quando representam a “homogeneidade um pouco despótica da natureza” — também ajudam o escritor. O convite à divagação põe Alan Pauls bem à vontade, disposto ao fluxo digressivo, como se esticasse uma caminhada pela orla. Tal aspecto justifica que tenha feito um livro sobre um tema a priori tão árido para suas escolhas. O motivo autobiográfico, relacionado aos anos de infância veraneando em Cabo Polonio, não seria suficiente sem um ímpeto primordial, que o fisgasse irremediavelmente — e este se encontra no outro lado da vasta nudez pouco misteriosa das praias: o local não indica os desdobramentos secretos, mas pode servir para longos passeios verbais que, ao fim, geram a complexa estrutura — a tessitura do texto — que seduz.

Em outros livros do escritor, conferimos a importância dos mistérios condensados através da metáfora da roupa de baixo (a anágua da professora em **O passado** e o forro descosido da roupa do vizinho militar em **História do pranto**). Essa lembrança se torna valiosa, por comparação, para que entendamos até que ponto vem acompanhada de espanto a afirmativa de que “a praia é o único espaço público onde a nudez quase completa não é uma exceção nem uma infração provocadora, e sim um princípio de existência, uma forma de vida”. Se as pessoas se apresentam sem roupa de baixo, ou seja, sem segredos ou esconderijos físicos, tornam-se irreconhecíveis: “vestidos não somos os mesmos que de maiô, e quem nos vir entrando no mar provavelmente não nos reconhecerá à noite tomando sorvete na calçada ou dançando na discoteca”.

O subterrâneo do corpo é

um correspondente para o fluxo interno, labiríntico, da linguagem. Em **História do pranto**, a própria ideia líquida do choro induz ao extravasamento, como nesta passagem: “

*Tem a impressão de que o mundo nunca foi tão injusto: só ele tem o direito de chorar, mas seus olhos estão de tal maneira secos que poderia esfregar um fósforo neles e acendê-lo. E é esse mesmo direito que sente que lhe negam, a ele, que tem mais condições do que ninguém para merecer isso, ele que vê e reconhece e ainda por cima se vê obrigado a contemplar, enquanto segura o prato de bolo marmorizado, no outro, em seu amigo, feito uma lágrima, como uma condecoração mal atribuída, a mesma espécie de privilégio descarado pelo qual suspeita que os camponeses da Idade Média, quando fartos, ou seja, a cada morte de bispo, amotinam-se e degolam em algumas horas de frenesi a família de nobres cujos pés estão acostumados a beijar todos os dias.*

Em **História do cabelo**, a profundidade das mechas atua com idêntico efeito, na cena em que cabelos e língua são exemplos do sinuoso:

*Duas coisas o rondam, no entanto: primeiro, a imagem dos dedos dela abrindo caminho por entre os caracóis do seu melhor amigo, o meneio da patrulha de soldadinhos voluptuosos que exploram cada canto daquela selva escura e de repente, lânguidos, abandonam-se ao toque das mechas espiraladas, cedem à resistência que lhe opõem as matas mais espessas e por fim, exaustos, ficam quietos, como que camuflados no emaranhado de cabelo, à espera da próxima batalha; segundo, a intensidade, a energia com que se beijam, e principalmente a duração dos beijos, tão dilatada que às vezes ele, que desde aquele primeiro dia de aula já não consegue dar um passo no colégio sem encontrá-los, sem surpreender um nos braços do outro, trançados numa daquelas cerimônias de sucção mútua que os raptam do mundo, tem a impressão de que vão parando de se mexer, aplacam a respiração, deixam-se embalar pelo ritmo da única coisa que continua viva neles, a dança muda de suas línguas, e acabam dormindo.*

A obsessão literária de Alan Pauls aponta para uma correnteza inconstante, que se expande, vai se empoçando em alguns pontos, mas em muitos outros desliza, apenas, pela superfície. É nesse sentido que, apesar de perceber a praia através do seu elemento seco, a areia (representando um valor “em que as coisas e os seres podem se encontrar e se conectar sem que se vejam comprometidos a confundir-se”), o escritor ainda aqui resgata “o poder inspirador do que se deixa reduzir, isolar, decompor, e até mesmo — por mais disparatado que isso soe — enumerar”. Essa é a sua saída libidinal pela escrita, e naturalmente o percurso nos convida a um devido mergulho nos livros. **■**

**nilma lacerda e maíra lacerda**

CALEIDOSCÓPIO

# ETIQUETAS E PRATELEIRAS: HQs E LITERATURA PARA CRIANÇAS

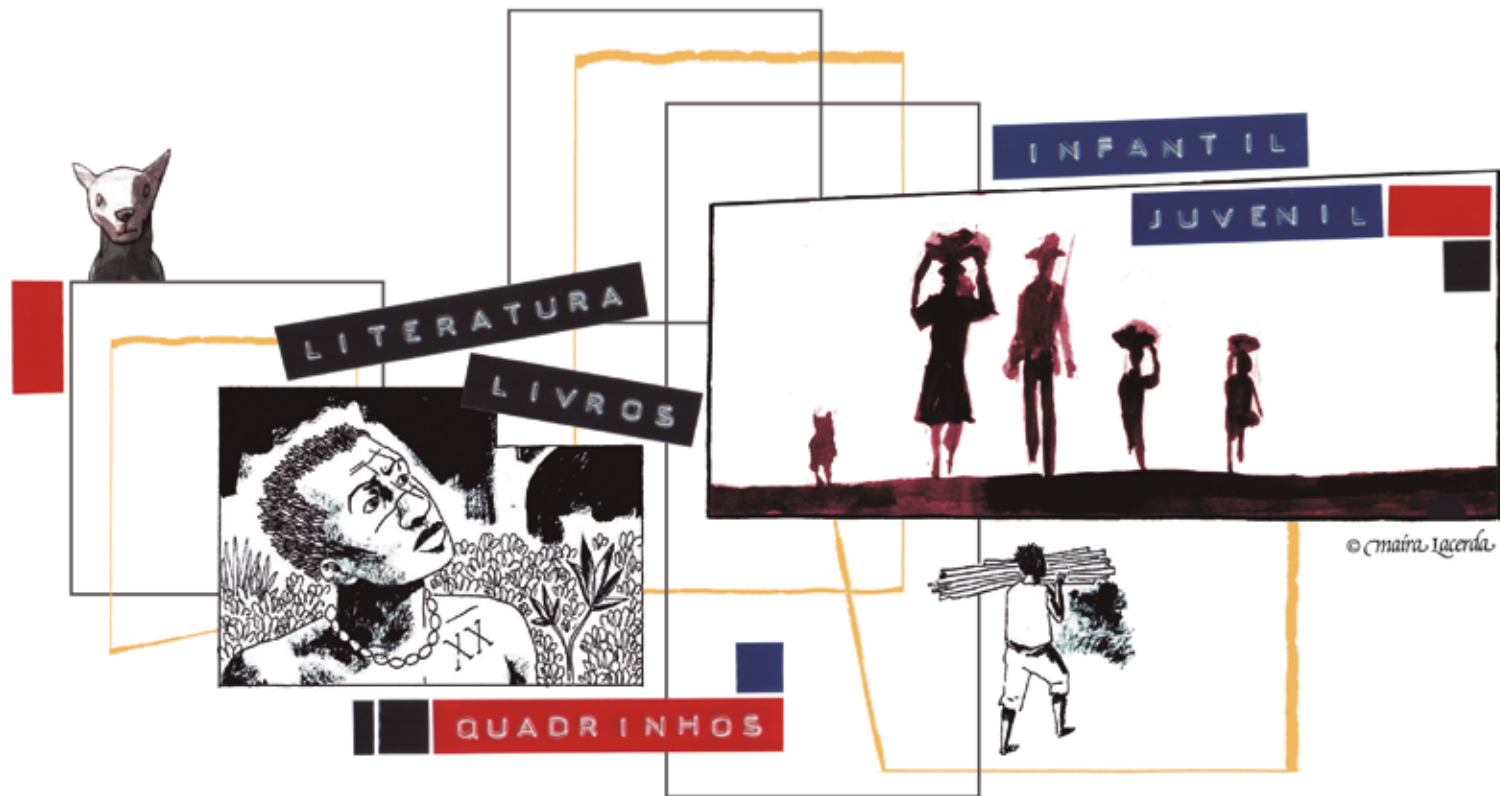


Ilustração:  
Maíra Lacerda  
(Colagem  
a partir de  
ilustrações  
de Marcelo  
D'Saete e Eloar  
Guazzelli)

Em publicação recente, um leitor deste jornal\* elogiou a iniciativa de abrir espaço aos Quadrinhos. “Mas”, continua, “vale ressaltar que colocar a Nona Arte ao lado de literatura infantojuvenil é um desserviço às artes gráficas, já que há mais de décadas as HQs lutam para escaparem ao (errôneo) rótulo de ‘leitura para criança’”. A arte dos Quadrinhos merece um espaço maior e próprio”. Antes de considerar a resposta do *Rascunho*, nos solidarizaríamos com o leitor, pois, também há décadas, a literatura que crianças e jovens também podem ler luta por sair do espaço a ela destinado por um consenso conveniente e equivocado.

As condições tão desiguais do Brasil implicam em que, para grande parte das crianças e dos jovens, o contato com a leitura se dê no espaço escolar, acarretando o desvio dos livros de literatura destinados potencialmente a esse público para a prateleira dos chamados paradidáticos, denominação que os vincula às temáticas escolares. Basta consultar o catálogo das principais editoras de livros infantis ou juvenis que o rótulo está lá. A prática de reduzir a literatura à função de auxiliar pedagógica embute o (pre)conceito de que apenas os adultos são capazes de fruição estética. Mas a literatura infantil e juvenil ou infantojuvenil (avancamos nos equívocos) ou é literatura e ponto final ou é outra coisa e se abre o parágrafo.

Não sendo literatura, é livro informativo — importante e necessário —, cartilha, manual, ou, como acontece com tantos livros destinados a adultos, uma fórmula

la aplicada. Ana Maria Machado e Marina Colasanti são incansáveis em afirmações sobre a diferença entre livro para crianças e literatura para crianças. Em setembro último, no 23º Seminário Bartolomeu Campos de Queirós, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Marina vale-se do termo *histórias ensinadas*, perfeito para a apropriação e descaracterização da literatura, para se dizer pouco, com frequência realizada pela Educação, pelas Boas Maneiras e por ações da sociedade, no permanente controle sobre a leitura, evidentes sobretudo em projetos governamentais na atualidade. Como se fosse literatura, são passados conteúdos em franca contradição com a arte.

Professoras de vários estágios da Educação e estudiosas do campo de que aqui nos ocupamos, nossa posição crítica comunga com as de Cecília Meireles e Peter Hunt, de Nelson Cruz e Graça Lima, e ainda de María Teresa Andruetto, cujo título **Por uma literatura sem adjetivos** advoga a ausência de qualificações suplementares para as produções literárias em que crianças são as leitoras preferenciais, o que não impede a fruição para leitores de outras idades. Reconhecemos, no entanto, que funcionalidade e tradição atrasam essa mudança.

Fatores semelhantes, somados a preconceitos em relação à imagem quando associada ao conteúdo verbal, terão atrasado o reconhecimento das HQs como arte. O trabalho consistente e persistente de artistas valeu aos Quadrinhos a conquista do merecido lugar posto em relevo pelo leitor do *Rascunho*. O caráter estético

e singular das narrativas expressas em forma híbrida de imagem e palavras, ou texto verbal e texto visual, já não é posto em discussão. A vanguarda das HQs, em sua potência de imagem, síntese dos diálogos e das marcações, em atenção aos conceitos primordiais de rapidez e visibilidade, de que nos fala Calvino, é evidente.

Sem qualquer pretensão senão a de ressaltar o bom companheirismo entre Quadrinhos e Literatura que crianças e jovens também leem, lembraríamos a boa mão na roda que as HQs têm dado à vulgarização dos clássicos. São inúmeros os exemplos de jovens que talvez não lessem *Ilíada*, *Odisseia*, *A divina comédia*, ou mesmo *Vidas secas*, que leem, porém, essas obras quando recriadas, ou traduzidas, em HQs. No clássico de Graciliano Ramos, as imagens de Guazzelli retratam as cores da terra seca, do calor do sol, do sofrimento sentido na carne de personagens expressos por manchas de tinta sem definição, sem rosto, sem expressão. Tais personagens somente têm as feições distinguidas em momentos de angústia e opressão, em que *close* dos olhos expressam tal condição melhor que palavras. Os enquadramentos expressivos e dramáticos do artista recriam a sensação de dor, inclemência e impotência, patentes no discurso verbal anterior. Dessa forma, o artista plástico e ilustrador amplia a narrativa literária, abrindo novas experiências de leitura para antigos leitores — de diferentes faixas etárias — e possibilitando novas aproximações. É ousado, então, dizer que HQs passam também a compor a equação jovem e leitura literária?

Experimentos, como **A invenção de Hugo Cabret**, obra de grande sucesso de Brian Selznick, contribui para uma desestabilização dos campos expressivos, e, ao convocar o cinema para uma ciranda, na qual diferentes registros estéticos propiciam fruição ao leitor, levanta instigantes perguntas. Quem é o leitor potencial dessa obra? E da *graphic novel*, normalmente traduzida como novela gráfica, embora romance gráfico seja o mais adequado? O leitor jovem, o adulto, o jovem adulto? Que importa quem lê, se a obra suscita interesse e é boa? **Persépolis**, de Marjane Satrapi, **Retalhos**, de Craig Thompson, **El despertar de Heisenberg**, dos espanhóis Joan Manuel Gisbert e Pablo Auladell, **Cumbe** e **Angola Janga**, de Marcelo D'Saete, **Desequilibradas** e **O corvo**, títulos de Manu Malteza que, sem ser HQs *stricto sensu*, habitam igualmente este território de privilégio da imagem, ilustrada pela palavra? Tememos que tais obras, se tomadas como leitura para jovens, sejam, devido à proximidade com as prateleiras didáticas, desqualificadas de alguma forma?

A resposta do editor seguiu pela via da confiança nos leitores e nas leitoras do *Rascunho*, capazes de realizar — se julgado necessário — a distinção adequada entre manifestações estéticas diversas. Ao fim e ao cabo, o processo em jogo é o mesmo: a leitura, ou seja, a construção de sentidos narrativos, poéticos, não importa se por meio do desenho, da palavra escrita ou por ambos. Se, na esteira dos estudos bakhtinianos, considerarmos, como diz Beth Brait, que, em obra com conteúdo verbal e conteúdo visual, a leitura se dá em dimensão verbo-visual, isto é, são ambos lidos de forma concomitante e interdependente, por que a preocupação com a distinção? Em pequeno texto elucidativo, Silvano Santiago refere-se às “etiquetas” coladas ao produto literário em busca de seu espaço. Assim, a literatura “negra”, “feminina”, “homossexual”, “infantil” e “juvenil”. Para ele, é apenas questão de fazer-se enxergar, de reparar ausências sociais, e sendo bom o produto em sua essência, o tempo se encarregará de eliminar o que sobra — a etiqueta. No mundo que está aí *para se passar a limpo*, o *Rascunho* fornecerá páginas necessárias, e movimentos de ciranda serão bem-vindos, em contraposição à habitual rigidez das prateleiras. Assim acreditamos. 📖

\* Edição 256 do *Rascunho*, seção “Eu, o leitor”, carta de Thiago Viana, Itapevi, SP, sob o título “HQs para todos”.



# rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs



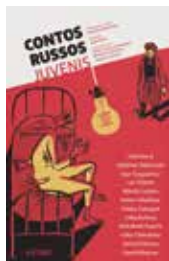
## Diário de Pilar na Índia

FLÁVIA LINS E SILVA  
Ilustrações: Joana Penna  
Pequena Zahar  
224 págs.

A personagem que dá nome à obra já foi para muitas partes do mundo: Grécia, China, Machu Picchu, Egito, Amazônia e África. Agora, em mais um título da longa série *Diários de Pilar*, ela está de volta para conhecer os encantos da Índia. Acompanhada de Breno, seu amigo inseparável, e do gato Samba, a protagonista vai embarcar em uma viagem de autoconhecimento por um país de tradição milenar, berço do budismo e no qual repousam alguns dos monumentos e paisagens mais incríveis da humanidade, como o Taj Mahal e o rio Ganges. Além de ter profundo contato com as tradições indianas, deslocando-se pelo lugar de trem, riquixá e bicicleta, Pilar e seus amigos vão ajudar Kamala, uma atriz de Bollywood, a localizar um irmão perdido — inspirados pelos ensinamentos de Gandhi e pelos contrastes de um país que convida ao mergulho interior. A autora, vale lembrar, também é responsável por outra série de sucesso: *Os detetives do prédio azul*.



DIVULGAÇÃO



## Contos russos juvenis

ORG.: DANIELA MOUNTIAN  
Trad.: Irineu Franco Perpetuo, Moissei Mountian  
e Tatiana Larkina  
Ilustrações: Fido Nesti  
Kalinka / 402 págs.

Já imaginou Tchekhov, Tolstói e Turguêniev escrevendo para jovens e crianças? Neste livro da coleção *Bella* é possível ver outro lado desses gigantes russos, que ganharam o mundo com clássicos incontornáveis — seja no romance ou na narrativa breve. Os contos desta coletânea abrangem um longo período, do final do século 18 ao início do 20, e dão uma amostra da relevância da literatura produzida na Rússia. A história de abertura, *Conto do tsarévitch Cloro*, traz elementos universais e folclóricos e é assinada por ninguém menos que a imperatriz Catarina II. Já em *A prova* e *A mãe*, Lídia Tchárskaia mostra delicadeza ao tratar de assuntos que rondam o universo feminino. Textos que anunciam a chegada do mundo contemporâneo e outros mais fantasiosos, como uma viagem por dentro de uma caixinha de música, também estão presentes. Vladímir Odóievski, Nikolai Leskóv, Fiódor Sologub, Lídia Avílova, Aleksánder Kuprin, Sacha Tchórny e Daniil Kharms são os outros nomes que compõem a obra.



## Escuta, formosa Márcia

MARCELLO QUINTANILHA  
Veneta  
128 págs.

Um dos maiores representantes dos quadrinhos nacionais ganhou o mundo, tendo no currículo prêmios como o Jabuti, Angoulême e Rudolph Dirks. Em seu aguardado novo trabalho, o autor carioca volta a retratar a realidade brasileira de forma implacável, utilizando a potência dos diálogos que fizeram-no célebre e traços e cores bem peculiares. Na HQ, Jaqueline é uma filha problemática. Por mais que a mãe solteira Márcia, enfermeira que mora em uma comunidade do Estado do Rio, tente disciplinar a garota, nada dá certo. A ajuda do padrasto, Aluísio, também não basta. Quando Jaqueline acaba envolvida profundamente com o crime organizado, a mãe terá de deixar de lado a tentativa mais branda de educar a jovem e fazer o que for preciso para salvá-la. “Marcello Quintanilha é o autor de quadrinhos que melhor retratou o brasileiro comum”, anotou a revista *O Grito!*. **Deserama** (2020), **Luzes de Niterói** (2019) e **Tugstênio** (2014) são outras publicações do autor.

O delicado tema dos refugiados é central na nova narrativa do escritor e jornalista paulistano. Na história, que traz um tom mais leve para os pequenos, Sara — acompanhada do pai e do irmão — foge dos horrores da guerra. Apesar de precisar enfrentar a aridez do deserto, marcada por memórias sinistras, a protagonista não deixa de sonhar com ir à escola e ter uma vida melhor. **O menino que reinventou o mundo** e **A revolução das crianças**, ambos de 2020, são outros livros de Marques.



## O caminho da escola

RAUL MARQUES  
Ilustrações: Bruna Assis  
Brasil  
Aletria  
82 págs.

Em uma narrativa que aposta na perspicácia das crianças, Canhameiro mostra todos os “era uma vez” possíveis e impossíveis na fabulação. Quem guia a história é uma vovó, sempre acompanhada de bons livros, que não gosta de ser chamada de senhora. “Era uma vez uma história que contava a história de uma pessoa que contava histórias que ela mesma havia inventado. Era história pra todo lado. História pra todo gosto, desgosto, alegria e dia cabisbaixo!”, começa o livro.



## Vovó surrealista

CARLOS CANHAMEIRO  
Ilustrações: Cacá Meirelles  
Mireveja  
64 págs.

Recomendado para leitores a partir de 8 anos, o livro acompanha a trajetória de dois amigos que se encontram na praia diariamente — um deles, enérgico, vem sempre correndo de bicicleta, enquanto o outro acompanha o ritmo possível da bengala. No começo da história, que explica que havia uma ponte entre os personagens, o narrador diz: “A ponte era velha e balançava muito. Meu coração era novo e também balançava muito. O dele devia ter a idade da ponte, mas era bem firme e brilhava”.



## O lugar do meu amigo

MARCIA CRISTINA SILVA  
Ilustrações: Catarina Bessell  
Escarlate  
56 págs.

A poeta norte-americana Amanda Gorman mostrou-se para o mundo ao recitar o poema *The hill we climb* durante a cerimônia de posse de Joe Biden, presidente dos Estados Unidos. Agora, em sua primeira incursão pela literatura infantil, a autora conta a história de uma menina que não teme mudanças. Apesar de elas serem assustadoras, a recompensa é maior que o medo. Nessa jornada musical, a protagonista encontra muitas outras vozes que, assim como a dela, bradam pelo bem maior.



## Canção da mudança

AMANDA GORMAN  
Trad.: Stephanie Borges  
Ilustrações: Loren Long  
Intrinseca  
32 págs.

Nesta narrativa do vencedor do National Book Award, Felix Love quer muito se apaixonar por alguém, mas nunca experimentou o sentimento — o que considera irônico, já que seu sobrenome significa “amor”. Além disso, apesar de ter orgulho de quem é, o protagonista receia ser marginalizado por ser negro, *queer* e transgênero. Depois de sofrer ataques homofóbicos, embarca em uma jornada que o fará repensar a vida e, quem sabe, achar o que tanto procura.



## Felix para sempre

KACEN CALLENDER  
Trad.: Vic Vieira  
Nacional  
288 págs.

Não existe biografia sem vazios, nem a autobiografia consegue apagar essa mancha. É exatamente na autobiografia o território no qual suas pegadas se tornam ainda mais nítidas e suspeitas — seja por esquecimento, seja por conveniência os vazios se estabelecem. É justamente nesses espaços que transita o biógrafo. Diante disso, é aconselhável encarar a biografia como uma ficção inevitável. Os vazios precisam ser preenchidos de modo a permitir a fluência da narrativa. Essa imposição, essa necessidade de ordem, de coerência na vida do biografado implica descompromisso com a realidade pois geralmente nossas vidas não seguem roteiros coesos. A máxima “quem conta um conto aumenta um ponto” leva à conclusão que é impossível narrar sem inventar. Inventar outra realidade, outra história que permita ao narrador/autor/personagem realizar-se.

As biografias habitam o espaço entre o território da ficção e o da história, entre o real e o imaginário. João Gilberto Noll é personagem de **João aos pedaços**, escrita por Flávio Ilha. Noll, personagem, assim considero o biografado, os biografados. Segundo Antonio Candido, a personagem é “um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial”. Aqui não se trata exclusivamente de fantasia, Flávio apresenta vários documentos, mas toda forma de escrita implica forjar uma realidade, não se trata da realidade em si.

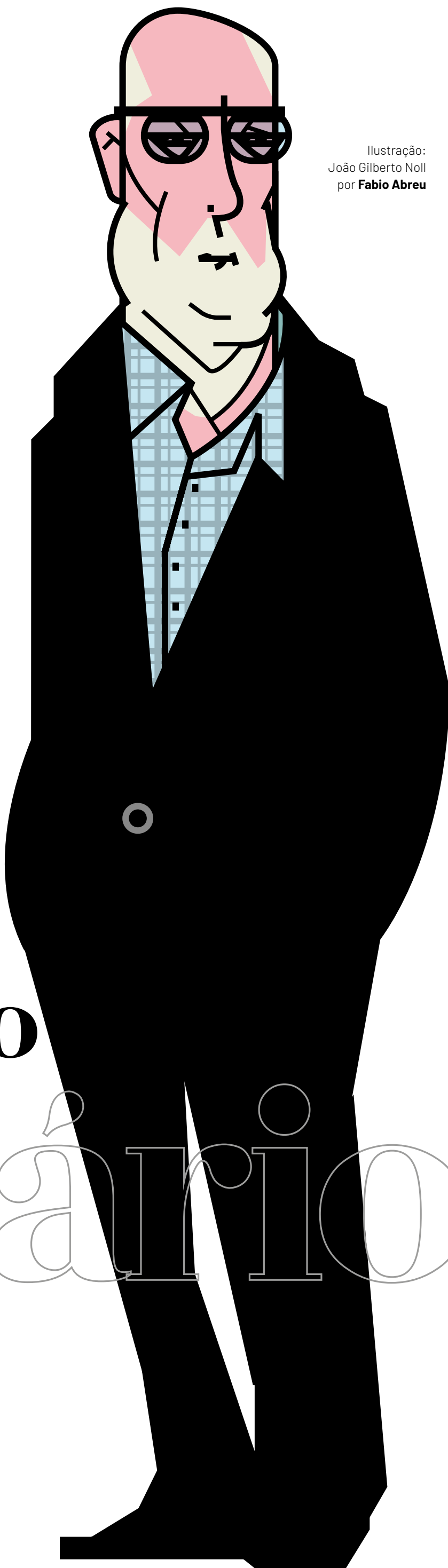
O imaginário ocupa um vasto espaço na literatura, não podemos desprezá-lo. A imbricação dos gêneros literários permite imensas áreas de expressão. Sobre o poder do imaginário e a relação entre os gêneros, Carlos Nejar escreve:

*O miraculoso das palavras não procura tribos, são as tribos que procuram as palavras. E que não se esqueça de que a ruptura dos gêneros já se estabeleceu com Oswald de Andrade em Memórias sentimentais de João Miramar e Mário de Andrade em Macunaíma. Todavia, “a literatura é o sonho desperto das civilizações” — lembrou Antonio Candido — a ponto de “não haver equilíbrio social sem literatura. Vamos além, a literatura não é só o despertar dos mágicos, é o despertar, aos poucos, também, do que continuará sonhando. Inexistindo equilíbrio humano sem literatura, porque lida com a imaginação. O que podem os homens sem ela? O que podem, sem essa fala dos historiadores sem fronteiras, estabelecido.*

#### Andarilho solitário

Conheci João Gilberto Noll quando vivíamos no Rio de Janeiro, pouco conversamos, geralmente o encontrava caminhando. Não foi diferente em Porto Alegre. Nossas raras conversas sempre aconteceram em movimento. Esta é uma das características marcantes muito bem observadas por Flávio Ilha. Movimento intenso que nem sempre trouxe resultados materiais que permitissem a Noll uma vida além de modesta, resultado do desrespeito destinado ao trabalho intelectual.

Ilustração:  
João Gilberto Noll  
por **Fabio Abreu**



# O andarilho

# solitário

Em **João aos pedaços: biografia de João Gilberto Noll**, Flávio Ilha dá ares de romance à trajetória de um escritor que não se rendeu a grupelhos



Sou voraz leitor de biografias. A de Fidel Castro escrita por Claudia Furiati, a de Victor Hugo, assinada por Max Gallo, e **Ordre libertaire: la vie philosophique d'Albert Camus**, de Michel Onfray, são exemplos de minuciosos trabalhos, delicadas peculiaridades que enriquecem as personagens. Flávio realizou elogiável trabalho, desvendou, revelou um ser radicalmente circunspecto, enigmático, marginal, por não pertencer a grupelhos garantidores da exposição e sobrevivência dos mediócras.

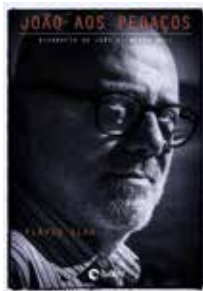
Noll, andarilho solitário, feito sua literatura não teve sua importância literária reconhecida apesar das premiações. Nessa mesma estante encontram-se Campos de Carvalho, Orides Fontela, Fausto Wolff, Luiz Bacellar. Flávio Ilha realizou uma proeza, escreveu a biografia nada entediante de um personagem fechado em si, insistiu; trato Noll como personagem porque assim se mostrava — seu modo de falar, suas performances em palestras, difícil identificar emoção, particularidades, alguém de passagem. Desapegado e pouco se esforçando para estabelecer relações. Seu compromisso era com a literatura.

#### Ares de romance

Flávio apresenta e analisa o biografado. Não posso dizer que sua pesquisa contemple, na integridade, a trajetória de João Gilberto Noll — não me cabe essa pretensão; cabe ressaltar que oferece ao leitor acontecimentos que resumem condensam uma vida destinada à literatura. Flávio traz revelações, o que não chega a ser uma façanha, visto que Noll costumava se preservar enquanto a mídia preferia ignorá-lo.

Suspeito que o motivo seja a complexidade e a temática de sua obra. Noll era despididamente fiel à literatura. O biógrafo evita o caminho fácil, o das lamúrias, do escritor injustiçado, do homem rejeitado, mas não nega, tampouco esconde, sofrimentos daí oriundos. João Gilberto Noll instiga o imaginário do leitor, e Flávio Ilha soube trabalhar o material ao conceder-lhe ares de romance, de suspense. O leitor não sabe o que esperar; estima, no entanto, que alguma revelação o aguarda na página seguinte.

Quando digo que Flávio foi além da biografia não o faço de modo estabelecer restrições ao seu brilhante e ousado trabalho, seja na pesquisa, seja no tecido que oferece ao leitor. Cabe olhar com grande atenção para esta obra, se-



#### João aos pedaços: biografia de João Gilberto Noll

FLÁVIO ILHA  
Diadorim  
242 págs.



#### O AUTOR

#### FLÁVIO ILHA

É jornalista, escritor e editor. Autor de **Longe daqui, aqui mesmo** (2018) e **Ralé** (2019).

#### TRECHO

#### João aos pedaços: biografia de João Gilberto Noll

*Noll se expunha pouco para a família. João é descrito como um sujeito “fechado”, “caladão”, que vivia “dentro de uma mala [devido às viagens frequentes]”, mas que, paradoxalmente, era capaz de gestos de afeto e de carinho imprevistos. Com a sobrinha Janaína, em Porto Alegre, frequentou baladas gays por pura diversão. Com a irmã de Janaína, Julia, que era sua afilhada, tomava café regularmente em locais públicos, cerca de uma vez por mês, quando se inteirava das novidades familiares.*

ja no seu rigor formal, seja no seu aspecto criativo. Flávio Ilha torna atraente a vida de um escritor que, infelizmente, graças à nossa indigência intelectual, não recebeu a devida atenção.

É como anota o filósofo e crítico búlgaro Tzvetan Todorov:

*Todo grande livro estabelece a existência de dois gêneros, a realidade de duas normas: a do gênero que ele transgride, que predomina na literatura precedente, e a do gênero que ele cria (...). Geralmente, a obra-prima literária não se encaixa em nenhum gênero.*

#### Solidão e interação

Em **João aos pedaços**, o autor aborda todos os pontos — da criação literária à vida, ou melhor, às vidas amorosas de Noll; humaniza o personagem, mas não consegue salvá-lo da solidão. A última foto de João Gilberto Noll, no café Chaves, sintetiza a obra de Flávio Ilha, sozinho no café, o grande escritor e sua solidão.

Angústia é o sentimento que envolve a narrativa de Flávio Ilha, um sentimento que pavimentava a via dolorosa de um grande escritor. A leitura da obra vai muito além de apresentar curiosidades acerca da vida de um personagem público: a biografia além do “disse me disse”, da foca, da bisbilhotice.

O ato de leitura se configura quando ocorre a interação entre texto e leitor. Podemos dizer que é nesse ponto que se localiza o coração da comunicação literária. Para que isso ocorra caberá ao leitor realizar suas articulações, lançar mão de seus pontos de vista, apontar identificações e dar sentido à narrativa.

A partir desses aspectos o leitor buscará a coerência do texto, para tanto analisará as estratégias textuais do autor, seu método de composição. Cabe lembrar que esse leitor empírico dificilmente corresponderá às expectativas do autor. O leitor privilegiará elementos que o ajudarão a compreender a obra, que iluminarão uma trilha nada familiar e por vezes até mesmo hostil. Em **O demônio da teoria**, Antoine Compagnon alerta:

*Muitas questões são levantadas a respeito da leitura, mas todas elas remetem ao problema crucial do jogo da liberdade e da imposição. Que faz do texto o leitor quando lê? E o que é que o texto lhe faz? A leitura é ativa ou passiva? Mais ativa que passiva? Ou mais passiva que ativa? Ela*

*se desenvolve como uma conversa em que os interlocutores teriam a possibilidade de corrigir o tiro? O modelo habitual da dialética é satisfatório? O leitor deve ser concebido como um conjunto de reações individuais ou, ao contrário, como a atualização de uma competência coletiva? A imagem de um leitor em liberdade vigiada, controlado pelo texto, seria a melhor?*

#### Individualismo

Mas qual a razão do descaço, dos maus tratos a um artista incomum. Qual, quais? Vivemos tempos no qual o individualismo, que sempre nos impulsionou, cada vez mais se faz notar. Noll também viveu esse tempo, o eu tornou-se determinante e aqueles conhecidos ideais, liberdade, igualdade, fraternidade, que deveriam ser abarcados por todas as sociedades, sedimentam-se no terreno da utopia.

Nos papéis que desempenho — escritor, tradutor, resenhista —, não devo desconsiderar o outro. Não devo escrever para mim, escrever conforme o que “eu acho”, tampouco criticar uma obra literária sem ater-me a quem se destina. Um texto para jornal deve ser acessível a todas as camadas, tanto sociais quanto intelectuais; enquanto um texto acadêmico exigirá um rigor muito maior.

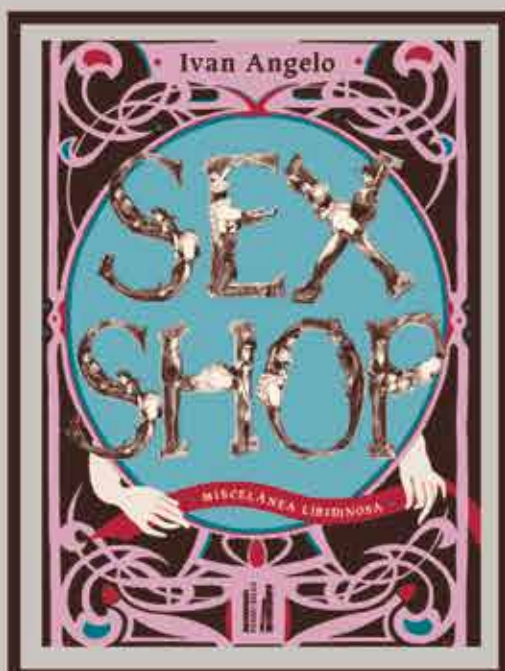
Ao dizer utopia, vale lembrar que *utopia* é um aspecto de grande importância na obra de Rabelais — acrescente, solidário leitor, mais este nome à lista dos incompreendidos. A lógica do mercado e o consumismo exacerbado destinaram ao homem o terreno da solidão, e ao individualismo, não bastasse individualismo, adicionou o egoísmo. Enquanto para o filósofo Emmanuel Levinas a guerra implica o fim da alteridade, em nossos dias o individualismo cumpre esse papel.

Nesse estado de coisas, ao *outro* será concedida alguma distinção tão somente quando artífice daquele que por vezes o remunera no cumprimento de alguma tarefa. O *outro* praticamente é apagado.

Noll cometeu o disparate de não pertencer a grupelhos salvadores, enaltecidos da mediocridade — fúteis produtores de obras vulgares foram convidados para festas literárias, foram premiados e tiveram grandes vendas de suas estultices. A pequenez artística é acintosamente solidária, e as homenagens póstumas não servem pra nada. 🗨️

---

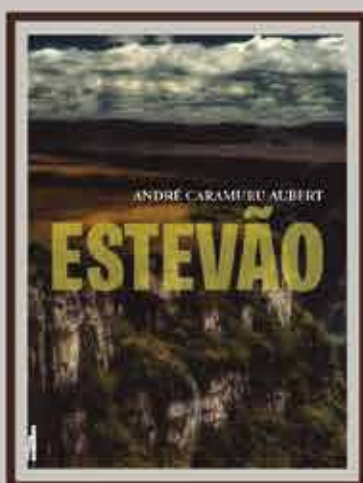
Ivan Angelo volta às livrarias, depois de anos, com **SEX SHOP**, uma inusitada miscelânea libidinosa, escrita com humor e sensualidade.



*Sex Shop* é uma miscelânea de contos, poemas e ensaios sobre o sexo, abordado sem pudores e receios, escritos com mão leve, bem-humorada e atual. Deles emana um erotismo sem preconceitos, sexismos, julgamentos ou grosserias. Escritos e organizados por um dos mais respeitados autores brasileiros vivos.

---

## Lançamentos de novembro



*Estevão*, de André Caramuru Aubert, e *Madrid com d*, de Simon Widman, são os dois romances de leitura estimulante e provocativa que passam a compor o catálogo da editora.

*A Mundana*, belíssima HQ do maior roteirista da atualidade, o francês Zidrou, sobre uma Paris ocupada na segunda guerra mundial.



# Raízes extraviadas

No romance **Herança**, Miguel Bonnefoy constrói uma narrativa que acompanha vários personagens ao longo de um século de história entre França e Chile

STEFANIA CHIARELLI | RIO DE JANEIRO - RJ



DIVULGAÇÃO

// **N**aquele instante, o homem que deixou os vinhedos do Jura foi rebatizado Lonsonier e nasceu pela segunda vez em 21 de maio, dia de sua chegada ao Chile.” A frase sintetiza o modo como a linhagem chilena da família que protagoniza **Herança** se constrói a partir de um tropeço da linguagem. Um humilde camponês francês, desesperado pela praga que se abatera sobre seu vinhedo, abandona as terras de propriedade familiar e embarca em direção às Américas. Com pouco dinheiro e um ramo de videira no bolso, acaba aportando por acaso no Chile, acometido de uma febre tifoide contraída no navio. Sem falar uma só palavra do idioma local, tem dificuldade de responder às perguntas na aduana, e recebe do agente de imigração um nome cuja sonoridade ecoa seu lugar de origem — Lons-le-Saunier.

Esse renascimento a partir da linguagem dá início ao romance do franco-venezuelano Bonnefoy. Nele, acompanhamos a trajetória de quatro gerações de um clã. A muda da planta trazida pelo viajante é metáfora da vida em movimento narrada com habilidade pelo escritor, que se filia ao gênero das sagas familiares. Livremente inspirados na família paterna, os dez capítulos da narrativa se intitulam com os nomes dos principais personagens, sinalizando a evocação de linhagens e o entrecruzamento desses sujeitos, em uma galeria de tipos que atravessarão um século de história entre França e Chile. Dentre eles, o patriarca Lonsonier, seu filho Lazare, a mulher Thérèse e a filha Margot, além do bisneto Ilario Da.

Lazare, anos depois da chegada do pai, parte para a França com os dois irmãos para lutar nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Só ele retorna vivo e com a saúde precária, acompanhado de uma culpa que perdurará por anos — ele havia traído o segredo que lhe fora confiado pelo soldado Helmut Driemann, morto no campo de batalha. Ao regressar, casa-se com Thérèse, mulher de personalidade guerreira e dedicada à ornitologia. Pássaros, voos e distâncias percorridas ecoam ao longo de todo o texto. No futuro, sua filha Margot será uma dedicada piloto de avião, e a França surge novamente como destino, de onde retorna amargurada ao país de adoção. Nele, terá seu único filho, Ilario Da, fruto da relação inusitada com o fantasma que aflige a memória de seu pai.

## Real maravilhoso

Na leitura do romance a imprensa francesa destacou a presença do realismo mágico de origem sul-

-americana. Juan Rulfo, García Márquez e Isabel Allende foram autores apontados como possível diálogo com essa matriz literária, dada a presença de acontecimentos sobrenaturais no texto — a exemplo do soldado alemão, que volta da morte para viver entre os Lonsonier. Aqui seria preferível ecoar o pensamento do escritor cubano Alejo Carpentier, que em seus postulados pensa o cotidiano americano como naturalmente insólito, ao indagar o que seria a história da América toda senão uma crônica do real maravilhoso.

A porosidade entre realidade e irreidade fundamenta vários dos acontecimentos que permeiam a narrativa, a exemplo da relação de Margot com o espectro do combatente. Dela nascerá Ilario Da, o revolucionário da família — possível metáfora para a culpa que se multiplica no sangue dos Lonsonier, se prolongando através das gerações. Integrante do MIR, movimento de extrema esquerda, Ilario é preso durante a ditadura de Pinochet e torturado violentamente em uma vila militar. Bisneto do primeiro viajante, esse personagem fará o caminho invertido de seu antepassado, chegando à França nos anos 1970 para fugir da ditadura e da opressão. Vale ressaltar que toda a parte final do romance se agiganta neste momento de leitura, diante da importância de confrontar um passado que insiste em retornar, tanto em discursos celebratórios de figuras ligadas à ditadura no Brasil quanto naqueles que insistem em minimizar as torturas acontecidas — a imagem dos delicados pássaros do viveiro abatidos por milhares de tiros dos soldados de Pinochet permanece como alegoria da barbárie evocada no relato.

## Recepção latino-americana

Por outro lado, importa avaliar a recepção desse tipo de romance entre os leitores latino-americanos. No caso brasileiro, a questão se agudiza, ao ficarem por vezes evidentes traços de uma renitente mirada etnocêntrica. A despeito da bem-vinda celebração do deslocamento e das insuspeitadas reconfigurações culturais advindas dos trânsitos, persiste uma visão hierarquizante, em que a cultura francesa chega aos trópicos com a notável missão de civilizar os selvagens. Exemplo disso é o capítulo sobre a chegada ao Chile do músico francês Étienne Lamarthe. Munido de instrumentos e de uma vontade férrea de trazer música ao lugarejo em que se instala, passa a ensaiar com a população local um repertório simples, e assim “foi oferecido àquele povo ribeirinho e montanhês um concerto de música barroca”, executado por uma gente “que não saberia sequer situar Roma num mapa-múndi”. Mais eloquente, impossível.

Em entrevistas, o autor reforça a necessidade de pensar que, em outra época, os franceses é que

migraram, tendo sido bem recebidos em países distantes, refazendo suas vidas. Bonnefoy tem razão ao avaliar hoje a complexa dinâmica das migrações forçadas pela fome, a guerra e toda sorte de perseguições. No entanto, se a ideia é pensar essa dialética pela perspectiva de abertura ao outro e de acolhimento à diferença, vale indagar por que um romance francês narrando uma saga familiar em direção aos trópicos insiste em repisar lugares comuns que não cabem mais em um olhar contemporâneo — o saber dos povos originários da América, simbolizado pelo curandeiro mapuche Aukan, alimenta o imaginário de Ilario Da, mas sua figura xamânica é sinônimo de superstição e atraso. De algum modo, a cultura francesa segue atrelada a uma suposta civilização e o saber local vinculado ao exotismo, desejável somente na medida em que confere cor local à trama.

## Condição do exílio

O caminho do meio pode estar em uma reflexão crítica sobre a condição do exílio. Como formula o intelectual palestino Edward Said, o exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal. Apesar dessa condição terrível de se experimentar, ele é transformado em um tema vigoroso da cultura moderna. Nessa contingência, os seres deslocados sabem que as pátrias são provisórias e sua visão será sempre peculiar, porque os exilados sempre terão a consciência de mais de uma cultura, o que estabelece uma visão em contraponto. Talvez resida aí a beleza dessas heranças, a de desestabilizar visões homogêneas de mundo, trazendo outros olhares. Como o hábito de Lazare Lonsonier de folhear jornais franceses, que chegavam com dois meses de atraso ao Chile. Esse descompasso nos fala de raízes extraviadas, da impossibilidade de alcançar a plena sintonia — o tempo do país de chegada é distinto, com sua peculiaridade e potência. O jornal não é o mesmo, o leitor já é outro.

Como toda herança, essa deve também ser ressignificada, para que não resulte em entrave para os descendentes, como um mal-entendido na aclimação do sobrenome. Legados se destinam a uma reapropriação, e assim a videira pode florescer novamente em terra estranha, agora sob outro nome. **1**

## O AUTOR

### MIGUEL BONNEFOY

Filho de pai chileno e mãe venezuelana, nasceu em Paris, em 1986.

Publicou os romances **Le voyage d'Octavio** (2015) e **Sucre noir** (2017), traduzidos em vários idiomas.



### Herança

MIGUEL BONNEFOY  
Trad.: Arnaldo Bloch  
Vestígio  
190 págs.

## TRECHO

### Herança

*Assim, como no dia em que o velho Lonsonier atravessou o Atlântico, depositando a primeira peça de xadrez sobre o tabuleiro das migrações que abarcaria sua família, cem anos depois, passadas duas guerras mundiais e uma ditadura, seu bisneto tomava o caminho de volta. Talvez, em meio século ainda, um novo exílio viria se somar ao longo e lento desenrolar dos acontecimentos, numa infinita floresta de buscas, de dores e de nascimentos.*



Dois publicações recentes sugerem que o tcheco Franz Kafka (1883-1924) não escapou da ironia que costumava permear sua obra nem depois de morto. Em seus **Diários — 1909-1923**, publicados integralmente no Brasil a partir das edições críticas alemãs e em boa tradução de Sergio Tellaroli, vê-se como o autor de clássicos da literatura fez de sua própria vida uma espécie de projeto kafkiano. Já em **O último processo de Kafka**, cujo título aponta para o teor algo absurdo — por mais que real, ou justamente por isso — da narrativa, são levantadas inúmeras questões pertinentes a respeito de quem pertence a obra de um autor que, antes de tudo, queria que seu trabalho tivesse sido queimado.

Os **Diários** chegam em uma edição comercial, para o leitor não especializado, e assim se justifica a decisão correta de organizar o texto cronologicamente — e não segundo a ordem de escrita dos próprios cadernos. É uma pena que a edição da *Todavía*, com excelentes notas das edições alemãs, não tenha incluído um estudo de maior fôlego para apresentar o material em sua diversidade e a partir das questões pungentes que ele lança sobre os estudos literários de hoje.

Em todo caso, a estranheza do texto kafkiano, exposto de maneira direta, sem os cortes e edições do amigo Max Brod, é um banquete para o leitor contemporâneo. Considerados alguns dos diários mais importantes do século 20, não se tratam aqui apenas de observações e reflexões sobre acontecimentos do cotidiano (o que já ofereceria uma visão rica sobre o início do século na Europa e seu pujante contexto cultural, mas também sobre a preparação lenta de seus horrores, que Kafka não viveu, mas previu), senão de toda uma visão de mundo transformada em escrita. Melhor, de um processo complexo em

que a vida foi se metamorfoseando aos poucos em literatura.

#### História e ficção

Escritos entre 1909 e 1923, os cadernos deveriam servir no começo apenas às anotações diárias, mas a máquina de escrita kafkiana foi aos poucos ampliando essa restrição. Comparável no Brasil talvez aos **Diários íntimos** de Lima Barreto, em que a atormentada visão do autor oferece uma perspectiva literária sobre seu mundo vivido (inclusive nos momentos de sonho e loucura), em Kafka o olhar objetivo e antipsicológico, a espiral de autossuspeição que estrutura o movimento do texto com o qual o leitor de Kafka está acostumado na sua obra estritamente ficcional (se é que se pode falar assim), se lança sobre a vida histórica. Se como afirma o crítico Günter Anders, o que espanta na obra de Kafka é que as coisas mais insanas acontecem ninguém se espanta, nos **Diários** o ritmo não é muito diferente. Eis a célebre reação do autor diante do prenúncio da Primeira Guerra Mundial: “A Alemanha declarou guerra à Rússia. — À tarde, natação”.

O fato de que pelo menos três boas pesquisas de doutorado, com posições diversas sobre a relação entre escrita e ficção (como as de Laís Oliveira, Gabriel Guimarães e Sâmella Russo), tenham se dedicado aos Diários de Kafka no Brasil nos últimos cinco anos aponta para a relevância desse texto, sobretudo levando-se conta as difíceis e móveis fronteiras entre escrita biográfica e escrita ficcional, relato e literatura e, por outro lado, a maneira com que a máquina de escrita kafkiana abole essas diferentes em uma tentativa de transformar esse mundo em algo expresso via literatura. A escrita literária (entendida aqui em sentido mais amplo do que o meramente ficcional) se torna mecanismo não apenas de representação, mas de produção de mundo.

# Kafkiano até na MORTE

Novas obras mostram como **Franz Kafka** metamorfoseou sua vida em literatura e, depois de morto, tornou-se parte de um processo tão estranho quanto a ficção

TOMAZ AMORIM IZABEL | SÃO PAULO - SP

Ilustração: Kafka por **Fabio Miraglia**



Muitos críticos apontam com justiça para o fato de que os diários serviram para Kafka como campo de experimentação, de oficina literária ou mesmo de espaço de “aquecimento” para a escrita ficcional. A leitura da obra deixa dúvidas sobre isso: relatos cotidianos se misturam com crítica literária e crítica de teatro, com reflexões estéticas, com memórias e considerações sobre o judaísmo e sua representação nas artes, com a descrição de sonhos (alguns dos quais apresentam, de maneira prototípica, algumas imagens retomadas posteriormente na ficção).

#### Laboratório de criação

Os primeiros registros já mostram o caráter de experimentação que distingue esses diários daqueles de Thomas Mann ou de Goethe, por exemplo, em que os diferentes modos de escrita estão claramente separados. Nos de Kafka, uma anotação sobre uma reunião de trabalho compartilha páginas com um mesmo experimento que é reescrito três ou quatro vezes. Se o elemento biográfico está presente, por outro lado, a busca constantemente por uma forma de escrita justa mostra a preocupação eminentemente literária do escritor.

Não se trata apenas de um diário confessional, para o qual uma primeira tentativa de desabafo bastaria, mas de uma pesquisa formal, de uma oficina em que as experiências do eu também servem de material. Não estamos longe aqui dos debates contemporâneos sobre a autoficção e a transformação de si em motivo literário, como o necessário embaralhamento das fronteiras ocidentais entre fato e ficção.

Um tipo de cirurgião alucinado, é como se Kafka praticasse a escrita primeiro em si mesmo. Neles, suas vivências e percepções são afiadas. O estilo característico de desespero frio que perpassa suas narrativas encontra nos melhores momentos dos **Diários** sua



gênese. Kafka não é K. ou Gregor Samsa, mas é ele mesmo um personagem (ou protagonista, como dirá Laís Oliveira) por meio de experimentações e práticas de escrita, para que os outros surjam depois, em uma narrativa mais madura.

### Fronteiras borradas

Nas anotações de Kafka se dissolvem, de certa forma, o paradoxo original que envolve a publicação de qualquer diário — gênero pensado mais para a escrita do que para a leitura e, portanto, raramente dedicado a um leitor externo. No caso desses **Diários**, a palavra-chave também deve ser desconfiança.

Assim como na célebre **Carta ao pai** — que Kafka depois descreveu depois como uma “carta de advogado”, ou seja, menos a expressão direta de sentimentos do que, também, uma construção literária sofisticada direcionada a certos fins —, os **Diários** não querem tanto retratar, mas fazer dançar, na vertiginosa desconfiança sobre o sentido em que o texto kafkiano coloca o leitor.

O fato de que esses diários tenham sido efetivamente emprestados para a leitura da amante Milena Jesenská, por exemplo, confirma essa hipótese. Isso vale menos para responder uma questão desimportante (o que de fato aconteceu e o que está sendo “ficcionalizado”) do que para mostrar como Kafka foi aos poucos vivendo literariamente, como sua experiência histórica passa necessariamente pela sua escrita.

Em outro paradoxo performático, o tema central dos **Diários**, repetido do começo ao fim, talvez seja a impossibilidade da escrita. Escreve-se sobre não se poder mais escrever. E isso foi a vida de Kafka, escrever sobre a vida, mesmo quando não se podia escrever. Mesmo, sobretudo, quando não se podia viver.

### Ironia kafkiana

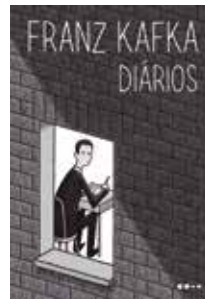
**O último processo de Kafka**, traduzido em diversas línguas e publicado no Brasil neste ano, mostra como o autor tcheco parece ter sido refém de sua forma de ver o mundo mesmo depois de morto. A obra dá detalhes e contexto histórico a um dos processos judiciais mais importantes e sintomáticos das últimas décadas, no qual a complexa disputa legal por alguns dos manuscritos de Kafka mistura questões profundas e extrajudiciais: a legitimidade de se vender grandes obras de arte e as possibilidades de seu acesso pelo público geral, o pertencimento “nacional” de um autor, a disputa discreta entre estados-nação por “ativos” culturais, a destruição de milhões de vidas, obras e documentos pelo genocídio fascista e a tentativa de proteção deste legado, a relação ambivalente de uma geração de judeus assimilados como Franz Kafka e Max Brod em relação ao sionismo cultural e posteriormente ao sionismo político, por fim, os limites difíceis de distinção entre proteção e cooptação de obras artísticas para fins políticos.

A ironia kafkiana do processo — assim como sua crueldade para os “personagens” envolvidos — não passa despercebida. Que o espólio de Kafka terminasse em um processo longo, de ampla cobertura midiática, envolvendo instituições de diversos países, herdeiros diretos e indiretos, é uma ironia já presente de certa forma e no pedido final do autor para que sua obra fosse queimada.

A relevância do livro de Balint está sobretudo na reconstrução de um momento histórico crucial de seus personagens. A Shoah e a imigração de intelectuais judeus para a Palestina é retratada aqui, para além do drama histórico e humano, também em relação às perdas e sacrifícios de conservação cultural da produção judaica na Europa no começo do século.

### Max Brod

Para entender como os últimos originais de Kafka foram parar em um pequeno apartamento de Tel Aviv, precisamos entender melhor a figura de Max Brod, celebrado como aquele que não apenas não cumpriu o desejo final de Kafka, mas que foi o mais importante divulgador de sua obra e primeiro a reconhecer sua grandeza. Se a interpretação literária do próprio Brod acerca do significado dos textos de Kafka foi motivo de crítica já desde seu surgimento (como na contra-leitura fundamental, por exemplo, de Walter Benjamin), sua importância como agitador cultural e agente literário é fundamental e o livro faz justiça à sua contribuição inestimável para a literatura moderna. Sua fuga de uma Praga prestes a ser ocupada por nazistas é heroica e o relato de Balint, de que Brod optou por deixar as próprias malas para serem enviadas posteriormente, para poder levar os manuscritos de Kafka, dá a medida emocionante da importância concedida pelo amigo ao trabalho de Kafka, na época ainda muito distante do reconhecimento mundial posterior.



### Diários – 1909-1923

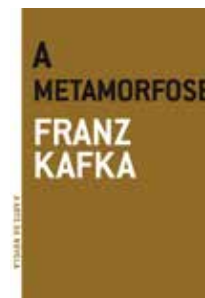
FRANZ KAFKA  
Trad.: Sergio Tellaroli  
Todavia  
576 págs.



### O último processo de Kafka

BENJAMIN BALINT  
Trad.: Rodrigo Breunig  
Arquipélago  
272 págs.

### LEIA TAMBÉM



### A metamorfose

FRANZ KAFKA  
Trad.: Bruno Gambarotto  
Grua  
96 págs.



### O AUTOR

#### FRANZ KAFKA

Nasceu em Praga, em 1883. É autor dos clássicos **A metamorfose** (1915), **O processo** (1925) e **O castelo** (1926), entre outros livros. Morreu em 1924, no sanatório de Kierling, em decorrência da tuberculose.

Se em alguns momentos parece haver certo exagero sobre a importância de Brod na escrita de Kafka (quase como se, sem seu apoio, Kafka não teria escrito, o que a leitura dos **Diários** definitivamente desautoriza), o livro em geral faz justiça à importância de Brod sobretudo depois da morte de Kafka.

E se, apesar do gênio criativo de Kafka, sua vida como judeu assimilado em um centro na periferia da Europa Central em plena industrialização certamente contribuiu para dar alcance à recepção de sua obra, o mesmo se pode dizer sobre a história de sua publicação. Uma obra escrita na atribulada Praga (parte do Império Austro-Húngaro, depois da Tchecoslováquia, depois de uma ocupação nazista, depois de ocupação soviética...) e que emigrou à força para Tel Aviv (na Palestina e depois Israel) e que tem como seu protetor e protagonista Max Brod, escritor e intelectual judeu, carrega em si grande parte da história europeia do século.

### Vitória de Israel

Fica para o leitor o julgamento sobre a justiça da vitória do estado israelense contra Eva Hoffe, herdeira do espólio, segundo o desejo de Brod. Balint tenta mais relatar do que tomar partido, ouvindo as diversas partes e explicando as minúcias históricas e jurídicas para o público leigo — do desejo de destruição de Kafka, passando pela oportuna traição de Brod e a declaração explícita de que os originais deveriam servir como um tipo de herança para sua “amiga” até chegar à herança desta para suas filhas.

Talvez pelo fato do próprio Balint não ser crítico literário, mas jornalista, há ainda uma outra voz interessada — sem dúvida, a mais importante — que está ausente do livro: a da própria obra kafkiana. Para além das pessoas envolvidas, como é que o próprio texto de Kafka, motivo principal aliás por todo o interesse e frisson em torno dos originais, lida com a questão do pertencimento?

Bem, como Judith Butler demonstrou em um artigo intitulado *A quem pertence Kafka*, texto que deveria ser lido como complemento fundamental ao livro de Balint, o texto não quer pertencer. Diante da pergunta: a que povo, a que país e a quais culturas pertencem os judeus assimilados da Europa, Butler — ela também uma autora judia da diáspora — oferece como resposta o texto kafkiano e sua desconfiança em relação a qualquer pertencimento (nacional, linguístico ou literário), sua movimentação constante e a incapturabilidade de sua “poética da não-chegada”. **O último processo de Kafka** se converte então em um monumento irônico à obra, prova de nossa falta de compreensão, décadas depois de sua crítica, sobre as ciladas do nacionalismo e do identitarismo. **U**

**Dois gatos**

**1**  
 Eram dois gatos num só  
 a se esfregarem no pó  
 das velhas tábuas do assoalho,  
 rente às brasas do borralho  
 de uma lareira sem dono,  
 no fluido limiar do sono.  
 Era um gato e eram dois,  
 mas só se os viam depois  
 que um se escondia na pele  
 do outro e abandonava a dele,  
 como quem sai de si mesmo  
 e, passo a passo, anda a esmo,  
 sem destino, alheio à sorte  
 do que seja a vida e a morte.

Eram dois de olhos azuis  
 quais turquesas, e um capuz

que a cabeça lhes cobria  
 com egípcia simetria,

de uma orelha a outra orelha,  
 de uma a outra sobrancelha.

E lembrem-se o rabo e as patas  
 de cores gêmeas, exatas.

Se um sumia, o outro miava  
 em, num átimo, o encontrava

sob os degraus de uma escada  
 que subia rumo ao nada.

Jacó e Esaú: lhes deram  
 esses nomes que não eram

senão o dilema arcano  
 do rosto de um deus romano.

Nunca foram, pois, iguais,  
 e disso havia sinais

em todo e qualquer detalhes,  
 não de postura ou de talhe,

mas de índole e de aspecto:  
 um, esquivo e circunspecto,

o outro, terno, mais afeito  
 a quem o punha no leito.

**2**  
 Foi-se a areia da ampulheta,  
 foram-se os tons da palheta

que davam cor à façanha  
 de um só ser dois nessa estranha

aptidão de duplicar-se  
 sem artifício ou disfarce.

E hoje ainda me pergunto  
 quando me toca esse assunto:

seria mesmo um só gato  
 que se expandia em dois no ato

de ludibriar os que os viam,  
 ou eram ambos que urdiam

uma única criatura  
 em que tudo se mistura?



## IVAN JUNQUEIRA

Quando faleceu no Rio de Janeiro em julho de 2014, o poeta Ivan Junqueira deixou entre seus guardados, no apartamento no Leme, uma pasta amarela com 36 poemas inéditos, escritos entre 1954 e 1958, e os três últimos, criados pouco antes de morrer, quando estava com 79 anos.

O conjunto de 36 versos pode ser considerado o que costuma ser chamado de juvenília, já que Ivan Junqueira nasceu em novembro de 1934. Teria, aos escrevê-los, portanto, de 20 a 24 anos. Organizados e digitados com esmero, contendo título e sumário, tudo indica que o poeta finalmente havia decidido publicá-los. Por isso, sua mulher, a escritora e jornalista Maria Cecília Costa Junqueira, e a filha mais velha, Suzana Junqueira, resolveram divulgá-los ao público, acreditando que deverão auxiliar a quem quiser fazer um estudo da obra completa do bardo carioca. Quem se debruçar sobre seus versos há de verificar, por exemplo, que, desde o início de seu caminho literário, os temas tratados são praticamente os mesmos: a relação visceral com a morte; o lamento da perda da infância, o clamor contra as injustiças e o respeito quase que religioso pelo mistério da vida. Quanto ao estilo, foi ficando cada vez mais rigoroso.

Na **Poesia completa** editada em dezembro de 2019 pela Glaciar, de Portugal, já foram publicados 10 poemas dessa juvenília. Fazem parte do livro também as seguintes obras poéticas: **Os mortos**; **Três meditações na corda lírica**; **Opus descontínuo**; **A rainha arcaica**; **Cinco movimentos**; **O grifo**; **A sagração dos ossos**; **O outro lado** e **Essa música**.

A editora Flávia Portella, da Lacre, pretende lançar se possível em 3 de novembro, data de aniversário de Ivan Junqueira, todos os 36 poemas dos vinte anos, além dos três do último ano: *Dois gatos*, *Pombo* e *O preço*. A ideia é publicar os versos juntamente com os desenhos também inéditos do poeta.

**Elegia diante da catedral**

Ante meus olhos fatigados, a torre da catedral se arremessa como um espasmo de pedra dilacerando o tédio secular do infinito.

(em torno, o vento inventa polifonias agudas e o mar escorre soluços em suas guelras de água.)

De repente, o vento o céu a tempestade.

Ah, de repente aquele anjo pleno de piedade a chorar melancolicamente sobre os destroços da criança que eu fui.

**Soneto inesperado**

E os tímidos afagos, de repente, eternizaram Bach sobre o teclado da forma que, num gesto indiferente, rasgava o azul do céu desacordado.

Foi quando, à chama incerta de uma ardente ternura e de um encanto inesperado, se ergueram vozes claras no imanente silêncio de meu ser atormentado.

Depois, como no seio impenetrável da noite se ocultasse a minha errante vivência de amargura interminável,

cuidei se me ficasse aquele instante de afagos mergulhado na imutável tristeza de meu cântico inconstante.

**Soneto de sempre**

Do meu amor, outrora uma aventura feita de graça e de sorriso tanto, resta-me apenas, na memória impura, lembrança esparsa e vago desencanto.

Hei de aos meus versos conferir, no entanto, Tamanhas ânsias de imortal ternura, que em face deles, como por encanto, em lírios se transforme a desventura.

Não quero agora, findo este lamento, deixar que o meu amor, num derradeiro adeus, se me abandone o pensamento.

O que mais quero é o meu amor inteiro, pois é na sua lei que o sentimento dá-se a si mesmo — imenso e verdadeiro!



**Manhã pluviosa**

O céu acordou chorando:  
feita de névoa e frieza,  
uma vaga tristeza  
em meus ossos foi rolando.

**Vestígio da infância**

Há um vestígio de infância nos teus gestos,  
nas tuas zangas sem razão,  
no teu sorriso de bruma distraída.  
Há, enfim, um vestígio de infância até  
nas mínimas coisas que pensas  
e que eu, mortificado, já não penso mais.  
Por isso, deixa, imploro-te, adormecida  
a tua mão sobre os meus olhos.  
Como vês, eles estão sujos,  
Imensamente sujos e doloridos.  
Retira-lhes este espesso véu de lama  
que tudo distorceu e tudo fez perdido.  
Livra-os desta mortalha onde esculpíram  
os últimos protestos do amor assassinado.  
Revolve bem as águas turvas de meu pranto:  
verás que nelas, frágil namorada, também cintila  
um pequenino e melancólico vestígio de infância.

**O assassinato do Natal**

Este ano Papai Noel desceu,  
modernamente de helicóptero  
na praça do Congresso.  
Chovia um pouco,  
e nenhum sol havia,  
nem poesia,  
naquela extravagância hodierna.  
Mas as crianças, alegres,  
se acotovelavam e se empurravam  
querendo ver Papai Noel.

(A nossa polícia,  
como sempre amável,  
rapidamente estendeu  
seus humanitários cordões de isolamento:  
as crianças, é claro, podiam estragar tudo.)

Papai Noel distribuiu  
raros presentes para aquela  
imensa multidão esfaimada.  
Um presente para cada trinta crianças,  
ou algo assim.  
Como seria de prever, pais e mães brigaram,  
se esbofetaram e ferozmente se odiaram  
na disputa encarniçada dos brindes.

Papai Noel e seus auxiliares sorriam,  
empanzinados de sadismo,  
enquanto lá em cima — no céu — lamentava-se  
o assassinato do Natal.

**Toma dos meus olhos**

Toma dos meus olhos  
Sepulta-os em terra estéril,  
atira-os à secura do deserto,  
lança-os à escuridão da noite.  
Meus olhos estão cansados de sonhar,  
meus olhos estão cansados de não ver nada.

Toma dos meus olhos, disse-me um jovem.  
Planta-os em terra fértil,  
faze deles um hino de amor,  
constrói com eles um novo mundo.

Meus olhos não se cansam de sonhar,  
meus olhos ainda não viram nada!  
Os olhos do velho secaram, morreram.  
E os olhos do jovem germinaram, viveram.  
E assistiram ao que os olhos do velho sonharam,  
mas não viram...

**Silêncio**

Silêncio  
Dormência extática em teus olhos claros,  
serenos.  
E em tua voz ausente,  
silêncio  
samente.  
Silêncio em tudo o que te cerca,  
como se fora um véu  
diáfano.  
E eu quisera tanto dizer-te que...  
Silêncio  
sem fim.

Silêncio:  
Deixa apenas que este verso exale  
O infinito canto das montanhas adormecidas.

**Alguma coisa**

Alguma coisa se perdeu,  
alguma coisa inestimável,  
pura e bela,  
como a poesia adormecida  
entre os cabelos ardentes do sol.

Alguma coisa se desfez  
nas turbulentas águas turvas  
do obscuro rio da verdade.

**Pássaro de luz**

Tua imagem perfura a madrugada como um grito  
e mergulha nas águas sonâmbulas do meu pensamento  
em busca da ternura que a noite estrangulou.

(eu te observo encoberto pelo reflexo grisalho do tempo)

Em breve a aurora incendiará os teus cabelos  
Onde flutuam os sonhos do menino que inventaste  
Tua ausência não será mais o embrião de minha angústia,  
nem a chuva fecundando as florestas do meu desespero:  
te converterás em essência poética de minha verdade  
e rasgarás a treva dos séculos como um pássaro de luz. 🕒

**IVAN JUNQUEIRA**

Tradutor, ensaísta, jornalista e acadêmico, o poeta Ivan Junqueira nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1934. Autor de mais de 40 livros, recebeu por cinco vezes o prêmio Jabuti. Suas principais traduções foram **As flores do mal**, de Charles Baudelaire, toda obra de T. S. Eliot (poemas e ensaios) e a poesia completa de Dylan Thomas. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 2000, tendo ocupado a vaga de João Cabral de Melo Neto. Quando morreu, em 2014, foi substituído na cadeira 37 pelo poeta Ferreira Gullar, morto em 2016. Hoje, esta cadeira é ocupada pelo historiador Arno Wehling.

# MINHA MULHER

**DANIEL MORAES**

Ilustração: **Dê Almeida**

Os meus amigos zombam de mim porque amo Marina. Não entendo. Marina é uma mulher linda, inteligente, engraçada. E daí que ela tem pau? Cada pessoa tem sua particularidade. A de Marina é que ela tem pau. Um detalhe que, muitas vezes, até esqueço. Para ser honesto, acho que o pau de Marina é uma qualidade. Vejo as outras mulheres, as que não têm pau, e elas me parecem problemáticas, ciumentas, paranoicas. Marina, não. Marina me entende. Sabe que eu preciso do meu espaço e do meu tempo, inclusive para não fazer nada. Homem gosta de não fazer nada; de apenas sentar no sofá, coçar o saco, fechar os olhos. Homens são animais simples.

Mas agora os meus amigos dizem que não sou homem por causa do meu relacionamento com Marina. Não me importo. Eles não sabem o que dizem, como os hereges da bíblia. Sou muito homem. Homem o suficiente para não me importar com o pau de Marina. Por falar em bíblia, tenho uma tia crente que diz que eu e Marina vamos para o inferno porque praticamos obscenidades. Mas o que há de obsceno no nosso amor?

Talvez ela se refira ao trabalho de Marina. Mas eu garanto: ela não se prostitui porque quer ou porque gosta. Marina é muito inteligente, formada em jornalismo, queria ser repórter de tevê, mas nunca conseguiu oportunidade; nem mesmo as lojas de esquina, dessas que vendem camisas vagabundas, dão emprego a Marina. Talvez seja diferente lá para as bandas do sudeste, mas por aqui onde a gente vive é assim. É claro que eu também não gosto que ela se prostitua, mas quem sou eu para dizer com o que Marina pode ou não trabalhar?

Eu mesmo trabalho num emprego chinfrim, vendendo filtro pra carro num balcão sujo de loja. Faço mil e quinhentos por mês. Marina às vezes faz isso por semana. É verdade que, de vez em quando, aparecem alguns clientes folgados, que agridem Marina, não pagam o combinado. Mas ela sabe se defender e, desde o ano passado, não trabalha mais da rua. Montou um site bacana, e é por lá que aparecem os clientes. Alguns, inclusive, pagam só para ver Ma-



rina se despir pela câmera do computador — um fetiche besta, na minha opinião.

Mas Marina me disse que vai deixar essa vida e abrir um canal de maquiagem no YouTube, e que tem o sonho de ser mãe. Achei linda essa revelação. Conte para a minha família, mas todos riram da minha cara, como se eu tivesse dito uma bobagem. O meu pai, às gargalhadas, disse que aparelho excretor não reproduz. Não sei do que ele estava falando, mas tenho certeza que não foi uma coisa legal, porque a minha irmã, mesmo rindo, o repreendeu — dando um tapinha de leve no braço dele.

Marina ficou sabendo de mais essa conversa e chorou muito. Disse que estava cansada de

tudo aquilo, que arrancaria o mal pela raiz. Quando eu entendi o que ela quis dizer, já era tarde demais: Marina já tinha cortado o pau fora com uma faca de cozinha. Eu nunca tinha visto tanto sangue na minha vida.

Marina desmaiou de dor, mas eu agi rápido, peguei o carro e voei para o hospital. Liguei para a minha família no caminho.

Eu estava na sala de espera, aflito, quando o meu pai veio ao meu encontro. Meu filho isso, meu filho aquilo. Minha mãe e a minha irmã só choravam, abraçadas num canto. “E daí que ela tinha pau?”, perguntei ao meu velho. Ele não respondeu, só abaixou a cabeça e começou a chorar como um viadinho. 🗿



**DANIEL MORAES**

Nasceu em São Luís (MA), em 1992.  
É jornalista e escritor.



# LINDA GREGG

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

## Highway 90

An owl lands on the side  
of the road. Turns its head  
to look at me going fast,  
window open to the night  
on the desert. Clean air,  
and the great stars.  
I'm trying to decide  
if this is what I want.

## Highway 90

Uma coruja pousa ao lado  
da estrada. Ela vira a cabeça  
para me olhar indo rápido,  
a janela aberta para a noite  
do deserto. Ar límpido,  
e as estrelas grandiosas.  
Estou tentando decidir  
se é isso que eu quero.

## New York address

The sun had just gone out  
and I was walking three miles to get home.  
I wanted to die.  
I couldn't think of words and I had no future  
and I was coming down hard on everything.  
My walk was terrible.  
I didn't seem to have a heart at all  
and my whole past seemed filled up.  
So I started answering all the questions  
regardless of consequence:  
Yes I hate dark. No I love light. Yes I won't speak.  
No I will write. Yes I will breed. No I won't love.  
Yes I will bless. No I won't close. Yes I won't give.  
Love is on the other side of the lake.  
It is painful because the dark makes you hear  
the water more. I accept all that.  
And that we are not allowed romance but only its distance.  
Having finished with it all, now I am not listening.  
I wait for the silence to resume.

## Endereço em Nova York

O sol acabara de ir embora  
e eu caminhava três milhas para chegar em casa.  
Queria morrer.  
Não podia imaginar palavras e não tinha futuro  
e estava pegando pesado em tudo.  
Minha marcha era terrível.  
Eu nem mesmo parecia ter um coração  
e todo o meu passado parecia saturado.  
Então comecei a responder a todas as questões  
sem pensar nas consequências:  
Sim, odeio a escuridão. Não, amo a luz. Sim, não vou falar.  
Não, vou escrever. Sim, vou reproduzir. Não, não vou amar.  
Sim, vou abençoar. Não, não vou encerrar. Sim, não vou doar.  
O amor está no outro lado do lago.  
É doloroso porque a escuridão faz com que a gente ouça  
melhor a água. Eu aceito tudo isso.  
E que não nos cabe o romance, apenas sua distância.  
Tendo terminado com tudo isso, eu agora nem ouço.  
Espero pela volta do silêncio.

## Arriving

What do they say about the land of the dead?  
About the ceremony of the body?  
About women in long dresses?  
What do they say about the innocence of the flesh?  
What about the endeavor in nature  
at ease with the dance and music?  
Long ago beyond graves are worlds in state.  
The cities still there in ruin. The neck of the ibex.  
Walled gardens surrounded by desert.  
Imagined lions guarding the gate.  
All as it was before.  
Worlds out of time still exist.  
Worlds of achievement out of mind and remembering  
just as the poem lasts.  
In the concert of being present.  
I have lost my lover and my youth.  
I want to praise the meadow, the horse  
rolling over in the river with me  
as a girl underneath it. Surviving to see  
the ferns in the woods, sunlight on blond hills.  
And the aged apple trees  
in a valley where there used to be a cabin.  
Where someone lived. And where small inedible apples  
grow. That the deer will eat.

## Chegando

O que dizem eles sobre a terra dos mortos?  
Sobre a cerimônia do corpo?  
Sobre mulheres em vestidos longos?  
O que eles dizem sobre a inocência da carne?  
E o que dizer da força da natureza  
em paz com a dança e a música?  
Há muito tempo, além dos túmulos, há mundos em suspensão.  
Cidades ainda ali, em ruínas. O pescoço do íbex.  
Jardins murados rodeados por desertos.  
Leões imaginários guardando o portão.  
Tudo como era antes.  
Mundos fora do tempo ainda existem.  
Mundos de conquistas além da mente e de lembrar  
enquanto o poema permanece.  
Na combinação de estar presente.  
Perdi meu amor e minha juventude.  
Quero louvar a campina, o cavalo  
galopando comigo sobre o rio, eu  
uma menina por baixo de tudo. Sobreviver para olhar  
as samambaias nas matas, luz do sol nas colinas douradas.  
E as envelhecidas macieiras  
no vale onde antes havia uma cabana.  
Onde alguém viveu. E onde crescem minúsculas e não palatáveis  
maças. Que os cervos comerão.



**LINDA GREGG**

Nasceu em Suffern, em 1942, e faleceu em Nova York, em 2019. Era uma das poetisas norte-americanas preferidas de autores como Joseph Brodsky e Czesław Miłosz. Sua poética apresenta cenas vistas da janela, impressões de viagens, registros do cotidiano, formando um lirismo enganadoramente simples, de alguém que olhava o mundo sempre com estranheza.

## Not saying much

My father is dead and there is nothing left  
now except ashes and a few photographs.  
The men are together in the old pictures.  
Two generations of them working and boxing  
and playing fiddles. They were interested  
mostly in how men were men. Muscle and size.  
Played their music for women and the women  
did not. The music of women was long ago.  
Being together made the men believe somehow.  
Something the United States of America could  
not give them. Not even the Mississippi.  
Not running away or the Civil War or farming  
the plains. Not exploring or the dream of gold.  
The music and standing that way together  
seems to have worked. They married women  
the way they made a living. And the women  
married them back, without saying much,  
not loving much, not singing ever.  
Those I knew in California lived and died  
in beauty and not enough money. But the beauty  
was like a face with the teeth touching  
under closed lips and the eyes still. The men  
did not talk to them much, and neither time  
nor that fine place gave them a sweetness.

## Sem dizer muito

Meu pai está morto e pouca coisa resta  
além de cinzas e umas poucas fotografias.  
Os homens aparecem juntos nas velhas imagens.  
Duas gerações deles trabalhando e boxeando  
e tocando rabeca. Eles estavam mais interessados  
em como os homens eram homens. Tamanho e músculos.  
Tocavam suas músicas para as mulheres, e as mulheres  
não. A música das mulheres havia sido há muito tempo.  
Estar juntos levava os homens de alguma maneira a crer.  
Algo que os Estados Unidos da América não  
pôde dar a eles. Nem mesmo o Mississippi.  
Nem fugir nem a Guerra de Secessão nem  
cultivar as pradarias. Nem explorar nem o sonho do ouro.  
A música e terem ficado juntos daquele jeito  
parece que funcionou. Eles se casaram com mulheres  
do jeito que levavam a vida. E as mulheres  
se casaram com eles, sem dizer muito,  
sem amar muito, sem jamais cantar.  
As que eu conheci na Califórnia viveram e morreram  
na beleza, sem muito dinheiro. Mas a beleza  
era como um rosto com os dentes se tocando  
sob os lábios cerrados e os olhos impassíveis. Os homens  
pouco falavam com elas, e nem o tempo  
nem aquele belo lugar lhes deu alguma doçura. 🗣️

# VASO PÉS SEMENTE

**CLAUDIA LAGE**

Ilustração: **Fabiano Vianna**





*Creio no mundo como  
num malmequer*  
Alberto Caeiro

A mulher olha as flores amarelas que emergem da planta como se fosse uma grande surpresa, aquela aparição na sua manhã sem sol. É uma Oxalis Chrysantha, da família das Oxalidaceae, reconheço de longe, é como um trevo, só que radiante, a mulher talvez não esperasse o desabrochar daquela sorte, o seu olhar é incrédulo e decepcionado.

Talvez ela tenha comprado a planta com a promessa de outra flor, os desavisados costumam não gostar nem mesmo quando a surpresa é boa. A mulher começa a fazer algo que me assusta, com uma colher cavuca na terra do vaso da Oxalis Chrysantha, cava com tanta força, outros ares me lembram, o remexer da terra escura, os meus pés finos, sempre finos, sempre descalços, sentem a dor de minúsculas pedras, havia tantas azedinhas, as violetas sempre me hipnotizaram, nunca as colhi com medo de ofensa, nem mesmo as roxas de mistério ou as verdes para o chá, tão boa para o organismo, mas essa tem outro nome, outra família, era perto das amarelas que eu deitava, algumas mais altas se inclinavam, tocavam o meu rosto, o vento as levava, trazia, levava, a pele, pétala.

Essa mulher me traz antiguidades, ainda cavuca a terra, usa uma colher de cozinha, o que ela quer, arrancar a raiz, destruir a Oxalis Chrysantha? o caule já oscila sem vento, essa mulher, o que lhe aconteceu, nem esse pequeno sol a comove mais, o descaso diante das belezas me fere. É ferida que termino de regar as minhas flores e ervas, volto à sala e meus pés se ressentem, o piso frio, sinto falta da claridade externa e acendo a luz, mas nada me satisfaz, já estava acostumada com esses prédios de paisagem e agora lembro do horizonte, o que era montanha, o que era vento e mato agora é cimento e vasos de plantas em minha varanda, eu também tenho surpresas pelas manhãs.

A verdade é, se essa mulher não quer a Oxalis Chrysantha, por que a levou para casa e a colocou num vaso, eu a imagino pagando pela planta e dizendo ao vendedor que a achou muito bonita, ela não sabia que florescia tanto? Talvez a incomode a cor brilhante em seu rosto assim tão à vista, como nos arde os olhos ao encarar o sol. Talvez ela tenha recebido a planta de presente e não soube o que fazer com aquilo, eu mesma quantas vezes não sei o que fazer com o que me dão. Às vezes, não sei o que fazer comigo quando outra pessoa se debruça muito sobre mim.

A Oxalis Chrysantha precisa de ajuda.

O que esta mulher procura remexendo na terra, o que poderia haver ali além da própria matéria que faz a terra ser terra, que a forma, minerais, poeiras, resíduos de raízes e vegetais já extintos, não será isso que ela procura, o que já morreu, deve ser algo perdido mas que se possa pegar, uma moeda, um anel, talvez uma pedra, um cristal. Uma vez, usei um cristal para dar sorte, como se a sorte fosse o meu destino que andava fora mim e que só por acaso me encontrasse. Apertava forte o cristal transparente, a palma da mão apertada sobre ele, como se a transparência absorvesse as linhas inscritas na pele. Vi na minha palma que já fui cigana numa praça às sextas-feiras, vi no centro do cristal que já andei pelo deserto com uma sede que ainda sinto. Vi no interior da pedra riscos finos como as linhas da minha mão. A mulher não percebe que grande parte da terra do vaso já caiu no chão e cobre os seus pés. Se a minha voz não estivesse tão longe eu a avisaria. Ela escutaria o meu grito? Pararia de cavar? A mulher não sabe que a terra deve estar sempre abaixo e nunca acima dos nossos pés? A mulher não sabe como é perigoso lidar com as coisas dessa maneira?

Parece que há muita terra para pouco vaso. Posso estar errada, muitas vezes erro sem perceber, a aparência das coisas sempre me enganou. Já não sei por quanto tempo assisto a esse desenredo, já não calculo as horas pelos ponteiros, mas pelo sentimento de peso ou leveza que me dão.

Aqui estou há séculos na minha varanda tão alta assistindo a essa mulher solitária e distante como se no topo de uma montanha diante de outra. Somos duas montanhas que não se reconhecem. A mulher nem me enxerga porque esqueceu como olhar adiante. De repente, uma raiva entra pela sola dos meus pés e sobe pelo meu corpo feito raio. A raiva é mesmo vermelha como na infância previ. Os meus sentimentos nunca falharam, eu que demoro a entender. Não é a primeira vez que odeio alguém antes que o pior aconteça. É como se o gesto me alcançasse com antecedência mesmo distante.

A mulher continua cavando como se o vaso não tivesse fundo, a terra continua saindo como se realmente houvesse ali profundezas. A terra chega na altura dos tornozelos da mulher, mas ela não percebe, ou age daquela forma que tantos fazem, fingem não ver o que se evidencia. A Oxalis Chrysantha se

desequilibra, de longe vejo as suas raízes perderem o solo, algumas flores espicham, outras inclinam, como se procurassem se segurar em meio à queda que se aproxima, é o que diz a minha visão.

Às vezes, vejo como se visse realmente, é algo que me dói.

O amarelo das pétalas desbota um pouco, há nelas uma forte consciência do que são, o trevo, a sorte, o trevo sol, no interior também são chamadas de aleluia, aleluia-amarela, cultivadas com esperança, lembranças de possíveis milagres, e é exatamente por isso, por esse saber agora inútil, que desbotam agora. A essa altura a Oxalis Chrysantha já percebeu que é tarde e desaba no chão como se não esperasse outra coisa.

Se fosse um bicho, se tivesse dentes, se tivesse patas, a Oxalis Chrysantha já teria mordido a mulher, estapeado, arranhado, fugido, mas a reação das plantas é sempre essa de não se mover. Parada, ela espera que a outra criatura tome consciência do que está fazendo. Parada, ela arruma internamente um modo de resistir, o seu jeito nunca é para fora, é sempre por dentro.

Nada de uma planta engolir outra e dissolvê-la no ácido de um órgão criado para isso. A sua sobrevivência é enraizada, como eu muitas vezes em tempos antigos pensei que poderia ser. Mas um bicho não pode ser árvore nem outro vegetal, um bicho tem sangue e cérebro. E dentes, um bicho tem dentes. Na pré-história todos os animais já mordiam e mastigavam, no início do mundo um microorganismo engoliu outro e assim criou-se dentro da célula a multiplicação. Algumas plantas desenvolvem espinhos nos caules, afastam mãos, patas que tentam arrancá-las, outras, formam pontas afiadas nas folhas, ferem as bocas devoradoras, mas a Oxalis Chrysantha é suave desde sempre, a conheci na minha infância e ela sempre foi desprevenida.

Se tiver solo livre e espaço, a Oxalis Chrysantha se espalha sem medo. A mulher não sabe que essa planta tem raízes ramificadas e nunca estão sozinhas. Por debaixo da terra, permanecem unidas, e no subterrâneo também se desenvolvem e se aprofundam. As raízes mergulham na direção do centro do planeta, como se pudessem alcançá-lo. Ela se expande e ao mesmo tempo se interioriza. A Oxalis Chrysantha faz caminhos para dentro que nunca suspeitei. Como uma planta assim poderia se adaptar à vida de vaso? Raízes não são como os nossos pés iludidos

com os sapatos. A Oxalis Chrysantha foi arrancada do seu lugar sem nenhuma consideração.

A mulher continua o seu movimento de tirar terra do vaso, talvez precise se certificar de que há algum fundo, ou fim. Talvez insista até não haver mais nada, até confirmar que realmente acabou. Ou talvez precise, ao contrário, recuperar o início, o vaso antes da plantação, o vaso semente, porque antes tudo brilha, irradia sem medo o que pode ser. Talvez esse desespero a tenha deixado insensível para as flores amarelas no vaso, o que já estava vivo ali. Sentimos tanto e ao mesmo tempo tão pouco. Ou talvez seja algo imenso que se perdeu, algo que nem a mulher sabe ainda nomear. Eu mesma quantas vezes não consigo processar o que me acontece, sinto o ruminar em meu corpo sem entender. A mulher não consegue encarar a Oxalis Chrysantha depois da queda, imóvel em seu espanto de planta desmantelada, as raízes expostas como a exigir uma reparação. A terra que sai do vaso é tanta, sobe pelo corpo da mulher. A realidade já me enganou tantas vezes, mas há também o que se vislumbra, a raiz das flores amarelas, a sua profundidade e chão.

A mulher não sabe chamar o que ela regava até esta manhã, por cegueira ou vertigem, eu também já vivi na ignorância como se fosse mistério. Oxalis Chrysantha se chama aleluia, sorte, trevo sol, que obscuro desconhecer o nome das coisas, assim nunca as podemos alcançar realmente, a matéria, a ideia, nos escapam, como se as perdêssemos várias vezes. **1**



**CLAUDIA LAGE**

É escritora e roteirista. Autora do livro de contos **A pequena morte e outras naturezas**. Lançou em 2009 o romance **Mundos de Eufrásia** (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura). Em 2013, publicou **Labirinto da palavra** (Prêmio de Literatura de Brasília e semifinalista do Prêmio Portugal Telecom). Em 2020, seu romance **O corpo Interminável** recebeu o Prêmio São Paulo Literatura. Como roteirista, trabalhou na TV Globo e em produtoras como Conspiração Filmes, Telemage, entre outras.



# poesia brasileira

EDIÇÃO: MARIANA IANELLI

## HELENA ZELIC

### Flores no lugar de lápides

neste dia eterno e corrente  
sob a luz indireta do tempo  
padre júlio quebra pedras  
quebra pedrasquebra pedras  
quebra quebra é tanta pedra  
padre júlio a marretadas  
sem a ajuda de ninguém  
quebra pedrasquebra pedras  
padre júlio quebra pedras  
padre júlio quebra pedras  
padre júlio quebra pedras  
padre júlio quebra pedras  
do dia corrente do tempo  
para que os pobres durmam

### Varadero anos 60

todos os dias aida percorria  
varadero pelas ruas proletárias  
porta por porta, campainha quando havia  
e entrava. todos os dias lá  
ia aida olhar os dentes das crianças  
aplicar vacinas nos bracinhos  
de luis odalys vilma  
porta por porta segurar  
nas mãos o futuro é bonito e vive

todos os dias ao fim do dia aida  
sentava frente ao mar  
meditava o silêncio do mar  
e pegava o último ônibus  
que saía muito cedo  
ainda dia  
e hoje ainda sai  
igualmente  
cedo ainda dia

### Cubatão

o carro cortava a funda noite  
entre costa e continente quando  
o fogo se impôs vertical diante  
de nossas jovens curvas vistas

100km/h e vimos longo  
o fogo controlado pelas máquinas  
sua muda imagem um deus capaz  
dar na gente um sentido raro

uma coisa tão bonita e tão  
feia a chama da destruição  
pretenso infinito em cor transmutada

a gente quieta não sabia quanto  
de gente era preciso para manter  
viva noite adentro a magia industrial

e os vidros fechados nos livravam do cheiro e do bafo final

### Denúncia IV

em 8 de março de 2020  
milhares de mulheres se reuniram  
na avenida paulista e dividiram  
megafones bandeiras guarda-chuvas

o amanhecer por marielle foi  
a primeira manifestação cancelada  
pelo inesperado da cepa recém  
chegada ao brasil

os atos por todo o país se tornaram  
panos amarelos pendurados nas janelas  
uma forma de coletividade  
silenciosa e solar

um exato ano após  
a primeira manifestação cancelada  
o anoitecer por marielle ilumina  
pontos de luz nas paredes do domingo  
projetados a curtas distâncias  
que ligam um prédio a outro prédio  
e formam letras de luz  
onde a noite profunda pergunta  
quem mandou matar marielle  
quem mandou matar marielle  
quem mandou matar marielle



### HELENA ZELIC

Nasceu em São Paulo (SP), em 1995. É poeta e militante do movimento feminista. Seu livro mais recente é **A libertação de Laura**. Também é autora de **Durante um terremoto** (2018) e das plaquetes **3.255 km** (2019) e **Caixa preta** (2019).

## WANDA MONTEIRO

### No depois da senda das palavras

**I**  
Corpos desgarram-se da superfície para onde não há camadas protetoras: para além do tempo divisível: para além do [espaço de-  
marcado

negam limites: vagam desertos: glaciais: [gravitam circundantes sobre  
i-memorial esfera

algo inominável se expande  
: outro atalho existencial

**II**  
Espectro: turva lâmina a rasgar o espaço: fraturar o tempo em sumidouro portal: nele a contrafação das certezas: [entremundos de  
dúvidas: antAgonias

ser o corpo espelhado  
ser a traição do reflexo: o registro pretérito na [escura câmara do olho:  
a imagem futura

no milagre do espelho: o silêncio  
o não dito

**III**  
Do vítreo ao visgo  
as aparências se avizinham

O que é o céu senão veios espelhados  
do pensar

O que é o chão senão o crânio estilhaçado  
depois da queda

**IV**  
Ilha: a lexicografia diz daquilo que é isolado  
ilha a palavra: aprendi em tenra idade

minha primeira escuta diz de ser ilha o muro, a varanda, o alpendre:  
a casa feita de paredes,  
janelas, portas e feita de quintal

o quintal: portal para o céu, para a lua e para o sol que nunca foi rei e  
sim rainha: rainha de luz e fogo: assim dizia a mãe: “mania dos  
homens de matar o feminino do mundo”

de ilha — meu pai dizia de sermos nós: a carne que nos abarca: a  
barca: trama de tecidos: malha de artérias: a serpente: milhares de  
metros cúbicos movendo-se feito boiúna sanguínea nadando,  
rasgando, devorando o tempo: oroborus

a barca abarca a malha, a trama, o lastro:  
oito litros de sangue  
oito litros de vícios  
oito litros de memória  
oito litros de tempo  
oito litros de guerra

de mim, digo ser essa guerra

eu, ilha dentro da ilha  
desaprendi o rito de não seguir e  
de sempre ficar: desaprendi de ser ilha: aprendi a partir, atravessar  
feito raio mordendo horizontes curvos; infindos: atravessar a  
clandestinidade das horas de um chão derruído

atravessar e ver  
o onde não há fastio de palavras  
o rio partir sem nunca voltar  
a estação vingar  
a chuva cair pra florir

**V**  
? como atravessar o agora se o agora é esse sem  
nome: essa clareira que se esparrama em amplidão  
de ausências: esse quando de saudade que engasga,  
reflui e dói à exaustão?

há certas coisas que carregam consigo os silêncios

no agora, com o agora e sobre o agora  
esse mundo carece de ser nomeado

Neste anverso insone e branco  
irrompe a vertigem da palavra

do que somos feitos senão da palavra

a palavra esse animal feroz  
que engole as noites  
negro jaguar que a tudo forma  
no frêmito dos instintos  
no tumulto dos sentidos

a palavra esse onde  
que no abismo da luz  
consuma o gesto que liberta  
o início



### WANDA MONTEIRO

Nasceu à margem esquerda do rio Amazonas, em Alenquer (PA). Autora de **O beijo da chuva** (2008), **Anverso** (2011), **Doas mulheres entardecendo** (2015), em parceria com Maria Helena Latinni, 2016; **A liturgia do tempo e outros silêncios** (2019), edição bilingue para o espanhol (2020).



**JÚLIA DE CARVALHO HANSEN****Destino**

Caminho que se altera  
a cada passo.

E firme  
nos espera no espaço.

**Revolta**

Junto da igualdade racial e de gênero  
da distribuição de terra  
dinheiro, alimento, moradia  
Junto da empatia, da cordialidade  
do respeito e do cultivo  
das práticas civis e dos direitos humanos  
Junto das oportunidades equivalentes  
da segurança de que sua filha voltará à casa  
sem ter se acidentado, sido morta, violada  
Junto da memória sendo constituída  
da educação da cultura e da saúde para todos  
da preservação das águas, florestas e animais  
Junto da liberdade do corpo gozar o gozo  
e da esperança de que a alegria retornará  
mais antiga que o cansaço e a indignação  
Junto de um estado que sirva  
a sujeitos não servis  
o que falta a este país é REVOLTA.

**Outono**

Como trocar de pele?  
Se há pele.

**Signo**

Hoje o céu está como no dia do seu nascimento  
embora isto seja sempre relativo como  
as comparações são autoritárias.  
No dia em que você nasceu eu ainda  
não tinha escrito nenhum poema  
quanto mais um poema pra você.  
Você mesmo estava só começando  
que beleza a aprender a sobreviver.  
A sua primeira respiração  
posso tocá-la agora com este verso  
que beleza também pensei em visitar  
os traços dos seus olhos apertados  
por dúvidas de se era aqui mesmo  
neste lugar  
o nosso tempo.

**JÚLIA DE CARVALHO HANSEN**

Nasceu em São Paulo (SP), em 1984. É poeta,  
astróloga e uma das editoras da Chão da  
Feira. Autora de livros publicados no Brasil e  
em Portugal, sendo os mais recentes **Seiva**  
**veneno ou fruto** (2016) e **Romã** (2019).

**MARCELO TORRES****Tudo se tornou livro**

ou melancolia  
nessa insensível  
manhã,  
jogo uma carta  
para o ar  
que queima  
minha infância  
de volumes  
pérvios  
onde versos  
assolam a construção  
de meus ossos  
como um conto/prosa  
em uma fazenda,  
páginas,  
letras tatuadas  
nas costas  
da morte,  
amores/sacanagens,  
trejeitos  
de quintais,  
onde deitado  
na rede sacolejo  
lendo mais uma obra  
levantando  
hipóteses  
sobre a miséria  
de amigos  
que caminham sós  
sobre os viadutos  
tentando arrumar  
qualquer trabalho  
para poderem escrever  
ou comer  
:  
que para eles  
são a mesma coisa

**Estar/plantado** ao seu lado como se estivesse estendido com um pano do  
oriente estampado de epigramas,  
sem rumo, embaixo de uma chuva de dentes-de-leão,  
ambos sendo a didática da viagem, onde a semana começa a incomodar-nos.  
Tu com esse novo cabelo começaste a acumular mistérios,  
nessa faculdade terna, isolada,  
a taça acariciada na singeleza de quem tem alguma esperança  
é posta em cima da mesa, já é tua memória a afogar-se,  
na trança dos dias amarrotados em teu guarda-roupa; cada um segue o seu dever.

**Urge/ruge** o ato é ler o firmamento, falanges de humanos no lugar errado  
decesso ambiental por quilômetros onde a visão toma eletrochoques  
financeiros.  
Tu saíste para o bar sem teu canivete espelhado, uma rodada amarga.  
Não é essa força movida a estampido teu pensamento da não-taciturnidade,  
da preservação afogaste teu traço, pois queria a eternidade  
longe dos mastros envoltos que há décadas boiam, dessa ressurreição  
absurda, material, metafísica,  
ofertada pela bestialidade de cartuchos, sendo recarregados como pulsão de vida.

**MARCELO TORRES**

Nasceu em Palmares (PE), em 1984. Publicou **Vertigem de telhados** (2015),  
**nadar em cima da rua** (2015), **Páthos de fecundação e silêncio** (2017) e  
**Poemas tímidos e gelatinosos** (2019). Sua obra mais recente é **Saindo**  
**sem avisar/Voltando sem saber de onde** (2020).

**PAULO SABINO****Lugar de coisa nenhuma**

A quem creditar a validade disto  
Como fazer valer a letra impressa  
Como, mais que dizer a mim, dizer à poesia  
Que sim, que vale a lida de cada centímetro  
De palavra posta nesta folha ordinária  
Sem algo de realmente oportuno, rítmico, musical  
Com a mão hesitante pela dúvida da premissa  
Do juízo imbuído de genuína primazia  
No ímpeto do que desliza aos solavancos  
Rumo ao vago desta caligrafia  
Neste voo raso do verso que pé ante pé flutua  
Mínimo no ar, a fim de que se teça o movimento  
Falho e acambetado de excogitar este belvedere  
O qual não garante sequer razão razoável  
— Paisagem alguma —  
Para deter-se aqui  
— Lugar de coisa nenhuma —

**PAULO SABINO**

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1976. Edita o  
site Prosa em poema (<https://prosaempoema.com/>). Coordenador e curador do selo Bem-  
Te-Li (Autografia). Idealizador e produtor  
dos projetos literários **Ocupação poética**, no  
teatro Cândido Mendes, e **A estante do poeta**,  
no Espaço Afluentes. Organizou a antologia  
**A estante dos poetas**. Publicou em 2018 **Um**  
**para dentro todo o exterior** (poesia).

**Evocação (vírus-vocativos)**

quarentenados antenados  
isolados conectados  
limitados ao metro quadrado  
apartados em apartamentos  
alojados em alojamentos  
enclausurados em recintos  
encarcerados em domicílios  
aboletados em seus domínios  
enquadrados em seus cubículos  
enlaçados em seus abismos  
esquívos dos convívios  
andarilhos dos cômodos  
insones dos seus incômodos  
encaramujados em suas conchas  
enconchados em suas tocas  
entocados em suas malocas  
malocados em seus recantos  
encantoados em seus prantos  
ilhados em seus desertos  
náufragos de um projeto incerto  
encastelados em bolhas de tijolo  
dedicados a receitas de bolo  
confinados à forma da fôrma  
comportados à base da força  
aquietados das ruas  
recolhidos das estradas  
móveis dos imóveis  
detentos dos lares  
exilados dos bares  
protegidos das esquinas  
expostos à cloroquina  
desagregados da muvuca  
restritos à roda que batuca  
atentos a todo tipo de uruca  
desterrados dos parques  
arredados dos ares  
aportados dos mares  
navegantes do vago  
sobreviventes do estrago

**Vítreo**

*A Ricardo Aleixo*

do rosto  
o reflexo  
é o amplexo  
perplexo  
da reflexão





**ozias filho**

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO

# GABRIELA RUIVO TRINDADE



## GABRIELA RUIVO TRINDADE

Nasceu em Lisboa, em 1970, e vive em Londres desde 2004. Venceu o prêmio LeYa em 2013 com o romance **Uma outra voz**, distinguido com o PEN Clube Português Primeira Obra em 2015 e publicado no Brasil em 2018. Entre 2016 e 2020, participou em várias antologias de poesia e conto. Em 2019, publicou **Aves migratórias** (poesia) e, em 2021, **Espécies protegidas** (contos). Dirige a Miúda Children's Books in Portuguese, uma livraria online sediada no Reino Unido, especializada em literatura infantojuvenil escrita em português. É editora, em parceria com Nuno Gomes Garcia, do coletivo de artistas Mapas do Confinamento (<https://www.mapasdoconfinamento.com/>).



Veja mais em  
[rascunho.com.br](https://www.rascunho.com.br)





**rogério pereira**

SUJEITO OCULTO

# APRENDIZ DE ZÁTOPEK

Sonhei com Zátopek. Foi nosso primeiro encontro. Na agitação do sono — povoado de insônia e fantasmas —, ele corria. Uma besta enfurecida, sem qualquer técnica. Apenas corria. Forrest Gump de nervuras indestrutíveis, trem sem freios a arrancar sangue dos trilhos. Havia sofrimento nos vincos do rosto, no cabelo lambido, nos braços longos, nas pernas esqueléticas e torneadas por músculos a romper os limites do corpo. Locomotiva humana, sulcava as pistas com passadas de animal voraz. Nada o parava até a linha de chegada. A dor em troca da felicidade da vitória. Na Olimpíada de Helsinque, em 1952, transformou-se em lenda. Em apenas dez dias, venceu três provas de longa distância, inclusive a maratona. O sonho rápido e turbulento, em compasso com o personagem, arrastou-me às cartas. Elas, assim como Emil Zátopek, também estão mortas.

Quando o professor gritava “já”, meu corpo desprovido de qualquer adiposidade tentava superar a si mesmo. Tinha de chegar antes dos demais ao muro chapiscado, sujo e feio da escola pública — cuja arquitetura lembrava um presídio. Boa parte dos detentos estava condenada. Sob meus pés, o piso irregular de cimento bruto a cozinhar ao sol de uma infância febril. Os braços tentavam em desespero agarrar-se ao ar — Tarzan a percorrer uma floresta dependurado em cipós imaginários —, as pernas finas trotavam na ânsia de vencer. Mastigava cada passada com a fome dos desesperados. Transpirava na camiseta de cujo tecido o símbolo escolar já desbotara havia tempo. O barulho seco e oco dos pés na pista denunciava o improviso do tênis inadequado — soldado, em plena batalha, a combater um submarino atômico montado em um cavalo-marinho. A derrota me esperava no muro adiante.

Nos infinitos segundos daquela guerra, bastava o desvio do olhar para avistá-lo. Pescoço esticado às alturas, braços e mãos em sincronia. Pés gigantes a escavar o cimento. Nada o assustava. Tinha a certeza da vitória. Asas o faziam flutuar quando o cansaço brotava. E, então, os dedos longos tocavam o muro chapiscado, sujo e feio. Logo em seguida, minha derrota se estatelava ao seu lado. O apito do professor levava-nos novamente à sala de aula. Fim da educação física.

Quando a necessidade jogou-me numa fábrica de móveis durante o dia, mudei de turno na escola. À noite, diante do portão semiescuro, agarrei-me ao cigarro

e às bocas disponíveis em beijos de gosto azedo. O mundo notívago era atraente e não denunciava as imperfeições do muro onde roçávamos os corpos. Ao trabalhar o dia todo, não precisava participar das aulas de educação física aos sábados pela manhã. O pulmão já esburacado pela nicotina agradecia. No entanto, nunca esqueci as derrotas. Num gesto entre a vergonha e a coragem, escrevi-lhe uma carta, cujo final ainda está impresso nos movimentos da caneta de tinta preta e escrita fina: “Jamais o alcançaria”. Nunca obtive resposta.

Certo dia, numa adolescência quase jurássica, ao chegar ao caixa do banco, estendi-lhe o boleto. O rapaz magro e de óculos olhou-me com indiferença. Pegou a conta, o dinheiro, digitou vários números, imprimiu o valor na máquina de barulho irritante, devolveu-me o documento quitado. Seus movimentos eram lentos e medidos. Fazia tudo com métrica e precisão para evitar qualquer equívoco financeiro. Por alguns segundos, parado à sua frente, olhei-o à espera de uma resposta. Ele falou “próximo”. Um aviso para que a fila andasse. Ali, ninguém corria. A lentidão e a impaciência rondavam os clientes.

Coloquei a conta paga no bolso da calça e ouvi um barulho oco e seco a cada passada em direção à porta giratória. Nunca mais voltei àquela agência.

Ao entrar no ônibus, avisei-a. Sentada perto da porta, abaixou a cabeça. Fingia não me reconhecer, ao mesmo tempo em que eu treinava a técnica da invisibilidade. Tínhamos vergonha daquilo que já não éramos, da ingenuidade perdida. Quando ele tocava o muro a denunciar minha incapacidade de vencê-lo, ela olhava-me com carinho. Sabia que seria impossível. Dividíamos a certeza absoluta da derrota. Ao transferir-me para as aulas noturnas, fizemos juras de amizade eterna. Além de ser uma batalha perdida, a infância escondida mentiras obscenas. No início, um punhado de cartas tentava nos vencer de que a distância era de apenas poucas horas entre o turno da tarde e o da noite. Quando ela desembarcou do ônibus e ameaçou um leve meneio de cabeça, descobrimos que a distância sempre foi a mesma que, nas corridas, separava-me do caixa de banco que tocava o muro antes de mim: pequena, mas intransponível.

Ele chegava em terceiro ao muro. No futebol, tinha mais habilidade, corria com desenvoltura, apesar de não ter muito arranque. O toque na bola era refinado, o corpo gingava e iludia com facilidade o adversário. Eu me contentava em jogar a bola para o mais longe possível das redondezas da área defendida com empenho e pouquíssima habilidade. Na corrida, eu o vencia, mesmo perdendo para o futuro caixa de banco, sob o olhar amável da menina silenciosa sentada próxima à porta do ônibus. Éramos ligados pela mesma ilusão: a amizade escolar. E corríamos. Eu corria no encaixo do futuro caixa de banco; o bom jogador de futebol corria logo atrás; a menina do ônibus corria os olhos em nossos corpos infantis. O fim chegou rapidamente. As cartas miniguaram. A musculatura ganhou novos contornos. A noite de nicotina soterrou as tardes ensolaradas.

Na praça, ele (o bom jogador de futebol) vinha em minha direção. Cabeça raspada, corpo magricelo. Algumas rugas se insinuavam nos cantos dos olhos em harmonia com os vincos da testa. Olhamo-nos e um tímido cumprimento perdeu-se por entre os respingos do chafariz inundado pela molecada de rua. Tomamos direções contrárias. Cada qual em sua velocidade imaginária.

Zátopek sempre rompia a linha de chegada com uma expressão de dor e desespero desenhada no rosto. **■**





# GRANTA

EM LÍNGUA PORTUGUESA

Direção de  
**Gustavo Pacheco e Pedro Mexia**



## LONGE

Textos de: **Chloe Aridjis, William Atkins, Elsa Court, Mateo García Elizondo, Tiago Ferro, Michael Ignatieff, Adelaide Ivánova, Calila das Mercês, Yara Nakahanda Monteiro, José Viale Moutinho, Maria José Oliveira, Gunnhild Øyehaug, Edward W. Said, Marcelo Vicintin, Francisco José Viegas, Joana Stichini Vilela**

Ensaio fotográfico: **Ana Caria Pereira e Caio Reisewitz**

Direção de imagem: **Daniel Blaufuks**

COMPRE O NOVO NÚMERO OU  
FAÇA UMA ASSINATURA COM 25% DE DESCONTO.  
SAIBA MAIS EM

**WWW.TINTADACHINA.PT**